



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

FERNANDA MARTINS D'ÁVILA

**LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA: PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA NAS
ÁREAS DE EDUCAÇÃO E LETRAS**

Florianópolis

2019

FERNANDA MARTINS D'ÁVILA

**LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA: PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA NAS
ÁREAS DE EDUCAÇÃO E LETRAS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação, área de concentração Gestão da Informação, linha de pesquisa Organização, Representação e Mediação da Informação e do Conhecimento, eixo Profissionais da informação, competência em informação e publicação científica.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Clarice Fortkamp Caldin.

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

D'Ávila, Fernanda

Literatura Infantil Brasileira: produção bibliográfica
nas áreas de Educação e Letras / Fernanda D'Ávila;
orientador, Clarice Caldin, 2019.

106 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós
Graduação em Ciência da Informação, Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Ciência da Informação. 2. Literatura. 3. Literatura
Infantil. 4. Literatura Infantil Brasileira. 5. Monteiro
Lobato. I. Caldin, Clarice. II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Ciência da
Informação. III. Título.

Fernanda Martins D'Ávila

Literatura Infantil Brasileira: produção bibliográfica nas áreas de Educação e Letras

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof^ª. Gleisy Regina Bóries Fachin, Dr^ª.

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª. Eliana Maria dos Santos Bahia Jacintho, Dr^ª.

Universidade Federal de Santa Catarina

Prof^ª. Ursula Blattmann, Dr^ª.

Universidade Federal de Santa Catarina

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestre em Ciência da Informação.

Prof. Dr. Adilson Luiz Pinto

Coordenador do Programa

Prof. Dr^ª. Clarice Fortkamp Caldin

Orientadora

Florianópolis, 29 de agosto de 2019.

Aos meus pais, meu início, minha força, minha fortaleza, meu chão;

À minha filha, minha continuação, o melhor de mim;

Ao Edu, a metade contrária de mim.

O livro é aquele brinquedo, por incrível que pareça, que, entre um mistério e um segredo, põe ideias na
cabeça.
Maria Dinorah

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por tudo que me deu principalmente o caminho a seguir. Aos meus pais, Carlos e Neiva, pelos exemplos de pessoas que são, ao incentivo, amor incondicional, por serem pessoas maravilhosas, especiais e amigas. Amo vocês!

À Isadora, por existir!

À Universidade Federal de Santa Catarina pelo ensino público, gratuito e de qualidade.

À minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Clarice Fortkamp Caldin pelo incentivo, força e apoio durante a elaboração deste trabalho.

Às professoras Gleisy Regina Bóries Fachin, Eliana Maria dos Santos Bahia Jacintho e Ursula Blattmann por aceitarem fazer parte da minha banca.

Ao meu amor: Eduardo Valadares, pelo apoio, ajudas, ideias e incentivo!

À amiga, comadre, irmã do coração e da vida: Tamara Régis, que está presente em todos os momentos. Por todo o carinho, apoio e contribuição ao longo desta jornada!

À amiga querida Kelly Azevedo que mesmo a distância está sempre me apoiando e encorajando!

Ao meu estimado amigo Eliezer Conceição pelos diversos tipos de serviços prestados desde babá à motorista! E muito mais que isso, amigo e parceiro para todos os momentos!

À minha amiga amada Marli Chaves por tudo que ela representa na minha vida!

À amiga querida e sempre disponível a ajudar: Sônia Brambilla.

À querida amiga Géssica Carneiro pelo apoio, carinho, amizade e cuidados com a Isadora.

Ao querido amigo João Eller pelo apoio e grande ajuda em assuntos tecnológicos.

Ao meu amigo querido desde os tempos da adolescência: Tyaraju Terra, pelas observações, pontos e vírgulas.

A todos que de alguma forma participaram dessa jornada!

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar a produção bibliográfica sobre literatura infantil brasileira em dissertações e teses de Educação e Letras, no período compreendido entre 2009 e 2018. Essa pesquisa se justifica, pois se acredita que as primeiras experiências com a literatura poderão propiciar um saudável desenvolvimento social, emocional, mental e cognitivo nas crianças e influenciar na formação da competência leitora e no processo de escolarização. Como bibliotecária, ressalto a importância da literatura infantil, e, em especial, da literatura infantil brasileira, como necessária à formação integral da criança em nosso país. Assim, achou-se por bem procurar nos Programas de Pós-Graduação dessas duas áreas do conhecimento quantos trabalhos estão disponíveis para consulta a todos os pesquisadores interessados em literatura infantil brasileira. Do ponto de vista da abordagem do problema esse estudo se caracteriza como uma pesquisa qualiquantitativa e de acordo com os objetivos propostos, como uma pesquisa exploratória - descritiva. Do ponto de vista dos procedimentos técnicos a pesquisa é bibliográfica, haja vista que, em um primeiro momento, valeu-se de material já publicado para elaborar a fundamentação teórica acerca da literatura em geral, literatura infantil, literatura infantil brasileira, e sobre a presença marcante de Monteiro Lobato nessa última. Em um segundo momento, consistiu em realizar buscas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Para a análise dos dados foi utilizada a Análise de Conteúdo de Bardin, e estabeleceram-se quatro categorias para fins de análise: literatura, literatura infantil, literatura infantil brasileira, Monteiro Lobato. Após a exclusão de alguns trabalhos que se repetiam e de outros que fugiam ao foco da pesquisa, obteve-se um total de 51 dissertações (28 em Educação e 23 em Letras) e 24 teses (15 em Educação e nove em Letras). Observou-se que os trabalhos recuperados relacionam a literatura com a escola, considerando em especial a literatura infantil como apropriada a exercícios didáticos e a formação do leitor como um desafio do professor em virtude das carências em nosso país, como falta de bibliotecas e acervo precário das existentes. Entretanto, alguns trabalhos apontam a fruição de textos literários como importante para o desenvolvimento emocional das crianças e mostram a preocupação com o ludismo, as imagens e a mediação do texto ficcional infantil. No tocante à literatura infantil brasileira, os trabalhos versam sobre o surgimento desta no Brasil, alguns escritores que contribuíram para seu desenvolvimento em determinados momentos da vida social, econômica, política e cultural do país; além disso, mostram o crescimento do mercado editorial brasileiro voltado para as crianças desde a Proclamação da República, pois o mesmo tinha como garantido o público escolar. Acerca de Monteiro Lobato, os trabalhos destacam as inúmeras facetas desse escritor que radicalizou a literatura infantil no Brasil, inovando-a com enredo e personagens diferenciados dos então existentes; mostram também sua participação ativa como escritor, adaptador e editor de textos infantis. Conclui-se que a produção dos últimos dez anos fornece um panorama geral do que tem sido pesquisado nos Programas de Pós-Graduação em Educação e Letras, e serve para identificar as carências e as possibilidades nos estudos acerca da temática literatura infantil brasileira. Sugere-se aprofundamento dessa pesquisa por meio de outras bases de dados com o intuito de verificar se a Ciência da Informação está produzindo trabalhos que enfoquem o tema em questão.

Palavras-chave: Literatura infantil. Literatura infantil/juvenil. Literatura infantil brasileira. Monteiro Lobato - escritor.

ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the literature on Brazilian children's literature, in dissertations and theses of Education and Letters, in the period between 2009 and 2018. This research is justified, because it is believed that the first experiences with literature may provide a healthy social, emotional, mental and cognitive development in children and influence the formation of reading competence and the schooling process. As a librarian, I emphasize the importance of children's literature, and especially Brazilian children's literature, as necessary for the integral formation of children in our country. Thus, it was considered good to search in the Graduate Programs of these two areas of knowledge how many works are available for consultation to all researchers interested in Brazilian children's literature. From the point of view of the problem approach, this study is characterized as a qualitative and qualitative research and according to the proposed objectives, as an exploratory - descriptive research. From the point of view of the technical procedures, the research is bibliographic, considering that, at first, it used material already published to elaborate the theoretical foundation about the general literature, children's literature, Brazilian children's literature, and about the presence of Monteiro Lobato in the latter. Secondly, it consisted of searching the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD) of the Brazilian Institute of Information on Science and Technology (IBICT). For data analysis we used the Bardin Content Analysis, and four categories were established for analysis purposes: literature, children's literature, Brazilian children's literature, Monteiro Lobato. After excluding some repeating works and others that escaped the focus of the research, a total of 51 dissertations (28 in Education and 23 in Letters) and 24 theses (15 in Education and 9 in Letters) were obtained. It was observed that the recovered works relate the literature with the school, considering in particular the children's literature as appropriate to didactic exercises and the reader's formation as a challenge of the teacher due to the lack in our country, such as lack of libraries and precarious collection existing ones. However, some works point to the enjoyment of literary texts as important for the emotional development of children and show the concern with playfulness, images and mediation of children's fictional text. Regarding Brazilian children's literature, the works deal with its emergence in Brazil, some writers who contributed to its development at certain times in the social, economic, political and cultural life of the country; Moreover, they show the growth of the Brazilian publishing market focused on children since the Proclamation of the Republic, because it was guaranteed by the school public. About Monteiro Lobato, the works highlight the countless facets of this writer who radicalized children's literature in Brazil, innovating it with different plot and characters from those existing at the time; They also show their active participation as a writer, adapter and editor of children's texts. It is concluded that the production of the last ten years provides an overview of what has been researched in the Graduate Programs in Education and Letters, and serves to identify the needs and possibilities in studies on the theme Brazilian children's literature. It is suggested to deepen this research through other databases in order to verify if Information Science is producing works that focus on the subject in question.

Keywords: Children's literature. Brazilian children's literature. Monteiro Lobato - writer.

LISTA DE SIGLAS

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CI – Ciência da Informação

CPGLL – Curso de Pós-Graduação em Linguística e Letras

FNLIJ - Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

IBICT – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

ILA – Instituto de Letras e Artes

PPGL – Programa de Pós-Graduação em Letras

PROFLETRAS – Programa de Mestrado Profissional em Letras

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SESC – Serviço Social do Comércio

UAB – Universidade Aberta do Brasil

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNESCO – *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Obras de Monteiro Lobato	55
Quadro 2 – Número dos trabalhos por área do conhecimento	65
Quadro 3 – Número de trabalhos por palavras-chave.....	66
Quadro 4 - Dissertações e Teses por Programa de Pós-Graduação.....	67
Quadro 5 – Dissertações e Teses por Regiões.....	70
Quadro 6 - Dissertações e Teses sobre Literatura	71
Quadro 7 – Dissertações e Teses sobre Literatura Infantil	75
Quadro 8 – Dissertações e Teses sobre Literatura Infantil Brasileira.....	82
Quadro 9 - Dissertações e Teses sobre Monteiro Lobato.....	89
Quadro 10 – Categorias e suas Contribuições em Geral.....	96

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 JUSTIFICATIVA	12
1.1.1 Justificativa Pessoal.....	13
1.1.2 Justificativa Acadêmica e Profissional	14
1.2 PROBLEMA DA PESQUISA.....	15
1.3 OBJETIVOS.....	15
1.3.1 Objetivo Geral	16
1.3.2 Objetivos Específicos.....	16
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
2.1 LITERATURA: CONCEITOS, HISTÓRICO E TEORIA	17
2.2 LITERATURA INFANTIL.....	25
2.3 HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA.....	38
2.4 MONTEIRO LOBATO: UM INOVADOR DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA.....	51
3 METODOLOGIA DA PESQUISA.....	62
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	62
3.2 TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS.....	64
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	67
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	99
REFERÊNCIAS	101

1 INTRODUÇÃO

O surgimento da literatura se dá nos primórdios da humanidade; na Grécia Antiga encontram-se as primeiras reflexões sistemáticas sobre aquilo que ainda hoje conhecemos por literatura, ou seja, um texto ficcional, permeado de metáforas.

Entende-se por literatura infantil não apenas a produção literária direcionada à criança, mas também a que seja do interesse da criança. Esta, por estar em uma fase da vida em que tudo é novidade, está receptiva a descobertas - pode receber a Literatura Infantil como uma fonte repleta de conhecimentos e diversão, pode, por meio dela, aprender a gostar de ler.

Instigar, provocar e alimentar o desejo pelas histórias e suas interpretações, trazem para a criança o despertar lúdico e criativo, desenvolve e enriquece suas descobertas, bem como sua visão do mundo. Para tanto a disponibilidade de livros infantis específicos é de extrema relevância.

Nesta dissertação pesquisou-se como a literatura, a literatura infantil e a literatura Infantil brasileira estão sendo discutidas nos programas de Pós-Graduação nas universidades brasileiras nas áreas do conhecimento de Educação e Letras. Conceituou-se literatura, seu histórico e teoria; esclareceu-se que a literatura infantil é arte, deve possuir literariedade, mas sempre esteve articulada com a pedagogia; apresentou-se um panorama histórico da literatura infantil brasileira e apontou-se Monteiro Lobato como o precursor da literatura Infantil brasileira.

1.1 JUSTIFICATIVA

Não é demais lembrar que a infância é a fase em que o indivíduo está formando sua personalidade, descobrindo o mundo que o cerca, em que a curiosidade está mais aguçada e tudo ainda ao seu redor é novo. A qualidade das primeiras experiências com a literatura poderá propiciar um saudável desenvolvimento social, emocional e cognitivo nas crianças, fato que também pode influenciar na formação da competência leitora e no êxito duradouro de sua aprendizagem no processo de escolarização e, mais tarde, em sua vida.

Segundo Bortolin (2001, p. 16)

[...] a importância da leitura para a formação da personalidade do indivíduo ocupou a atenção e o esforço dos pesquisadores, a ponto de, na atualidade, não se ter mais dúvidas quanto à necessidade de se proporcionar às crianças e aos adolescentes o convívio com textos literários, para que eles cresçam estimulados a ler, descobrindo o mundo e a si mesmos.

A escolha desse tema também se dá pela contribuição da literatura infantil à identificação pessoal da criança viabilizando a percepção de diferentes soluções de problemas, despertando a imaginação, propiciando o desenvolvimento da sensibilidade e da sociabilidade, incentivando a autonomia e a criticidade, que são elementos necessários à formação da criança, futuro cidadão em nossa sociedade. Se a leitura literária está vinculada ao prazer, às emoções e à imaginação que deve proporcionar ao leitor, em se tratando da leitura executada por crianças, pode-se dizer que é mergulhar no mundo mágico das letras proporcionando surpresas e bons encontros com a literatura (ABRAMOVICH, 1997). De fato, Abramovich (1997, p. 16) afirma que é imprescindível para a formação da criança escutar muitas, muitas histórias: “Escutá-las é o início da aprendizagem para um ser leitor”.

1.1.1 Justificativa Pessoal

Meu interesse pela literatura vem desde a infância, parte da minha vivência como leitora voraz foi desde antes da alfabetização em que meu pai foi o grande incentivador. Ele próprio um leitor nato, me ensinou as primeiras letras antes de eu ingressar na pré – escola e despertou meu interesse pelos livros.

Outra figura primordial neste processo foi minha avó paterna que, mesmo analfabeta, também contribuiu com meu despertar para a leitura e a literatura infantil. Vovó contava histórias da Carochinha e do Pedro Malasartes todas as noites nas férias quando eu era criança. E eu ficava imaginando aquelas histórias, como seriam os lugares, as personagens, as vozes, as características. Minha madrinha também muito influenciou neste trajeto, me presenteando com livros de literatura infantil. Lembro a alegria que senti quando ela me presenteou no Natal com a primeira coleção de livros. O cheiro, a textura, as palavras, as ilustrações, tudo tão novo e tão belo! Que sensação indescritível! Lembro o quanto fiquei maravilhada abrindo os pacotes e vendo aquele universo novo a ser descoberto em minhas mãos, devorando os livros em seguida.

Quando adolescente, vivia na biblioteca do colégio Estadual Candido José de Godói em Porto Alegre e depois de ler toda a coleção, fui buscar maiores desafios frequentando Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul. Inclusive, o local me inspirou na escolha da profissão. Era frequentadora assídua, leitora ávida, influenciando meus amigos a lerem também.

A literatura é muito importante na minha vida, pois tem o poder de me transportar a mundos distantes, a planetas, galáxias, ao que a minha imaginação quiser e permitir. Quando

um livro me prende vou lendo com entusiasmo cada palavra, cada página, e a história vai fluindo, os enigmas se revelando, as tramas se descobrindo, trazendo uma alegria e satisfação que só a literatura pode proporcionar. É a fruição da arte em essência. Além disso, há alguns bônus extras: o aumento do vocabulário, a melhora na fluência verbal, da escrita, da ortografia, da compreensão e da percepção do que acontece ao nosso redor e no mundo. Nossa capacidade de discernimento e perspicácia também é privilegiada. Para mim, o livro é uma excelente opção de lazer, cultura, diversão e entretenimento e uma ferramenta de socialização.

1.1.2 Justificativa Acadêmica e Profissional

Tudo isso fez com que eu resolvesse cursar Biblioteconomia. Posso afirmar que minha escolha profissional na área foi fruto de ter sido uma leitora assídua, dessa forma, optei por estudar Biblioteconomia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em Porto Alegre/RS e me formei no ano de 2005. Atuei em bibliotecas escolares, durante o curso, como estagiária, quando vivenciei a teoria com a prática, auxiliando os estudantes em suas pesquisas, contribuindo com seu aprendizado e principalmente incentivando-os a gostarem de ler. Fui estagiária na Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul, atendendo nas bibliotecas de bairro que faziam o papel de biblioteca escolar, pois o acervo era direcionado para tal fim, suprimindo a carência das bibliotecas escolares do município sendo os usuários, na maioria, crianças.

Depois de formada, busquei especializações na área de biblioteca escolar, mas, infelizmente não encontrei um curso específico, optando por fazer uma especialização em Gestão Educacional no Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC), que conclui em junho de 2007. Também participei de um curso de contação de histórias no Serviço Social do Comércio (SESC) em Porto Alegre no ano de 2006.

Quando surgiu o curso de especialização em Gestão de Bibliotecas Escolares ofertado pela Universidade Aberta do Brasil (UAB), em parceria com a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em 2013, tive a oportunidade que eu precisava. Foi uma experiência gratificante e encantadora, pois, além dos novos conhecimentos, fui convidada a participar do livro *Inovação em Escolas com Bibliotecas*, em coautoria com a professora Dr^a. Gleisy Regina Bóries Fachin, organizado pela professora Dr^a. Ursula Blattmann e pelo professor Dr. William Barbosa Vianna, em que minha monografia foi adaptada a um capítulo intitulado *O lúdico literário nas bibliotecas escolares*, publicado em 2016.

Paralelamente a esta especialização, participei da seleção de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UFSC. No decorrer do curso engravidei da Isadora, que é minha inspiração de vida e que começa a dar os primeiros indícios de gostar tanto de livros quanto eu. Desde a gravidez, lia para ela. Quando ela nasceu continuei neste processo, assim, como o pai dela, como contador de histórias que é, também lê e conta histórias para ela. Hoje, com apenas um ano, mal falando as primeiras palavras, ela já nos pede para lermos para ela. Pega o livro e nos alcança, fazendo gestos e pedindo para ler, e não se cansa de ouvir diversas vezes a mesma história, pedindo-nos para repetir, até apontar outro livro e pedir para lermos novamente.

Desde maio de 2007 exerço minha profissão em uma biblioteca especializada e sei da relevância em oferecer a excelência da área aos usuários, em diversos formatos – bases de dados, revistas e livros, impressos ou digitais, entre outras fontes. Entretanto, permanece meu interesse pela literatura infantil, pois considero, até mesmo pela minha trajetória de vida, que na infância, principalmente, se forma o gosto pela leitura e o amor à literatura.

Assim, diante das influências que minha história de vida, que influenciaram na escolha de minha formação profissional, surge a inspiração para aprofundar os estudos sobre a literatura infantil.

Neste sentido, esta pesquisa se justifica, pois, como bibliotecária e como mãe, advogo que a literatura infantil abre portas para novas possibilidades, de viajar por mundos inimagináveis sem que se saia fisicamente do lugar, faz sonhar e viver outras vidas com as personagens das histórias.

1.2 PROBLEMA DA PESQUISA

Acreditando nas potencialidades da literatura infantil delineou-se a seguinte questão: Como está a produção bibliográfica em dissertações e teses em Educação e Letras acerca da literatura infantil no Brasil?

1.3 OBJETIVOS

Com a finalidade de responder à questão norteadora desta pesquisa, são enunciados, nas subseções que seguem o objetivo geral e os objetivos específicos.

1.3.1 Objetivo Geral

Analisar a produção bibliográfica sobre literatura infantil no Brasil, em dissertações e teses de Educação e Letras, no período compreendido entre 2009 e 2018.

1.3.2 Objetivos Específicos

- a) Identificar a produção bibliográfica sobre literatura infantil em dissertações e teses no Brasil, no referido período, nos Programas de Pós-Graduação em Educação e Letras;
- b) Registrar as dissertações e teses nos referidos Programas sobre literatura, literatura infantil, literatura infantil brasileira e Monteiro Lobato;
- c) Apresentar as regiões do Brasil em que os trabalhos sobre a temática literatura, literatura infantil, literatura infantil no Brasil, Monteiro Lobato são defendidos, seja em Educação, seja em Letras.

Estruturou-se o presente trabalho em seções, sendo essa a introdução, com a justificativa, a apresentação do problema da pesquisa e os objetivos. Segue na seção dois a fundamentação teórica, subdividida em: a) literatura: conceitos, histórico e teoria; b) literatura infantil; c) histórico da literatura infantil brasileira; d) Monteiro Lobato: um inovador da literatura infantil no Brasil. Em seguida, a seção três que trata da metodologia empregada neste trabalho, subdividida em: a) caracterização da pesquisa; b) técnica da análise dos dados. Na seção quatro são apresentados e analisados os dados coletados. Na seção cinco concluiu-se o trabalho com as considerações finais. E, por último, arrolam-se as referências.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nesta seção, está apresentada a fundamentação teórica da pesquisa, que é dedicada ao entendimento da literatura, seus conceitos, histórico e teoria literária e é esclarecido o que se entende por literatura infantil. Em seguida é exposto o histórico da literatura infantil brasileira, e se mostrará as influências de Monteiro Lobato, visto ser ele considerado o divisor de águas no quesito literatura infantil brasileira.

2.1 LITERATURA: CONCEITOS, HISTÓRICO E TEORIA

Literatura é a arte de escrever por meio de metáforas; é, acima de tudo ficção e proporciona o envolvimento emocional do leitor com o texto. É, ainda, a realidade recriada pelo autor que, engajado no mundo, intenta engajar o leitor (SARTRE, 2004). De fato, a literatura apresenta-se como uma estrutura comunicativa (ISER, 1996).

Além de explorar ao máximo a linguagem e ser um texto prazeroso, a literatura possui intemporalidade e universalidade – isso implica dizer que não perde a atualidade e pode atingir qualquer leitor, independente da situação geográfica em que se encontra.

Sartre (2004) define a natureza do objeto literário: não é o que está sendo narrado pelo autor, mas, sim o modo como está sendo narrado. E, como afirma Candido (1972), por meio das obras literárias tem-se contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da condição humana.

A palavra literatura deriva do termo latim *litteratura* que, por sua vez deriva de *littera* e significa o ensino das primeiras letras, fazendo referência ao conjunto de conhecimentos e competências para escrever e ler bem; com o tempo, a palavra ganhou sentido de arte das belas letras, ou arte literária (MOISÉS, 1984).

O conceito de literatura está relacionado com a arte da gramática, da retórica e da poética. A literatura tem como uma de suas funções a representação do real. Segundo Candido (1972, p. 53),

[...] a arte, e, portanto, a literatura, é uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade.

Candido (1995, p. 174) também diz que a literatura pode ser compreendida como “[...] todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações”.

Campedelli e Souza (2009) propõem que a literatura é obra de arte composta por meio de um arranjo das palavras, organizadas de modo especial para lhe atribuir sentidos novos e não usuais, imitando a vida, e postas de modo a criar uma suprarrealidade, isto é, uma realidade paralela causando emoções e sentimentos no leitor.

Segundo Coelho (1987, p. 8) “[...] a literatura é um fenômeno de linguagem plasmado por uma experiência vital/cultural, direta ou indiretamente ligada a determinado contexto social”, a literatura é “[...] arte e, como tal, as relações de aprendizagem e vivência” que ocorrem “entre ela e o indivíduo são fundamentais para que este alcance sua formação integral (Eu + Outro + Mundo) em harmonia dinâmica”.

Em relação a essa formação, a literatura é “[...] a mais importante das artes, pois sua matéria é a palavra, o pensamento, as ideias, a imaginação, exatamente aquilo que distingue ou define a especificidade do humano” (COELHO, 1987, p. 8).

Lajolo (1982, p. 43) diz que “[...] a literatura é a porta de um mundo autônomo que, nascendo com ela, não se desfaz na última página do livro, no último verso do poema, na última fala da representação” e que “[...] permanece ricocheteando no leitor, incorporando como vivência, erigindo-se em marco do percurso de leitura de cada um”. A Literatura permanece na memória, na vida, fazendo parte do nosso cotidiano como um ente querido que nos invade e nos faz transcender.

Souza (1999, p. 42, grifo do autor) estabelece a seguinte distinção:

Primeiro literatura *lato sensu*: conjunto da produção escrita, objeto dos estudos literários segundo a orientação positivista do século XIX; segundo literatura *stricto sensu* parte do conjunto da produção escrita e, eventualmente, certas modalidades de composições verbais de natureza oral (não-escrita), dotadas de propriedades específicas, que basicamente se resumem numa elaboração especial da linguagem e na constituição de universos ficcionais ou imaginários.

As propriedades específicas se configuram como literariedade, ou seja, aquilo que identifica uma obra como literária.

Segundo Caldin (2010, p. 52) “Literariedade é a forma especial como a linguagem literária se apresenta: é um desvio da linguagem usual, corriqueira, para uma linguagem elaborada, poética”. Marques e Calzavara (2009, p. 5) afirmam também que a literariedade

baseia-se num “[...] conjunto de propriedades que caracterizará o texto literário e o faz particular perante outros textos”.

E Samuel (2007, p. 7) explicita que a literariedade é constituída “[...] pelas metáforas, metonímias, sonoridades, ritmos, narratividade, descrição, personagens, símbolos, ambiguidades e alegorias [...]”.

De fato,

[...] a literariedade relaciona-se a uma espécie de dimensão estética que promove novas relações de sentido através do trabalho com a linguagem. Noções como inventividade, ficcionalidade, função poética da linguagem, valorização da forma, plurissignificação [...] são constitutivas da criação literária, e nesse caso, do fenómeno da literariedade que é o argumento que [...] caracteriza o fato literário (MARQUES; CALZAVARA, 2009, p. 8).

Então, o conjunto de normas e estruturas da obra de arte literária se constitui como um determinado uso da língua que seria característico da literatura, pois, conforme Welck e Warren (2003, p. 14),

[...] a língua é o material da literatura, como a pedra ou o bronze são o da escultura, as tintas o de pintura, os sons o da música. Devemos perceber, porém, que a língua não é matéria inerte, como a pedra, mas é, ela própria, uma criação do homem e, assim, carrega com a herança cultural de um grupo linguístico.

Muito embora a língua não seja matéria inerte, como a pedra, é bom lembrar que a dureza e solidez da rocha serviram como peça fundamental aos primeiros registros dos acontecimentos humanos.

Cabe lembrar, também, que o surgimento da literatura se dá nos primórdios da humanidade, no tempo em que o homem era nômade e desconhecia a escrita. Oralmente, canções e lendas foram passadas por meio das gerações, sendo o berço da literatura de todos os povos. Com o advento da escrita, as pessoas passaram a desenhar e pintar nas paredes das cavernas memorizando a herança verbal. Posteriormente, esses registros foram armazenados em outros suportes como os pergaminhos, papiros, óstracos e tabuletas.

É na Grécia Antiga que se costumam localizar as primeiras reflexões sistemáticas sobre aquilo que ainda hoje se chama literatura. Foi nesse período que começou a tomar forma um conceito e uma prática de literatura cujas metamorfoses últimas são as que se conhecem hoje (LAJOLO, 1982).

Coelho (1991) traça a trajetória da literatura desde as narrativas indo-europeias até à era romântica: a narrativa primordial das fontes orientais que são incorporadas e adaptadas ao

ocidente europeu; a formação da burguesia e seu papel na divulgação da literatura; o momento cultural do Romantismo que proporcionou a criação da literatura para crianças.

Não se pretende adentrar mais no histórico da literatura nessa subseção, mas mostrar a importância da mesma no desenvolvimento do ser humano.

Como todas as artes, a literatura permite imaginar e sonhar. Ao ler, imagina-se os personagens, dando vida a eles, identifica-se mais com uns, antipatiza-se com outros, é uma mistura de diversão e sofrimento. Todavia, a literatura também é fonte rica de conhecimento, pois por meio dos livros pode-se compreender melhor sobre o que está à nossa volta. É mais fácil aprender com diversão, e a literatura possui essa potencialidade – tanto é que apadrinha a leitura por prazer.

Vargas Llosa (2010, p. 2) diz que ler literatura “[...] é aprender o que e como somos - em toda a nossa humanidade, com nossas ações, nossos sonhos e nossos fantasmas -, tanto no espaço público como na privacidade de nossa consciência”. E continua afirmando que

[...] esse conhecimento encontra-se apenas na literatura, e nem mesmo os outros ramos das ciências humanas - a filosofia, a história ou as artes - conseguiram preservar essa visão integradora e um discurso acessível ao leigo, pois também eles sucumbiram ao domínio da especialização (VARGAS LLOSA, 2010, p. 2).

Também o mesmo autor afirma que o elo fraternal que a literatura estabelece entre os seres humanos transcende todas as barreiras temporais. Ele diz ainda que “[...] a sensação de ser parte da experiência coletiva através do tempo e do espaço é a maior conquista da cultura, e nada contribui mais para renová-la a cada geração do que a literatura” (VARGAS LLOSA, 2010, p. 2).

Segundo Vargas Llosa (2010, p. 3) a literatura proporciona efeitos benéficos e um deles ocorre no plano da linguagem, pois “[...] uma sociedade sem literatura escrita se exprime com menos precisão, riqueza de nuances, clareza, correção e profundidade àquela que cultivou os textos literários” visto que “[...] nenhuma disciplina substitui a literatura na formação da linguagem”.

E complementa “[...] o conhecimento transmitido por manuais técnicos e tratados científicos é fundamental”, porém é por meio da literatura que se aprende de forma lúdica e prazerosa; ele advoga que: “[...] a literatura permite viver num mundo em que as regras inflexíveis da vida real podem ser quebradas, onde nos libertamos do cárcere do tempo e do espaço onde podemos cometer excessos sem castigo e desfrutar de uma soberania sem limites” (VARGAS LLOSA, 2010, p. 5). Assim, a literatura nos possibilita viajar sem sair do

lugar. É um meio de transportar o leitor a lugares mágicos e improváveis, sem barreiras e normas.

Defende Meireles (2016, p. 32) que,

[...] por um lado, valendo-se do poder mágico da palavra, dirige-se às forças da natureza, aos poderes dispensadores de poderes materiais, para que a vida do homem seja mais próspera ou mais feliz. Por outro lado, utilizando o poder comunicativo e sugestivo da palavra, procura transmitir a experiência já vivida, e que encerra, embora de modo empírico, noções do mundo e de seus diversos problemas, numa síntese da vida realizada pelos que a observaram de mais perto, e à custa própria.

Samuel (2001) afirma que como cultura, a arte literária é reduto de luta que protesta contra a utilização instrumental do homem pela técnica; um momento do espírito humano, em que o homem se redescobre como um ser cultural.

E Samuel (2001, p. 15) continua:

[...] a literatura é ação porque interfere indiretamente nas consciências, no sentido de humanizar o próprio homem. Atua internamente na consciência do leitor. É um meio convincente de ação, pois o receptor fica mais tempo diante da mensagem artística do que o receptor das outras artes, como a pintura e a música. Um romance estabelece um alto grau de intimidade com seu leitor. O leitor demora mais tempo com ele, vive mais tempo com ele. A mensagem tem tempo para explicar-se, consolidar-se. A literatura é discurso como o pensamento, e assim há um maior intercâmbio de formação e conceitos no texto interno do leitor.

Candido (1972, p. 806) diz que “[...] a literatura não corrompe nem edifica, mas humaniza em sentido profundo porque faz viver”, diz também que: “[...] a literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial. [...], ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa com ela”. Candido (1995, p. 113) elucida que,

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.

De fato, “[...] a literatura, permitindo extrapolar os limites de leitura [...] para a leitura de “invenção”, expressiva, proporciona o desvelamento do mundo, a revelação do próprio sujeito e garante o prazer de ler” (YUNES; PONDÉ, 1988, p. 62). A literatura, como todas as outras artes, provoca o prazer estético em seu receptor, pois ela permite ir muito além do que se mostra, proporcionando sensações e experiências inigualáveis como Todorov (2017) reitera que a literatura abre a possibilidade de interação com os outros e assim sendo nos beneficia infindavelmente. E continua ilustrando quando sanciona que a literatura “[...] proporciona

sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo” (TODOROV, 2017, p. 24).

Dessa maneira, é possível que o leitor exerça com competência e fascínio a prática da leitura, transformando o ato de ler num relacionamento espontâneo e afetivo com o texto ultrapassando a fronteira da mera decifração dos signos linguísticos delineando uma nova visão de mundo e de leitura (RIBEIRO, 2012).

A literatura, realmente, é a porta de entrada a um mundo novo, repleto de interações, de descobertas, de novas possibilidades e experiências em que a imaginação e a criatividade estão livres; em que se é capaz de alçar os mais diversos voos. Literatura é fruição, é prazer à medida que existem todas essas possibilidades. Por tudo isso, merece ser objeto de estudo.

Como afirma Souza (1999, p. 5-7) “[...] sem uma teoria, a literatura é o óbvio” e “[...] fazer da literatura um objeto de questionamento ou problematização – implica a construção de uma teoria”, ou seja, “[...] fazer da literatura um problema digno de estudo”. Marques e Calzavara (2009, p. 2) alegam que “[...] a teoria literária tenta indicar as propriedades definidoras da natureza da literatura” e “[...] busca explicar tal conceituação, sua aplicação às várias formas de representação, a experiência do artista e a recepção por parte do leitor/fruidor”.

Eles afirmam que “[...] historicamente, a teoria literária desenvolveu-se a partir do exame da observação de materiais literários e todos os aspectos que constituem esses objetos, tais como autor, receptor (leitor), linguagem, gênero”. Ainda para estes autores “[...] a teoria literária compreende o campo da teoria da interpretação da literatura e da crítica literária”, trata-se “da investigação científica dos objetos literários” (MARQUES; CALZAVARA, 2009, p. 3).

De acordo com Souza (1999, p. 8) “[...] teorizar sobre algo é transformá-lo num objeto problemático, isto é, de interesse para um estudo de caráter metódico e sistemático”. E continua ainda esse autor que,

[...] contrariando a sólida tradição de que a literatura se presta a tornar-se objeto de um estudo [...] desenvolveu-se uma posição que pretende subtrair o texto literário a esse circuito intelectualista, para restituí-lo à fruição subjetiva e desinteressada de métodos e conceitos, próxima àquela espécie de desarmamento teórico próprio do leitor comum (SOUZA, 1999, p. 15).

Assim, a literatura presta-se não apenas ao deleite da leitura, mas também, ao estudo e a teorização.

O mesmo autor ainda esclarece que o termo “teoria da literatura”,

[...] foi empregado inicialmente no título de duas obras russas – *Notas para uma teoria da literatura* (1905), de Alexander Portebnia, e *Teoria da literatura* (1925), de Boris Tomachesvsky -, sem que essas ocorrências lhe conferissem utilização mais ampla. No entanto, com o prestígio alcançado pelo livro de que são co-autores [sic] o tcheco René Wellek e o norte-americano Austin Warren, publicado em 1942 com o título *Teoria da literatura*, esse termo se difundiria e se consagraria, para designar atualmente a disciplina que investiga a literatura (SOUZA, 1999, p. 19, grifo do autor).

Souza (1999) lembra que coube a Roman Jakobson, em 1919, a compreensão de que a literariedade, é, de fato, o objeto do estudo literário. Defende, entretanto, que a teoria literária se volta para investigar a elaboração especial da linguagem, o desvio da fala convencional para uma fala poética, mas investiga também o universo ficcional, ou seja, entende que além da questão linguística deve-se verificar como o texto literário se articula com os processos sociais (SOUZA, 1999).

Dessa maneira, a teoria da literatura pode ser investigada pela Sociologia, Antropologia, Psicanálise, História e Ciência da Informação, pois esta última admite estudos interdisciplinares.

Samuel (2007, p. 7, grifo do autor) faz as seguintes reflexões: “Mas, o que estuda a teoria literária? A princípio ela responde ao que é – a *literatura*? Que textos? Que tipos de gêneros existem? Como se faz a *leitura*? Como se recebe ou se lê um texto? Como interpretar? Quais os interesses ocultos do seu saber?”

A respeito da leitura, cabe lembrar da Teoria da recepção, desenvolvida por Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser. Tais teóricos se preocupavam como o leitor recebia a obra literária. Ambos se preocupavam com o leitor adulto.

Jauss “propunha que possamos entender a literatura como um processo que reconhece o papel do *consumidor* ou *leitor*, na interação entre autor e público” e “Iser desviou sua atenção do texto como objeto para o texto como potência, ou dos resultados para o ato de ler” (SAMUEL, 2007, p. 166, 167, grifo do autor).

Essa pesquisa, voltada para a teoria da literatura infantil, enfatiza o trabalho de Peter Hunt, ensaísta britânico, pioneiro no estudo de gênero literário. Seu livro sobre crítica, teoria e literatura infantil foi escrito, originalmente, em 1991, na Grã-Bretanha. A versão aqui utilizada, de 2010, foi direcionada para o público brasileiro.

Hunt (2010, p. 15, grifo do autor) registra que:

Afirma-se com frequência que os estudos de literatura infantil estão solidamente estabelecidos na educação superior e na cultura em geral, apesar de ainda serem marginalizados pelos teóricos, em especial os que bradam apoiar os ‘excluídos’, e continua: esse livro [...] revela a necessidade de enfrentar opiniões críticas e culturais enraizadas, de convencer os que ocupavam postos do poder crítico e

cultural – principalmente dentro das universidades e de algo que a mim parecia óbvio: a literatura infantil (e as crianças) é uma parte da cultura que não podemos ignorar.

Segundo Hunt (2010, p. 19) “A teoria e a crítica literária parecem não ter relação com as crianças e livros, mas o bom trabalho com literatura infantil depende, em última instância, de crítica coerente e judiciosa”.

O profissional da informação, em especial o bibliotecário escolar, que costuma sugerir leituras, realizar a Hora do Conto, desenvolver atividades de biblioterapia, entre outras, não pode se eximir e conhecer a teoria e a crítica da literatura infantil.

Hunt (2010) reforça a necessidade de bibliotecários e professores conhecerem tanto uma quanto a outra, pois deixariam de ficar escravizados a listas previamente selecionados por outros que decidem o que devem ou não oferecer como leituras às crianças.

Ainda Hunt (2010) esclarece que tanto a teoria quanto a crítica da literatura infantil eram incipientes em 1990, mas o cenário está mudando e atualmente tanto o professor de educação infantil quanto os membros da Academia têm acolhido esses estudos.

Lembra que “A teoria e a crítica possuem outros pontos de contato com os livros para crianças. Elas têm se preocupado, por exemplo, com a política e o poder, a reação do leitor, a desconstrução, as estruturas e os mitos” (HUNT, 2010, p. 33).

Cabe salientar que os textos literários infantis atuais no Brasil mostram uma realidade bem diferente da realidade do século XX: apresentam temas polêmicos, tratam da sexualidade, da morte, dos medos e nova estrutura familiar, entre outros assuntos.

A esse respeito, argumenta ainda, Hunt (2010, p. 37, grifo do autor) explicita que:

Esta [a literatura infantil] não pode escapar – ainda que alguns de seus profissionais assim o desejassem – da ideologia, passada ou presente. Só porque o texto se destina a leitores supostamente ‘inocentes’ não basta que ele seja em si mesmo inocente. Por conseguinte, questões fundamentais devem ser enfrentadas. O que exatamente está sendo controlado num texto? O que pode ou deve ser censurado? E por quem?

A atualização dos temas de literatura infantil no Brasil reflete o contexto sociocultural que estamos vivenciando. Um contexto, até então, liberal e crítico. Neste sentido estes temas polêmicos como bullying, sexualidade, reprodução, racismo, entre outros, recebem adaptações de linguagem, são estruturados com aspectos de ludicidade, ilustrações e se inserem no universo infantil. Apesar de críticas e censuras o mercado editorial dos livros de literatura infantil no Brasil tem trazido à tona debates que são urgentes para o desenvolvimento cognitivo, psicológico e social das crianças. Sabendo a relevância da literatura para o compartilhamento de saberes e códigos semióticos repletos de significados

culturais no contexto das sociedades, a literatura infantil não pode se privar de debater e problematizar temas atuais no universo infantil.

2.2 LITERATURA INFANTIL

A literatura, como expressão artística, tem a potencialidade de ser fonte de prazer e encantamento, independente do público a que se destina. Todavia, quando se trata de literatura infantil, seu ponto forte é o ludismo, uma vez que o texto preza os anseios e expectativas infantis e tenta, de alguma forma, suprir com leveza o enredo e as ilustrações de forma a instigar o imaginário, deliciar e arrebatá-lo o leitor.

Ousa-se afirmar que a literariedade não se restringe aos textos literários para adultos, ela deve estar presente nos textos literários voltados ao público infantil, pois tem a capacidade de sensibilizar o leitor criança. Dessa forma Coelho (2000, p. 27) ratifica “A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno da criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, por meio da palavra”, que “funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização”. Por meio da literatura, a criança é capaz de vivenciar uma nova realidade e entendê-la pelas vias da metáfora.

Cademartori (2010, p. 8) esclarece que:

[...] a principal questão relativa à literatura infantil diz respeito ao adjetivo que determina o público a que se destina. A literatura, enquanto só substantivo, não predetermina seu público. Supõe-se que este seja formado por quem que esteja interessado. A literatura com adjetivo, ao contrário, pressupõe que sua linguagem, seus temas e pontos de vista objetivam um tipo de destinatário em particular, o que significa que já sabe, a priori, o que interessa a esse público específico.

São as preferências das crianças que definem o gênero literário e também são elas que determinam se a literatura serve ao seu gosto e interesse. Uma possibilidade de categorização mais adequada, segundo Meireles (2016), seria classificar o que as crianças leem com utilidade e prazer, não necessariamente o que é escrito para elas, havendo assim uma literatura infantil a posteriori, não a priori.

A literatura infantil como é conhecida no século XXI, difere de suas origens, uma vez que, atualmente, está atrelada ao ludismo e apresenta inúmeras possibilidades de abordagens considerando seu público alvo que é a criança.

O surgimento da literatura infantil, conforme Coelho (1991), deu-se como uma adaptação das novelas populares da Idade Média, as quais, por sua vez, remontam às

narrativas indo-europeias. Nessas, o maravilhoso foi a fonte misteriosa e privilegiada da literatura.

Caldin (2010) faz uma síntese da literatura infantil no decorrer dos séculos: houve uma fusão das histórias orientais com histórias permeadas de moralidade (Idade Média) cuja preocupação maior era propagar os valores da “civilização cristã” e ir apagando os resquícios da “civilização pagã”; no Renascimento (século XVI) houve um retorno à Antiguidade Clássica greco-romana e as narrativas mesmo presas ao didatismo, são humorísticas; no século XVII a literatura para crianças explora os contos de fadas e as fábulas, sempre com a moralidade explícita; nos séculos XVIII e XIX aparecem em destaque histórias de aventuras, apesar de os contos de fadas continuarem sendo escritos e lidos; no século XX, alicerçada pela psicanálise, os contos de fadas adquirem novo sentido para os pais e pedagogos, surgem os contos que apresentam os problemas sociais, o cotidiano da família; no século XXI os gêneros se mesclam e a literatura voltada ao público infantil apresenta-se diversificada.

Preocupada com a literatura infantil, Meireles (2016, p. 30) destaca que “[...] não há quem não possua, entre suas aquisições da infância, a riqueza das tradições, recebidas por via oral”. É na infância que se ouve histórias dos pais, avós ou de algum educador, o que é fundamental ao processo de desenvolvimento do prazer de ler.

Peres, Marinheiro e Moura (2012) registram que a história da literatura infantil se funde com a literatura popular, pois a literatura direcionada às crianças não nasce como infantil uma vez que descendeu de histórias destinadas aos adultos com fim de ensinamento social, religioso, político e moral. Foi árdua a inserção da literatura infantil no mundo literário, já que a criança, assim como a mulher, não era respeitada e nem vista como cidadã e como tal não era digna de preocupação e atenção do adulto, e por isso passou a ser marginalizada. Nessa época (século XVII), crianças e adultos frequentavam os mesmos lugares em diversas situações, não havia uma separação por idades. A infância não era uma fase da vida diferenciada; tão logo a criança se tornasse independente da mãe, já era inserida no meio adulto.

Gregorin Filho (2007, p. 2) confirma que,

[...] oral ou escrita, clássica ou popular, a literatura veiculada para adultos e crianças era exatamente a mesma, já que esses universos não eram distinguidos por faixa etária ou etapa de amadurecimento psicológico, mas separados de maneira até drástica em função de classe social.

Dessa forma, a literatura infantil é o “[...] reflexo de algumas transformações sociais”, pois “desde seu surgimento instigava a uma reflexão que procurava definir seu estatuto no

contexto das artes em geral” (ALBINO, 2010, p. 1). Com as mudanças referentes ao *status quo* da criança, o cenário literário mundial passa a sofrer significativas reformas.

Albino (2010) aponta que a literatura infantil desponta juntamente com a Revolução Industrial no século XVIII, época em que este sistema substitui os grandes senhores feudais e consolida a burguesia como classe social urbana, fomentando instituições que a ajudaram a alcançar os objetivos almejados. Entre essas instituições destacam-se a escola e a família. Assim, o Estado Absolutista, quebrando o poder dos feudos, incita um novo modo de vida, mais doméstico e menos público, criando um “[...] estereótipo familiar, baseado na organização patriarcal e no modelo de família nuclear” (ALBINO, 2010, p. 2).

Se até o século XVII a criança era vista como um adulto em miniatura, a partir do século XVIII adquire uma nova posição, suscitando “[...] a valorização dos laços de afetividade e não mais de parentesco e herança conforme previa o sistema medieval” (ALBINO, 2010, p. 3).

Dessa feita, a criança foi promovida, ou melhor, obteve visibilidade, um espaço somente seu e uma literatura também a ela dedicada.

Com esse novo *status* social a criança passa a ser vista como frágil, desprotegida e dependente; a criança é valorizada e protegida, sendo separada da hostilidade do mundo adulto ao qual tinha antes livre acesso, agora se faz necessário um novo espaço só dela – e nada melhor que isso do que a escola, inicialmente uma instituição para uns poucos privilegiados, ou seja, os filhos dos mais abastados (ALBINO, 2010).

Albino (2010) afirma, ainda, que coube à escola trabalhar no processo formativo da criança considerando esse novo quadro social realizado por meio da alfabetização, habilitando-a ao consumo das obras impressas que se difundiram no século XVIII como reflexo da industrialização: aperfeiçoamento da tipografia e expansão da produção de livros. Alfabetizada, a criança necessita de material adequado que atenda essa nova demanda, acarretando o começo dos laços entre a literatura e a escola. Albino (2010) menciona que apesar de as primeiras obras ofertadas às crianças terem surgido na aristocrática sociedade do classicismo francês, essas não eram pensadas exclusivamente para o público infantil e sua difusão e efetiva proliferação ocorreram, de fato, na Inglaterra, como reflexo da Revolução Industrial. O livro torna-se produto da industrialização e sujeito às leis de mercado, promovendo e estimulando a criação da escola como instituição formal de ensino, viabilizando sua própria circulação e consumo (ALBINO, 2010).

Para assegurar sua utilidade e visando um mercado específico, o livro infantil adota posturas nitidamente pedagógicas e endossa valores burgueses gerando um grande impasse que seguirá todo o percurso da evolução do gênero (ALBINO, 2010).

Gregorin Filho (2007) reforça que os textos se mostravam muito mais próximos da prática pedagógica do que literários; o caráter lúdico, tão importante para o desenvolvimento da criança, não estava presente.

De acordo com Coelho (2000, p. 48, grifo da autora) existem duas atitudes polares (literária e pedagógica) na literatura infantil e que não gratuitas: “Resultam da indissolubilidade que existe entre a *intuição artística* e a *intenção educativa* incorporadas nas próprias raízes da literatura infantil. Coelho (2000, p. 48-49) atesta também que a produção literária para crianças no Brasil tem conseguido

[...] equacionar os dois termos do problema: literatura para divertir, dar prazer, emocionar... E que, ao mesmo tempo, ensina modos novos de ver o mundo, de viver, pensar, reagir, criar. E principalmente se mostra consciente de que é pela invenção da linguagem que essa intencionalidade básica é atingida.

Por meio de novas linguagens e caminhos é possível equilibrar as duas facetas que a Literatura Infantil possui: a pedagógica e a da diversão, e são essas características que fazem com que a Literatura Infantil seja especial. O mercado editorial da Literatura Infantil brasileira tem superado as expectativas em termos de criatividade e novidade, pois o caráter único pedagógico foi há muito superado.

Para ilustrar esse caráter pedagógico Cademartori (2010, p. 25) constata que:

[...] a literatura infantil apresentou, por determinação pedagógica, um discurso monológico que, pelo caráter persuasivo, não abria brechas para interrogações, para o choque de verdades, para o desafio da diversidade, tudo se homogeneizando numa só voz, no caso, a do narrador.

A infância é uma fase de aprendizado e a literatura infantil tem também essa característica. Cademartori (2010, p. 13) evidencia que,

[...] tradicionalmente, a literatura infantil é um gênero situado em dois sistemas. No sistema literário, é espécie de primo pobre. No sistema da educação, ocupa lugar mais destacado, graças ao seu papel na formação de leitores, que cabe à escola assumir e realizar.

Assim, uma função da literatura infantil é a utilitário-pedagógica que é a grande dominante da produção literária destinada à infância, e isso desde as primeiras obras surgidas, pois foi uma forma de “atender a uma exigência da própria estrutura da cultura ocidental em relação a seu tradicional conceito do ser infantil” (PALO; OLIVEIRA, 2006, p. 6).

De acordo com Palo e Oliveira (2006, p. 12), cabe à função utilitário-pedagógica levar ao verdadeiro diálogo com o ser literário infantil:

[...] propor-se enquanto protopedagogia ou quase-pedagogia, primeira e nascente, capaz de rever-se em sua estratificação de código dominador do ser literário infantil, para, ao recebê-lo em seu corpo, banhar-se também na qualidade sensível desse ser com o qual deve estar em harmônica convivência.

Ainda, Palo e Oliveira (2006, p. 9) esclarecem que, justamente por dar ênfase à função utilitário-pedagógica, a literatura infantil é considerada uma forma literária menor e

[...] contar histórias para crianças sempre expressou um ato de linguagem de representação simbólica do real direcionado para a aquisição de modelos linguísticos. O trabalho com tais signos remete o texto para alguma coisa fora dele, de modo a resgatar dados de um real verossímil para o leitor infantil. Este, tratado fisionomicamente sob o “modo de ser” do adulto, reflete-se para a produção infantil como um receptor engajado nas propostas da escola e da sociedade de consumo. Deverá, sobretudo, apreender, via texto literário infantil, a verdade social.

Conforme a literatura infantil vai conquistando seu espaço, seus leitores e adeptos, seu aspecto persuasivo e até um tanto autoritário foi se modificando e tomando outros rumos que nos dias de hoje faz com que a literatura se aproxime da realidade da criança, mostrando as diversas facetas da vida. Por meio das histórias a imaginação da criança é despertada, aflorando e criando ideias, percebendo o mundo que a cerca, resgatando o real, levando-a a pensar, questionar e duvidar. Dessa maneira, acompanhando a mudança dos tempos, a literatura infantil vai aos poucos perdendo seu caráter didático (muito embora ainda presa ao didatismo) e mostra facetas da vida cotidiana com seus percalços, onde nem tudo termina com um final feliz.

Sosa (1993, p. 17) lembra que “mostrar sempre às crianças a felicidade como fiel companheira da virtude e o infortúnio que segue infalível, o vício [...] é dar-lhes, desde logo, uma falsa ideia da vida e, assim, prepará-las para amargas decepções”.

Concorda-se com o autor, pois expor somente a felicidade como verdade absoluta é um caminho que pode gerar frustrações e ilusões ludibriando a criança fazendo com que ela não perceba todos os outros sentimentos pertencentes ao seu desenvolvimento. Conversar com crianças sobre suas emoções e sentimentos deveria ser tão natural quanto os hábitos de higiene. Dessa forma, e por acreditar que a literatura é uma ferramenta que auxilia nesse processo, é interessante que os livros infantis abordem todo o tipo de emoção e sentimento para que a criança tenha compreensão e saiba enfrentar, da melhor maneira possível, as situações de conflito, diminuindo sua vulnerabilidade, quiçá se tornando um adulto consciente de seus sentimentos, menos ansioso e mais feliz.

Nota-se que livros comuns e banais nem sempre agradam a criança. O tom moralizador e a puerilidade subestimam a inteligência da criança, sendo importante manter o caráter realista da literatura infantil, como mostra Gregorin Filho (2009, p. 15):

[...] o que se percebe é a existência de uma literatura que pode ser chamada de infantil apenas no nível de manifestação textual, isto é, no nível do texto em que o leitor entra em contato com as personagens, tempo, espaço, entre outros elementos textuais; percebe-se também que os temas não diferem dos temas presentes em outros tipos de texto que circulam na sociedade, como a literatura para adultos e o texto jornalístico, por exemplo. Isso também parece bastante claro, pois os valores discutidos na literatura para crianças são valores humanos, construídos através da longa caminhada humana pela história, e não valores que circulam apenas no universo infantil das sociedades contemporâneas.

É relevante que a literatura infantil atinja a criança, fale sua língua, seja realista, repassando os valores humanos concebidos pela sociedade ao longo do tempo, pois a criança está inscrita no mesmo universo cultural dos adultos.

Palo e Oliveira (2006, p. 8) lembram:

[...] esse é o caso de todo um tipo de produção para a infância tida por nova para enfrentar o cotidiano; a chamada literatura “realista” para o público infantil. O que se nomeia por realista, aí, outra coisa não é senão trazer para o texto um conjunto de temáticas – pobreza, menor abandonado, pais separados, sexo etc. – vinculados, por contiguidade, ao contexto social no qual pretende inserir a criança. Construção plana, previsível, sem surpresas, numa linguagem que tem por tarefa, apenas, ser canal expressivo de valores e de conceitos fundados sobre a realidade social.

Entretanto, mesmo que apresente um viés realista e trate de assuntos perturbadores como pobreza, abandono dos pais, divórcio, só para citar alguns, deve-se ter em mente que a literatura infantil deve permitir a fruição, a satisfação do belo, do aprazível; o texto literário infantil tem de cativar, seduzir o leitor.

Cademartori (2010, p. 8) defende que “[...] a literatura infantil é como entretenimento, aventura estética e subjetiva, reordenação dos próprios conceitos e vivências, que a literatura oferece, aos pequenos, padrões de leitura do mundo”.

Concorda-se com a autora supracitada, pois a infância é a fase de maior intensidade de desenvolvimento da vida da pessoa, de sua personalidade, de descoberta, de construção da inteligência e da imaginação (e por que não dizer da fantasia?). A experiência se mistura com o imaginário e o faz-de-conta, criando novos conceitos, como reforça Meireles (2016, p. 75) que “diante de cada história, o leitor veste a pele do herói e vive sua vida, arrebatado de sensação em sensação à surpresa do desenlace”.

O diferencial da literatura infantil é justamente essa dosagem de ludismo e realismo em que se mesclam tornando a leitura uma forma de arte em que é permitido ver o real por meio do fantástico.

Coelho (2000, p. 47) reconhece que o ludismo “[...] é o que alimenta o literário e procura transformar a literatura na aventura espiritual que toda verdadeira criação literária deve ser”. Literatura é arte, como mencionado. É se aventurar pelas páginas dos livros, embrenhar-se nas histórias, sofrer, sentir e viver o personagem.

Fréo (2011, p. 1) discorre que:

[...] a literatura infantil possui características especiais, representa o homem, o mundo, a sua vida por meio da palavra. Além de informação, leva ao encontro da criança um mundo encantado de sonhos e fantasias, em que a criança, com sua interpretação, ouvindo ou lendo histórias, imagina e vivencia o mundo ficcional, buscando soluções de possíveis problemas, resolvendo os seus conflitos, uma vez que a literatura está cercada de emoções, sentimentos, fantasias e realidades, magia, beleza, descobertas, alegria e prazer.

Quando se utiliza desses aspectos, a literatura contribui para o desenvolvimento integral da criança. Cabe ao professor e ao bibliotecário esse trabalho de aliar o didático ao ludismo buscando estimular a criatividade. Os livros são uma ferramenta para trabalhar o pensamento infantil e as emoções da criança, pois por meio das personagens, ela consegue identificar situações que está vivendo em seu cotidiano.

A arte literária é um dos caminhos para assimilar o real sentido de uma ação pedagógica que é mais do que ensinar o que se sabe, é estar de prontidão para aprender a magnitude daquilo que não se sabe (PALO; OLIVEIRA, 2006). Cada criança/leitor assimila e constrói uma compreensão baseada na sua experiência de vida e sua imaginação. Sendo assim surgem muitas abstrações e interpretações que por meio do diálogo podem ser compartilhadas.

O ideal seria o professor e o bibliotecário colocarem-se no lugar da criança, considerando sua vivência, permitindo uma melhor compreensão do seu ponto de vista, pois a literatura infantil proporciona a reorganização das percepções de mundo e, assim, a ordenação das experiências existentes. Convivendo com textos literários a criança pode desenvolver sua formação intelectual, seu senso crítico e adquirir o gosto pela leitura. Também existe a possibilidade de melhorar a escrita, aumentar o vocabulário e apreender mais informações, além de despertar seu lado sensível, seus sentimentos e emoções.

Fréo (2011, p. 1) lembra que,

[...] como forma de arte, o texto literário tem o poder de representar o real, o palpável, e o real imaginário da criança, desenvolvendo aspectos afetivos e intelectuais, condições de elaborar significativamente os fatos da realidade e interagir com ela, compreendendo-a e atuando nela de maneira crítica e criativa.

Além de propiciar sentidos em suas vidas, a literatura infantil serve como meio interativo para a caracterização do seu espaço, fazendo com que a criança possa fazer paralelismos com seu cotidiano, auxiliando-a na percepção de sua realidade, e como ela pode agir para intervir ativamente no meio em que está inserida. A magia encontrada nas páginas dos livros pode estimular, no pequeno leitor, o aprimoramento da linguagem, desenvolvendo a capacidade de comunicação com o mundo. Esses primeiros contatos despertam na criança o desejo de concretizar o ato de ler o texto escrito, despertando o prazer pela leitura. A possibilidade de que essa experiência sensorial ocorra será maior quanto mais frequente for o contato da criança com o livro. Uma forma lúdica e encantadora de atrair a criança ao universo literário é por meio da contação de histórias em que ela é motivada pela curiosidade, pelo formato, manuseio do livro e pelas possibilidades emotivas que a ficção pode proporcionar.

O maravilhoso é um dos elementos mais pertinentes na literatura destinada à criança. Por meio dele, o prazer, as emoções que as histórias e seus personagens trazem para o público infantil, proporciona o simbolismo, que está implícito na história e vai agir no seu inconsciente, auxiliando na resolução dos conflitos interiores normais nas diferentes fases do seu desenvolvimento (COELHO, 1987). Isto acontece porque a criança é levada a identificar-se com o herói bom e belo, não devido à sua beleza ou bondade, mas porque ele sempre sai vitorioso das situações. Nesse sentido, a literatura infantil funciona como um dos elementos que ajudará a criança a superar o medo de enfrentar as ameaças e perigos que ela sente à sua volta. E para tanto há de se ter a sensibilidade para escrever livros para crianças, em que se necessita prestar atenção às características que as obras literárias devem ter para ser agradável a criança e realmente encantá-la.

A imaginação é outro aspecto notável para a criança. Lima (1966, p. 86) afirma que “[...] a criança é naturalmente levada a desconfiar dos livros que lhe vêm tolher o melhor dos bens: a liberdade”. E continua:

[...] tudo que, na infância, impede o movimento é feito contra a natureza e suportado a contragosto. É mister, portanto, compensar essa inevitável supressão, o que só é possível pela imaginação. Esta recompõe, com o repouso do corpo, o mais agitado dos mundos (LIMA, 1966, p. 86).

A imaginação e a criatividade fazem parte da infância e é relevante incentivar a criança sem impedir a liberdade de sonhar e se encantar com as possibilidades que a Literatura Infantil proporciona.

Como chamam a atenção Palo e Oliveira (2006, p. 9):

[...] o pensamento infantil é aquele que está sintonizado com o pulsar pelas vias do imaginário. E é justamente nisso que os projetos mais arrojados de literatura infantil investem, não escamoteando o literário, nem o facilitando, mas, enfrentando sua qualidade artística e oferecendo os melhores produtos possíveis ao repertório infantil, que tem a competência necessária para traduzi-lo pelo desempenho de uma leitura múltipla e diversificada. Leitura que segue trilhas lança hipóteses, experimenta, duvida, num exercício contínuo de experimentação e descoberta. Como a vida.

A literatura infantil tem essa diferenciação, pois ao mesmo tempo, que ensina, encanta trazendo a realidade de forma agradável sem tolher a liberdade de imaginação da criança. Esse é o segredo que impulsiona a criança a se entregar e se entreter com a literatura infantil.

Coelho (2000) considera que a literatura infantil registra-se na linha de pensamentos que, na crescente complexidade e crueldade do mundo atual, busca novas soluções para a reintegração harmoniosa eu-mundo, que se faz urgente. Ainda na visão da autora pelo seu imaginário e sua possível descoberta da vida real, por meio do ouvir, ler, contar ou inventar histórias, a literatura infantil age como um bálsamo reconfortante.

Quanto à composição e organização das obras literárias voltadas ao público infantil, Dinorah (1995) chama a atenção para a necessidade de uma linguagem simples, mas adverte para a diferença entre simplicidade e simplismo. E assegura ainda que o texto literário deve possuir “[...] qualidade de estilo, com a marca da fluidez, colorido e leveza que, reconhecida pelo adulto, possa dirigir-se ao universo receptivo do leitor mirim” (DINORAH, 1995, p. 62). Desse modo, tanto o texto excessivamente carregado, com quebras na sequência de acontecimentos e dramas em exagero, quanto o texto com linguagem enfadonha e conteúdo alienante não são assimiláveis pela criança. É uma questão de dosagem e equilíbrio, como reforça a autora “[...] nem retórica, nem pieguice, nem experimentações desconexas, eivadas de um modismo radical que não leve a nada[...].” e discorre ainda que “[...] a criança precisa de algo que entenda, com que se identifique e entusiasme, tudo de forma harmônica, acessível e translúcida.” (DINORAH, 1995, p. 62).

Então, os livros infantis devem ser substancialmente a mesma obra de arte que os direcionados ao adulto divergindo somente na complexidade de concepção, pois será mais simples em seus recursos, contudo não menos valiosa (CUNHA, 2003). A simplicidade da linguagem não significa uma obra sem qualidade, mas que não seja pueril, que não subestime

a capacidade intelectual da criança. Isso pode fazer com que ela não se interesse pelo livro. Cunha (2003) admite que psicologicamente não se justifica o estilo pueril, pois, quando desenvolve suas habilidades de leitura, a criança necessita de dois tipos de livros – os que estão exatamente de acordo com seu adiantamento e outros um pouco mais avançados. O tom moralizador é outra faceta dessa puerilidade: “[...] o autor acha a criança incapaz de chegar a conclusões, de ter posições, de perceber os “arranjos” da trama para levá-lo a criar um comportamento – e dá-lhe a ‘aula’ escrita e acabada.” (CUNHA, 2003, p. 59).

Assim, os livros infantis não necessitam se configurar como textos prontos; devem permitir a interpretação da criança, favorecer o exercício de caminhada pelas trilhas da ficção.

Também são do agrado das crianças, principalmente as de menor idade, os livros otimistas, que revelam o gosto pela vida, o humor e a alegria (CUNHA, 2003). Às crianças de pouca idade é importante a ilustração, o livro deve conter mais figuras que texto. Mesmo quando a criança está alfabetizada é indicado que prevaleça a ilustração com texto em letras maiores e redondas, e uma vez que a criança progrida na leitura, podem se reduzir a quantidade de figuras em prol do texto cujas letras também reduzem até o formato e o tamanho normal, o mesmo sucede com o próprio livro (CUNHA, 2003).

Para que serve um livro sem figuras nem diálogos? indagou-se Alice, enfadada, pouco antes de decidir seguir o Coelho Branco até o País das Maravilhas. Quase cento e cinquenta anos depois (o livro de Lewis Carroll foi publicado pela primeira vez em 1865), as imagens continuam centrais para chamar a atenção das crianças – tanto que, ao longo dos últimos anos, elas vêm desempenhando papel cada vez mais relevante nas narrativas infantis e juvenis (AGUIAR, 2011). Cabe lembrar que o primeiro livro com ilustrações para crianças a surgir na Europa foi publicado em 1685 – *O mundo visível em imagens*, de Amos Comenius. Esta publicação inaugurou a produção de livros ilustrados para crianças, cada tema vinha acompanhado de uma ilustração que facilitava a compreensão do conteúdo por apresentar números que indicavam detalhes correspondentes a trechos do texto (MORAES; VALADARES; AMORIM, 2013).

Entretanto, não basta apenas ter ilustração no livro para agradar a criança; além de bem feita e sugestiva, ela necessita proporcionar à criança a oportunidade de recriar, imaginar, ir além do próprio desenho (CUNHA, 2003).

Cademartori (2010, p. 17) enfatiza:

[...] uma das marcantes transformações pelas quais passaram os livros destinados ao público infantil, nos últimos anos, é a interação entre as linguagens visual e verbal: imagens e palavras dividem o espaço no livro e disputam a atenção do leitor. Na

produção contemporânea, o gênero abrange livros só com imagens; livros com imagens e palavras e, situação menos provável, livros só com palavras.

Fleck, Cunha e Caldin (2016, p. 199) acreditam que “A ilustração pode representar a iniciação da visualidade da criança, o seu primeiro contato com a obra de arte e com as artes visuais”.

A arte, no geral, causa admiração e as ilustrações podem servir como forma de inserção da criança nesse mundo das artes, pois aguçam a curiosidade, enchem os olhos da criança pela beleza, por ser novidade e associar vários elementos causando sensações e estado de espírito. As ilustrações cruzam os limites entre o mundo verbal e pré-verbal e, portanto, podem ser aliados da criança leitora.

De fato, a ilustração “[...] tem o papel de formar, de educar o olhar, de ampliar os repertórios visuais, contribuindo na constituição de um leitor crítico – não só de textos, mas, também de imagens” (FLECK; CUNHA; CALDIN, 2016, p. 199). Mesmo sendo a ilustração um fator cativante no livro infantil, há que se destacar o texto escrito, o conteúdo, a narratividade – elementos fundamentais da literatura como instigantes da leitura. As ilustrações servem para complementar o texto escrito, como constata Cademartori (2010, p. 19-20):

[...] observa-se que a ilustração constitui um acontecimento narrativo, que oferece informações que o texto escrito, em geral enxuto, para se adequar à competência textual do destinatário, não ofereceu. E há também, aqueles em que os signos visuais representam apenas parcialmente uma situação, uma circunstância, uma personagem, um cenário, ou apenas um objeto que remeta ao ambiente narrado. A tendência atual da produção infantil, no entanto, especialmente em livros para leitores iniciantes é a valorização dos dois textos, o visual e o verbal, sendo mantida a interação entre eles estimulando múltiplas percepções, possibilitando diversos reconhecimentos e interpretações nas leituras dos textos compostos por diferentes signos.

Se as ilustrações complementam o texto, pode-se dizer que um texto com ilustrações bem produzidas fica mais atrativo e cativante para a criança. Hoje em dia, são publicados livros com os mais variados materiais e diferentes formatos. Eles são elaborados para chamar a atenção da criança estimulando o contato com a literatura para ser um momento de prazer e diversão aguçando o interesse dela desde a mais tenra idade.

Aguiar (2011, p. 2) ratifica

[...] a importância da ilustração e do projeto gráfico, constatável empiricamente em qualquer visita às livrarias, é confirmada por editores e pesquisadores, que apontam a diferença entre o livro com ilustração (aquele em que a imagem é apoio, apenas reforçando o que diz o texto) e o livro ilustrado, no qual ou se prescinde da palavra escrita ou ela atua juntamente com a ilustração.

Fleck, Cunha e Caldin (2016, p. 199) esclarecem que “O livro com ilustração é aquele em que o texto existe de forma independente, ele sustenta a narrativa, sem a necessidade intrínseca das imagens para que tenha sentido” ao passo que no livro ilustrado “texto e imagem são igualmente importantes”.

Existem diversas possibilidades e formatos de livros disponíveis para cada fase de contato da criança com os livros: apenas ilustrados, dedoche, fantoche, *pop-up*, em 3D, de pelúcia, de EVA, de pano, para banho, gigantes, escreva e apague, com quebra-cabeças, com adesivos, com sons, com música, com *CD*, *ebooks*.

É cada vez mais comum a popularização dos dispositivos móveis e com isso os livros digitais infantis adquiriram novas formas de se apresentarem como, por exemplo, em *CDs* e *DVDs* repletos de animações e interatividade; e mais recentemente, por meio dos *tablets* e *smartphones*, diversificando a forma de ler e de contar histórias, integrando diferentes mídias com interatividade.

Essas mídias resgatam a oralidade de forma mais interativa, dinâmica, lúdica proporcionando à criança novas percepções de ver/ouvir/ler a história sendo possível mudar a entonação, a voz, o ritmo, os gestos; possibilitando um papel mais ativo do leitor por meio dessa troca e de jogos na própria história (TEIXEIRA; GONÇALVES; CALDIN, 2017).

Uma característica da literatura infantil nas novas mídias é a possibilidade de inserção do leitor nas narrativas passando a ter a possibilidade de ser agente direto no desenrolar da trama, interagindo e definindo como será o próximo passo, por meio de possibilidades e hipóteses, fazendo com que essa interação possa dar asas ao imaginário, criando cenários diferentes para o roteiro. O leitor também pode atuar como autor – intervindo ou alterando a história, participando do processo criativo e aumentando seu envolvimento narrativo; o leitor estimulado a imaginar-se como autor; como acontece em espetáculos teatrais e shows, por exemplo (TEIXEIRA; GONÇALVES, CALDIN, 2017). Isso faz com que o leitor tenha maior interação, se envolvendo mais, se interessando mais e buscando outros textos, novas possibilidades de continuar neste processo de encantamento e diversão.

Na visão de Palo e Oliveira (2006, p. 9) “Palavra, som, imagem constroem, simultaneamente, uma mensagem icônica que se faz por inclusão e síntese, sugerindo sentidos apenas possíveis”. A junção de imagens, com sons e texto proporciona uma gama de diversidade o que torna os livros mais dinâmicos e dão vida a história tornando-a ainda mais real – possibilitando à criança descobrir e associar o som à imagem e ao texto.

Abrem-se, então, diversas possibilidades de apresentação das obras literárias para criança; também, as influências das teorias psicológicas e educacionais passam a ser evidentes

nesse nicho literário, pois se anteriormente o leitor infantil era mero consumidor, agora, é considerado como sujeito de suas próprias aprendizagens. Reflexo disto são as narrativas com lacunas, para o leitor preencher, livros com enfoque na identidade e aproximações com o cotidiano dos leitores, livros que não se restringem a determinada faixa etária, mas que se configuram como narrativas atemporais se configurando como obras para todas as idades.

Palo e Oliveira (2006, p. 10) acrescentam:

[...] investe-se na inteligência e na sensibilidade da criança, agora sujeito de sua própria aprendizagem e capaz de aprender *do* e *com* o texto. Educação simultânea do par texto-leitor, ambos repertorialmente acrescidos e modificados no momento da leitura. É por isso que, ao se falar dos textos de literatura infantil sob a dominante estética, põe-se em risco a própria categorização de infantil e, mais ainda, do possível gênero de literatura infantil, já que não se trata mais de falar a esta ou àquela faixa etária de público, mas assim de operar com determinadas estruturas de pensamento — as associações por semelhança — comuns a todo ser humano. É por isso, também, que obras não-elaboradas com a intenção de falar ao público infantil acabaram por atingi-lo.

Além disso, Coelho (1991) considera que a literatura infantil contemporânea tende a apresentar três vertentes: uma literatura realista que expressa o real imediato, uma literatura fantasista, que retrata o mundo maravilhoso, e a literatura híbrida, que associa as duas primeiras em uma só. E defende que:

O valor literário de cada obra não se mede, evidentemente, por sua inserção em uma ou outra corrente ou tendência, mas na consciência do fazer literário revelado por sua matéria literária, pelo seu corpo verbal, e também pela adequação de tal matéria literária às forças renovadoras mais atuantes em seu momento de produção. Com respeito a essa “adequação”, nunca é demais insistir que, em literatura, os valores ideológicos (filosofia-de-vida; padrões ideais de comportamento; consciência de mundo; aspirações; metas a serem alcançadas...) que, via de regra, estão nas raízes da matéria literária, não podem ser confundidos com conteúdo manifesto (COELHO, 1991, p. 267, grifo da autora).

Neste sentido a autora pretende evitar que se faça um juízo de valor a respeito de uma obra literária baseando-se na corrente ou tendência literária, e da mesma forma ressalta que se trata do contexto da escrita, não devendo o livro ser confundido com propaganda política ou ideológica no sentido de doutrinação da criança.

A sociedade passa por transformações muito rápidas. Muitos ciclos que outrora eram muito bem definidos hoje são muito breves, ou não ocorrem na mesma ordem. Principalmente quando se analisa o desenvolvimento da criança. Cada vez mais cedo a criança é inserida no mundo “adulto”, dado as relações entre a família e a sociedade que muitas vezes são presenciadas, seja por meio da televisão, dos filmes, da internet, seja pela própria realidade. A

independência é cada vez mais estimulada, e cada vez mais precocemente. É importante que as pessoas próximas à criança estimulem e incentivem o gosto pelos livros e pela leitura como uma forma de emancipação, como estratégia para fugir dos estereótipos apresentados na televisão, nos filmes e na internet. Isso é possível, pois nunca se produziu e vendeu tantos livros para crianças como na última década no Brasil: em média 1,6 mil lançamentos a cada ano, pois, a cada momento, se produz alguma novidade (BRETAS, 2012).

Hunt (2010, p. 234) acrescenta: “[...] as palavras podem aumentar, contradizer, expandir, ecoar ou interpretar as imagens – e vice-versa”. Momento que o leitor começa a estabelecer relações com seu cotidiano, se apropriando e correlacionando a obra à sua experiência, abrindo margem para buscar o novo, despertando seu gosto e sua imaginação. A literatura acaba sendo um meio de compreender a sua própria realidade, de associar a acontecimentos e se imaginar dentro da história.

Dada a inquestionável relevância da literatura no desenvolvimento integral da criança, convém questionar como se deu esse processo no Brasil.

2.3 HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

Quando se fala em literatura infantil no Brasil, há que se levar em conta o contexto histórico. Do anonimato das crianças vítimas da escravidão negreira, passando pelas crianças pobres que brancas ou mestiças labutavam na lavoura, chega-se às crianças da elite na Colônia, ensinadas desde cedo à obediência cega aos pais e aos mestres. Em seguida, no início do século XIX com a chegada da família real e com ela, a Imprensa Régia, os livros infantis traduzidos e adaptados da Europa começam a circular no Brasil, em estreita vinculação com a escola e presos à moral vigente. A fase de transição política que marcaria a preparação para a República foi permeada de literatura vinda preferencialmente da França, não apenas para os adultos, mas também para as crianças. Na sequência, nos ideais positivistas, despontou um nacionalismo que seria a marca registrada nas histórias infantis, aclamando a pedagogia como elemento constituinte da literatura, pois essa última devia, antes de tudo, instruir. No século XX a literatura infantil trafega entre a tradição e o modernismo, sendo Monteiro Lobato precursor na apresentação do realismo mágico em textos direcionados à infância. Depois dele, uma nova geração de escritores deu continuidade à sua maneira estratégica de seduzir as crianças por meio da leitura e inovou a arte da escrita.

Destarte, a seleção sobre o que as crianças deveriam ler para serem pessoas virtuosas e íntegras no futuro, perpassava, nas casas e na escola, pelo que fosse considerado piedoso,

proveitoso, útil, informativo, nacionalista, transformador, lúdico ou o que o momento histórico considerava adequado às mentes infantis.

Claro está que as obras destinadas ao público infantil, inicialmente, mantiveram-se atreladas à escola, acompanhando a mudança da sociedade brasileira que cada vez mais exigia crianças alfabetizadas. Quem se debruçou em apresentar um panorama histórico da literatura infantil (e juvenil) foi Nelly Novaes Coelho – e, por esse motivo, a trajetória da produção literária destinada às crianças brasileiras passará, prioritariamente, pela visão crítica dessa autora.

Essa subseção, sem pretender a exaustão do assunto, aponta essa passagem – não de todo tranquila, não sem recaídas, mas firme em germinar o embrião de uma literatura que agradasse o público infantil, que florescesse e cativasse pais e mães para que seus filhos pudessem enfim, ler pelo prazer de ler.

A oralidade, primeira forma de expressão de literatura no mundo, foi, também, no Brasil, bastante difundida. As narrativas populares, principalmente do folclore português, encontraram eco nas crianças brasileiras, sejam as de camadas pobres como as das classes mais privilegiadas. Deve-se aos jesuítas sua divulgação e à Reforma de Pombal, seu cerceamento. Coelho (2006) esclarece que, com a extinção das ordens religiosas no Brasil, foram extintos, também, os jornais, os livros, as associações culturais, enfim, tudo o que era considerado ameaçador ao poder da metrópole portuguesa.

Uma mudança auspiciosa acontece com a vinda da família Real para o Brasil, em 1808, estabelecida no Rio de Janeiro. Além de outras melhorias em nosso país, destaca-se a Imprensa Régia, instalada para resolver o problema da administração real na publicação dos atos e proclamações de D. João; era, de fato, um monopólio do governo; mesmo assim publicou jornais, obras literárias e didáticas (LAJOLO; ZILBERMAN, 1999).

Quando em 1811 foi instalada a primeira tipografia na Bahia, possibilitando a circulação de jornais, isso foi um passo para, em 1831, surgir em Salvador o primeiro jornal infantil-juvenil: *O Adolescente* (CARVALHO, 1983).

Surgem jornais destinados à infância e à adolescência também em outros Estados, como mostra Carvalho (1983, p. 126):

[...] é curioso observar-se, em todo o País, a importância atribuída à Imprensa infantil e juvenil durante o período que antecede a Literatura específica da criança. Isso confirma o valor do jornal para os pequenos leitores, despertando-lhes o interesse pela informação, pela cultura, pelos acontecimentos que lhes dizem respeito, e até despertando vocações.

Embora o foco fosse o lado utilitário da leitura – informar, ensinar, visar o futuro trabalho, ainda assim não se pode desprezar o papel do jornal no tocante ao exercício da leitura.

Conforme Peres, Marinheiro e Moura (2012, p. 4) “[...] na Monarquia, a mão-de-obra escrava começa a ser substituída pela mão de obra assalariada, pois a Inglaterra precisava de um novo mercado no Brasil para que seus produtos fossem consumidos”; com a aceleração urbana e conseqüente aumento no número de postos de exportação surgem mais oportunidades de emprego e o acréscimo do consumo de produtos culturais é propagado prosperando a economia, assim o “[...] consumidor infantil passa a ser valorizado e a escola ganha destaque como instituição fundamental na adaptação do homem rural nas cidades, servindo aos interesses da burguesia que ascendia”. A cultura e o lazer passam a ter um maior destaque contribuindo na economia local. Todas essas transformações contribuíram para o surgimento da literatura infantil brasileira e para o surgimento, também, de outra classe de crianças leitoras.

A preocupação pedagógica na formação da criança brasileira, agora não mais restrita às casas de elite e aos tutores vindos da Europa, mas às escolas onde os filhos dos pobres podiam obter algum ensinamento com um mestre rigoroso e exigente foi, inicialmente alicerçada nas leituras da Bíblia, nos compêndios que valorizavam a moralidade e os bons costumes. Instruir era a ordem do dia. As cartilhas eram tediosas, incentivando a memorização e a palmatória servia como um lembrete doloroso de que “aprender é preciso”.

Entretanto, gradativamente, mentes esclarecidas foram introduzindo nos livros escolares histórias que educavam, mas também divertiam. E, por fim, fora dos livros didáticos, a princípio timidamente e depois com mais vigor foi sendo ofertada às crianças brasileiras a literatura infantil, de início adaptada da Europa e depois, transmutada, com personagens, paisagens e aventuras tipicamente brasileiras.

Pela carência de material reservado a esse público que contava apenas com adaptações e traduções dos clássicos infantis europeus editados em versões portuguesas cujo código linguístico se distanciava da língua falada pelas crianças brasileiras houve “[...] a necessidade do abasileiramento dos textos, aumentando sua penetração junto a crianças, o início da literatura infantil brasileira[...]” marcada “[...]pelo transplante de temas e textos europeus adaptados à linguagem brasileira” (ALBINO, 2010, p. 5).

Esse abasileiramento, contudo, não perdia de vista o caráter didático e moralizante, pois a intenção continuava sendo informar, ensinar, doutrinar – e nisso as fábulas eram as

preferidas, uma vez que ao final traziam um apelo moral que, esperava-se, fosse adotado pelas crianças.

Assim, se primeiras obras literárias produzidas eram traduções ou adaptações de obras estrangeiras, europeias ou orientais, ao serem modeladas à imagem nacional serviam para enaltecer a natureza e engrandecer os costumes, a língua, a pátria e a sociedade brasileira. As obras originais eram “[...] modificadas por meio de cortes, supressões, explicações mais detalhadas e simplificações, visando atingir uma maior comunicação com o leitor brasileiro.” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p. 69).

Mas a semente estava plantada – a criança estava começando a gostar de ler.

E o que dizer dos livros? Segundo Lajolo e Zilberman (1999, p. 126) “*Leituras para meninos*, de José Saturnino da Costa Pereira, lançado em 1818 e muito reeditado até 1824, pode ser considerado como o primeiro livro brasileiro de literatura infantil”.

Assim, com a imprensa licenciada, mesmo com os problemas econômicos e poucos leitores, a Imprensa Régia patrocinou jornais, obras didáticas, médicas e até literárias.

O primeiro livro brasileiro de literatura infantil de grande aceitação nas escolas foi *O livro do povo* de Antônio Marques Rodrigues, publicado em 1861 e durante mais de vinte anos, lido por várias gerações em todo o Nordeste (COELHO, 1991). Paralelamente, na Bahia, Abílio César Borges, preso ao modelo europeu, a partir de 1868 escreveu uma série de Livros de leitura conhecidos como *Método Abílio*, inovando a pedagogia brasileira, trazendo novos métodos e modernas práticas de ensino voltadas às crianças brasileiras; esse médico que abdicou da profissão para abraçar o professorado, preocupou-se em suavizar o ensino das crianças, abolindo os temíveis castigos corporais e inovando métodos de leitura e escrita (COELHO, 1991).

Mauad (1999) lembra no século XIX a literatura universal, clássica, caminhava de mãos dadas com a literatura moralista; cita como exemplos *Modelos para os meninos ou rasgos de humanidade, piedade filial e de amor fraterno* (coletânea de pequenas histórias), e *As manhãs da avó: leitura para a infância*, de Victoria Colonna, publicado em 1877.

O primeiro livro apresenta modelos de conduta esperado das crianças na época: sensibilidade para com o próximo, submissão frente aos maus tratos, amor exacerbado aos pais, enfim histórias “[...]formadoras de caráter, por conter uma moral claramente identificável” (MAUAD, 1999, p. 148).

O segundo livro, também preocupado com a moralidade oitocentista, apresenta diálogos domésticos de uma família pobre cuja mãe viúva precisa trabalhar e deixa aos

cuidados da avó a educação das crianças, que por meio das histórias procura inculcar nos netos o amor ao bom, verdadeiro e virtuoso (MAUAD, 1999).

Coelho (1991) registra que em 1882 foi publicado *O amiguinho Nhonhô*, de José de Meneses Vieira, autor que se sobressaiu entre os que marcaram o progresso pedagógico e a prática docente em seu tempo, haja vista que se ocupou com o ensino nos jardins de infância; no mesmo ano, Hilário Ribeiro de Andrada e Silva, publicou a *Série Instrutiva* com os valores da sociedade cristã e burguesa da época.

De grande sucesso foi *Contos infantis*, de Júlia Lopes de Almeida em parceria com sua irmã, Adelina A. Lopes Vieira, publicação de 1886, composta de sessenta narrativas em verso ou prosa dirigidas com a intenção de divertir e ensinar as crianças, pois as autoras mesclam o didático com o maravilhoso (COELHO, 1991).

A série de *Livros de Leitura* composta por cinco volumes, de 1890, organizada por Felisberto de Carvalho e seu filho Epaminondas de Carvalho, traz como inovação, inúmeras ilustrações, inclusive coloridas. Felisberto de Carvalho escreveu também, no mesmo ano a *Série didática*; além disso, escreveu um *Tratado de Metodologia* para auxiliar as professoras primárias no exercício do magistério (COELHO, 1991).

Os textos infantis, durante todo esse período, presos à cultura europeia, prezam os valores ideológicos da nova era que pretende o progresso e a ciência, no espírito do iluminismo francês, mas permitem a intromissão do lúdico, seja na narrativa, seja nas gravuras.

Em 1893, Romão Puiggari escreveu o livro *Coisas brasileiras*; esse livro merece destaque, pois foi escrito com uma linguagem mais acessível, composto de textos simples, permeados de ação e humor, mesmo apresentando curiosidades acerca da flora e da fauna brasileiras e se aproximando da realidade infantil da época (COELHO, 1991).

Era o momento de valorizar a terra brasileira, destacar o nacionalismo e não perder de vista as tradições. Mesmo assim o texto foi suavizado com linguagem mais palatável, algumas doses de aventuras engraçadas e curiosidades da pátria.

Em 1895, Puiggari escreve em cooperação de Arnaldo de Oliveira Barreto, quatro volumes de *Livros de Leitura Série Puiggari/Barreto* aplicados em São Paulo, Espírito Santo, Bahia e Santa Catarina (COELHO, 1991).

Coelho (1991) ainda diz que Arnaldo de Oliveira Barreto publicou diversos livros destinados às crianças, devido a sua preocupação com a falta de material de leitura para o público infantil, pensando nas crianças, porém vinculando as mães nesse processo de incentivo à leitura, escreveu: *Cartilha das Mães* (1895); *Leituras Morais* (1896).

No mesmo período surgem os primeiros livros didáticos dirigidos à leitura, chamados de seletas, antologias ou livros de leitura: João Kopke escreveu a série *Livros de leitura*, publicados em 1895; Fausto Barreto e Carlos de Laet também publicaram em 1895, *Antologia Nacional* que era leitura básica na formação literária de muitas gerações de brasileiros, valorizando o contemporâneo e o nacional (COELHO, 1991).

Cunha (2003) ao reforçar que a literatura infantil tem início com obras pedagógicas e, sobretudo adaptadas de produções portuguesas, apresenta Carl Jansen e Figueiredo Pimentel. Carl Jansen nascido na Alemanha, jornalista e professor, traduziu clássicos da literatura universal, tais como: *Robinson Crusóé* em 1885, *As viagens de Gulliver* em 1888, *As Aventuras do celeberrimo Barão Munchhausen*, publicada em 1891 e *D. Quixote de La Mancha* em 1886. Figueiredo Pimentel era brasileiro, jornalista, e publicou em 1896 *Contos da Carochinha*, uma miscelânea de contos populares de caráter oral adaptados da tradição europeia, bem como da tradição brasileira, sendo o primeiro intelectual a se preocupar em popularizar o livro por meio de edições mais acessíveis de autores clássicos (CUNHA, 2003).

Outros escritores e escritoras se fizeram presentes nesse período, como, por exemplo, a feminista Zalina Rolim, que escreveu basicamente poesia; *O Livro das crianças* de 1897 é uma coletânea de contos e historietas em versos, publicado pelo Governo de São Paulo, e um dos grandes sucessos na literatura escolar (COELHO, 1991).

Destaca-se, nesse mesmo período, Francisca Júlia da Silva Munster, paulista, publicou *O livro da infância* em 1899, um livro de leitura dentro do espírito de renovação no ensino das crianças (COELHO, 1991).

Silva (2010, p.1) afirma que, de fato,

[...] foi no final do século XIX se iniciou uma preocupação com este gênero literário, pois o país estava progredindo para o processo de modernização e dessa maneira a imagem do Brasil precisava ser apresentada como algo grande, poderoso, com cidadãos críticos, nacionalistas e civilizados.

Assim, as adaptações dos textos portugueses, com a linguagem lusitana, diferente do que as crianças brasileiras estavam acostumadas, não mais serviam aos propósitos da época que procurava destacar o nacionalismo, o civismo, o patriotismo, portanto, precisava ser abrazeirada; mesmo que os textos seguissem o modelo europeu na questão da narrativa, a linguagem devia ser brasileira e de fácil compreensão às crianças.

A mudança de século trouxe consigo algumas mudanças também no tipo de pedagogia que tentava recriar, ensinar de forma mais leve e prazerosa.

É o caso de Francisco Vianna que escreveu *Leituras infantis*, em 1900, composto por quatro volumes, preferindo “[...] ensinar através de contos e histórias que divertissem os pequenos leitores”. Entendia que “[...] tal seleção não podia ser subordinada exclusivamente ao prazer ou diversão”, optando por unir o prazer com ensinamentos por meio de lições (COELHO, 1991, p. 217).

O Tico-tico, publicação de 1905 foi o primeiro jornal infantil em quadrinhos editado no Brasil e surgiu a partir da valorização da imagem no processo de aprendizagem infantil em que inaugura “[...] uma nova era no campo editorial” (COELHO, 1991, p. 217). Publicado até 1958 foi “[...] uma leitura querida de várias gerações de crianças brasileiras” e de adultos, com “[...] sucesso imediato e duradouro, transformando-o em um marco na história das histórias-em-quadrinhos” no Brasil (COELHO, 1991, p. 218).

No *Tico-Tico* eram publicados também textos clássicos da literatura infantil como autores consagrados: Perrault, Andersen e Grimm ou brasileiros. Incluía quebra-cabeças, cartas enigmáticas e jogos de armar, inovações que divertiam muito as crianças. Um dos fatores de sucesso foi a identificação dos personagens e as situações vividas com o cotidiano dos seus leitores; cabe lembrar que a eclosão de histórias em quadrinhos se deu após os anos 1930 quando iniciou a era dos super-heróis norte-americanos (COELHO, 1991).

As nossas histórias, obra publicada em 1907 pela mineira Alexina de Magalhães Pinto, caracterizou-se como uma coletânea do folclore brasileiro. Dentre esses livros destacam-se *Os nossos brinquedos* (1909) e *Cantigas de crianças e do povo e Danças populares* (1916). Outra mineira, Presciliana Duarte de Almeida, no novo espírito educacional que começa a se fortalecer, atrelado com ideias feministas, incentiva a criação da revista estudantil *A aurora*, escreve peças de teatro em que os escolares interpretaram, em 1908 publica *Páginas infantis*, e em 1914 publica *O livro das aves*, admitido em várias escolas paulistas (COELHO, 1991).

Outros autores que marcaram presença na literatura infantil no idos de 1900 foram Viriato Correia, Olavo Bilac e Manuel Bonfim. Foram escritos livros que mesclavam o didatismo com o mágico, pitadas de estrangeirismo com o nacional, histórias de viagens – em consonância com o interesse marcante pela geografia e história do país no espírito do nacionalismo.

Era uma vez de Viriato Correia foi publicado em 1908 em forma de coletânea de contos folclóricos e maravilhosos. Autor de cartilhas bastante difundido na época foi o poeta Olavo Bilac - uma de suas obras foi *Através do Brasil* escrito em parceria com Manuel Bonfim em 1910, apresentando uma unidade narrativa, ou seja, a trama se configura como

uma novela; concomitante às peripécias da viagem empreendida por dois garotos, apresentam-se aspectos históricos, geográficos e de ciências naturais (COELHO, 1991).

Essas obras foram os primeiros passos da literatura infantil brasileira. Elas simbolizaram uma nova fase que com a Proclamação da República no século XIX se fortificou iniciando de fato a literatura infantil no Brasil, quando esta buscava consolidar uma política econômica que produzia o café, produto básico para exportação (ARROYO, 2011).

Cabe lembrar que o momento político que antecedeu a Proclamação da República foi marcado pela ideologia positivista, ou seja, o progresso só seria alcançado pelo desenvolvimento das ciências e, como esclarece Chauí (2003, p. 50) “É de Comte a ideia de ‘Ordem e Progresso’, que viria a fazer parte do Brasil republicano”. Será que a literatura infantil brasileira acompanhou esse ideal republicano? Livros para todos?

Santos (1999, p. 210, grifo do autor) registra que “No ano de 1898 começava a circular em São Paulo uma revista chamada *Álbum das meninas*” que “[...] procurava iniciar as jovens leitoras no universo da arte, da literatura e da boa educação, trazendo artigos que as encaminhassem e orientassem para o ingresso na vida adulta”; uma das autoras, Amélia Rodrigues, com seus sonetos procurava alertar a população feminina jovem para os perigos da cidade, nesse momento histórico permeado de menores criminosos devido ao processo de industrialização, urbanização, falta de emprego e níveis altos de pobreza nas classes populares, em parte devido à abolição da escravatura, em parte devido aos imigrantes que chegavam com novas ideias e abalavam a ordem vigente e demandavam aparato policial para conter a criminalidade crescente e as reivindicações populares.

Tais criminosos, na maioria meninos expulsos de casa em virtude da impossibilidade dos pais em alimentá-los, recebiam a punição da lei por vadiagem e eram confinados em cadeias comuns, junto com adultos. Não se cogitava inseri-los no ambiente escolar; pensava-se, isso sim, em ingressá-los no Instituto Disciplinar, preparando-os para o trabalho nas lavouras ou para o exército. Era precária a educação no Instituto – “[...] eram frequentes os casos de jovens em que, após uma longa estadia, de lá saíam sem nada aprender, em estado de semi-analfabetismo” (SANTOS, 1999, p. 225).

Dessa feita, é marcante a hipocrisia da ideologia positivista, pois não é toda a população que tem acesso à leitura e à literatura; a ciência era privilégio de alguns, notadamente os filhos dos burgueses, membros da classe média urbana em ascensão nesse processo de mudança do regime monárquico para o republicano.

Entretanto, Valério (2014, p. 2) mostra que entre “[...] os ideários positivistas dos republicanos encontramos certa concepção de infância, desenvolvida à época, com o

fortalecimento das ciências psicológicas[...]”, a criança passa a ser vista “[...]como ser em formação[...]” com necessidades específicas “[...]de modo que, aliado à necessidade de escolarização do povo brasileiro a literatura infantil assume o papel de colaborador no processo de escolarização das massas”.

Então, apesar dessas discrepâncias – a criança pobre abandonada pelos pais que se transforma em marginal e não merece, segundo a sociedade vigente, as benesses da escola, os filhos cuidados em casa provenientes da pequena burguesia brasileira formada por profissionais liberais, funcionários públicos, pequenos e médios empresários têm acesso à escola, pois, acreditava-se, assumiriam os cargos paternos no futuro – para tanto precisavam saber ler e escrever e a literatura infantil desempenharia papel fundamental nesse sentido.

Esta afirmação é apoiada por Peres, Marinheiro e Moura (2012) quando elucidam que apelos nacionalistas e métodos pedagógicos incitaram o aparecimento de livros infantis brasileiros.

Nessa perspectiva, se por um lado o cuidado com o público infantil instigou a adaptação a esses textos a distanciarem-se dos padrões europeus, por outro, o comprometimento escolar e politicamente conservador facultou a essa literatura a função de modelo, tornando-a colaboradora no processo de escolarização das massas (ALBINO, 2010).

Assim, essa fase da literatura infantil brasileira é marcada pela intensa atividade de traduções e adaptações que valorizaram o patriotismo e o nacionalismo como nas obras de Olavo Bilac, Manuel Bonfim e Coelho Neto; encerrando com o romance *Saudade* de Tales de Andrade, em 1919, com um discurso menos conotativo e metafórico abrindo um caminho que será um dos mais trilhados pela literatura infantil: o rural. Tales de Andrade mesclou ficção e realidade valorizando os costumes simples do campo em confronto com as dificuldades e fracassos encontrados na vida da cidade, incentivando o ruralismo e o amor à natureza (COELHO, 1991).

A literatura infantil também pode ser empregada como forma de manipulação das massas, ao valorizar a vida no campo e sua simplicidade em detrimento às dificuldades da cidade; a literatura infantil, nesse período, emprega uma forma sutil de desencorajar o êxodo rural e a migração da população do campo para as cidades. Nesta primeira fase, a literatura infantil de forma deliberada expressa, entre outras, os ensejos das elites dominantes.

Gregorin Filho (2009) chama a atenção para o fato de que a história da literatura infantil vincula-se à história das práticas pedagógicas que se impuseram na educação brasileira, libertando-se gradativamente da imposição puramente pedagógica.

Mas apesar dessa libertação, a literatura infantil manteve uma relação muito íntima com a escola visto que, enquanto produto cultural de consumo é na escola que a literatura infantil se realiza plenamente, que as bibliotecas escolares são a via de acesso importante à literatura, quando não única, da maior parte da população infantil brasileira (SIMÕES, 2013).

Digno de nota é a participação de Monteiro Lobato na história da literatura infantil no Brasil. Coelho (2006, p. 47) apropriadamente o chama de divisor de águas da literatura infantil no Brasil, pois ele “[...] rompe, pela raiz, com as convenções estereotipadas e abre as portas para as novas ideias e formas que o novo século exigia”; com sua publicação de *A menina do Narizinho Arrebitado*, “[...] estava criada a literatura infantil brasileira moderna”. De acordo com Coelho (2006, p. 47):

A José Bento Monteiro Lobato coube a fortuna de ser, na área da literatura infantil e juvenil, o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje. [...] rompe, pela raiz, com as convenções estereotipadas e abre as portas para as novas ideias e formas que o novo século exigia. [...] No mesmo ano [1920], sai pela Editora Monteiro Lobato um belo volume cartonado com ilustrações coloridas de Voltolino, *A Menina do Narizinho Arrebitado*. Estava criada a literatura infantil brasileira moderna.

De fato, Monteiro Lobato, sem abdicar da brasilidade, aproveitou os temas universais; conseguiu, com sua forma de narrativa ímpar, juntar realidade com fantasia, e apresentar personagens infantis curiosas, petulantes, questionadoras, bem diferentes das então até o momento, tidas como exemplos de comportamento ideal, que deveriam ser seguidas pela multidão de crianças leitoras.

Na década de 1920, ocorreram discussões referentes a reformas educacionais, influenciadas nos moldes europeu e norte americano. A reformulação do ensino primário estabeleceu novos horizontes à literatura infantil brasileira. Dessa forma, a Revolução de 1930 que conduziu Getúlio Vargas à presidência, fundou o Ministério da Educação e Saúde Pública que efetivou aprimoramento pedagógico ao ensino primário, secundário e superior. Vinculada a essa nova política, difundiu-se a literatura infantil de natureza informativa e pedagógica (CALDIN, 2001).

Foi, de fato, um confronto entre o velho (estabelecido como o ideal) e o novo (revolucionário), ou seja, entre o tradicional e o moderno. Muito embora esse confronto priorizasse, pela força do Estado, uma literatura pedagógica, deixou algum espaço para a literatura lúdica, principalmente pelas mãos de Lobato, que habilmente driblou o pedagogismo com situações divertidas e prazerosas em suas narrativas.

Na década de 1930, testemunhou-se a “[...] um antagonismo entre realismo e fantasia em que surgem, paralelamente, os contos maravilhosos e as experiências cotidianas tal antagonismo deu-se em função da perpetuação das narrativas clássicas e da necessidade política do momento, de conhecer a realidade brasileira” (CALDIN, 2001, p. 36).

Essa oposição entre fantasia e realismo vai se perpetuar até os dias atuais, em que há espaço para o mundo da fantasia, do extraordinário, ao mesmo tempo em que surgem livros de literatura infantil com temas sobre a realidade brasileira, regionalismo, identidade e pertencimento, proteção do meio ambiente e outros temas reflexos da sociedade contemporânea.

Caldin (2001, p. 36) constata que a depressão econômica, nos anos 1940, que devastou o planeta trouxe como consequência o crescimento da violência contribuindo para a propagação “[...] das histórias em quadrinhos, com os heróis importados que lutavam contra os gângsteres”; assim, “[...] policiais, detetives e bandidos povoam a narrativa ficcional, configurando-se como uma literatura voltada para os meninos e sua sede de aventuras”, enquanto que as meninas foram agraciadas com uma literatura singularizada, entranhada de romantismo, “[...] com as coleções traduzidas de histórias de amor, com moças frágeis, dóceis e gentis”.

Salienta-se uma diferenciação da literatura infantil por gênero, fato que vem sendo suprimido na contemporaneidade por reforçar estereótipos do que deve ser para meninos e para meninas, entretanto ainda há um lucrativo mercado que dissemina para meninos, profissões, carrinhos, dinossauros, enfim, aventuras, enquanto os contos de fadas e as princesas, e a literatura romântica seriam direcionadas para meninas.

Segundo Caldin (2001, p. 36), “[...] na década de 50, o Brasil passou por uma crise de leitura, com a expansão do cinema e da televisão, quando a poesia ficou relegada a segundo plano, suplantada pela imagem”. Mas, mesmo com a sedução da imagem, com a publicação do livro “*As aventuras de Xisto*”, em 1957, de Lúcia Machado de Almeida, a literatura infantil redescobre a fantasia deixando de ser refém da escola e servindo como entretenimento às crianças (COELHO, 1991).

Coelho (1991) esclarece que na década de 1960, é criada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei número 4.024, de 20/12/1961); essa lei transformou o conceito de literatura na escola, pois exigia a democratização do ensino, expandiu-se a obrigatoriedade de escolarização para oito anos, fomentando a leitura como habilidade formadora básica, além de fazer do texto literário o subsídio para o ensino da gramática.

Observa-se que foi a partir da década de 1970 que a crítica literária, em função do interesse sempre crescente pela literatura endereçada a crianças e jovens, passou a discutir (e questionar) o estreito vínculo entre a pedagogia e esse segmento literário, apontando o risco que tal compromisso traria ao valor estético das obras (KIRCHOF; BONIN; SILVEIRA, 2013).

De fato, de 1970 até os dias atuais tem-se o chamado período pós-lobatiano, uma explosão da literatura infantil, um movimento inovador no qual muitos escritores se engajaram – o Brasil vivia a época da ditadura – assim, muitos escritores valeram-se de textos infantis, utilizando a metáfora como uma forma de denunciar o poder autoritário do governo vigente, ao mesmo tempo em que seduziam as crianças com textos questionadores sem perder de vista o compromisso com a pedagogia.

Caldin (2010, p. 90) lista alguns autores que iniciaram sua produção a partir dos anos 1970:

Ana Maria Machado, André Carvalho, Ary Quintella, Bartolomeu Queirós, Carlos de Marigny, Dirceu Quintanilha, Domingos Pellegrini, Edson Gabriel Garcia, Edy Lima, Euclides Marques de Andrade, Everaldo Moreira Veras, Eliane Ganem, Elias José, Fernanda Lopes de Almeida, Ganymedes José, Giselda Laporta Nicolelis, Henry Correa de Araújo, Haroldo Bruno, Ignácio de Loyola Brandão, Joel Rufino dos Santos, João Carlos Marinho, Leny Werneck, Lurdes Gonçalves, Lúcia Pimentel Gôes, Lúcia Aizim, Luiz Paiva de Castro, Lúcia Miners, Lygia Bojunga Nunes, Margarida Ottoni, Martha Azevedo Pannunzio, Moacir C. Lopes, Rachel de Queirós, Ruth Rocha, Sérgio Caparelli, Teresa Noronha, Vivina de Assis Viana, Wander Piroli, Wener Zotz, Ziraldo.

De 1980 a 1990 continua crescendo a produção literária voltada ao público infantil; os escritores experimentam uma nova forma de linguagem, apresentam os vários conflitos da criança, valorizam o lúdico e surgem livros sem texto, dando primazia às ilustrações.

Atuantes nesse período, Caldin (2010, p. 91) arrola:

Antonieta Dias de Moraes, Camila Cerqueira César, Lúcia Amaral, Lúcia Machado e Almeida, Maria Dinorah, Maria Heloísa Penteado, Odette de Barros Mott, Orígenes Lessa, Stella Carr, Stella Leonardos, Ângela Lago, Ciça Fitipaldi, Eliardo França, Eva Furnari, Michele Iacocca, Liliana Iacocca, Ricardo Azevedo, Rui de Oliveira, Walter Ono, Aline Perlman, Amaury Braga da Silva, Anna Flora, Assis Brasil, Antônio Hohfeldt, Carlos Moraes, Elza Sallut, Flávia Muniz, Luís Camargo, Luiz Puntel, Luiz Antônio Aguiar, Luiz Galdino, Marina Colasanti, Mirna Pinski, Paula Saldanha, Pedro Bandeira, Ricardo Azevedo, Roniwalter Jatobá, Santuza Abras, Sylvia Orthof, Stela Maris Rezende, Tatiana Belinky, Telma Guimarães e outros.

Da década de 1990 ao século XXI a produção literária infantil tem crescido sobremaneira. Alguns dos autores do final do século XX continuam escrevendo e surgem outros que se articulam no espírito do novo momento mundial.

Caldin (2010, p. 91) lista alguns desses novos escritores:

Antônio Barreto, Béatrice Tanaka, Branca Maria de Paula, Ronaldo Simões Coelho, Eliana Martins, Fátima Miguez, Ieda de Oliveira, Jair Vitória, Kátia Canton, Lúcia Hiratsuka, Luís Díaz, Maria José Silveira, Rogério Andrade Barbosa, Roseana Murray, Sheilla Gomes, Ulisses Tavares.

Convém salientar que além das modificações nas formas de produção e reprodução da literatura infantil, novos designs, ilustrações e materiais foram elaborados devido às novas demandas da sociedade que exigiam a inserção de novos temas. Passam a ter pauta na literatura infantil contemporânea, o respeito a diferenças culturais e étnicas, questões de gênero, diversidade, inclusão e deficiência, empoderamento feminino, e tudo isso sem perder a essência da literatura infantil, a leveza, a descontração ao tratar de assuntos polêmicos e sérios e de certa forma reforçar valores culturais necessários ao período em que se vive.

É pertinente apresentar o resumo que Gregorin Filho (2009, p. 28) faz dos quatro momentos da história da literatura infantil no Brasil, em relação a alguns dos principais fatores histórico-sociais e às práticas pedagógicas vigentes em cada período. São eles:

- a) Período dos precursores: do Brasil - Colônia até a década de 1920. Período que vai da absoluta falta de preocupação com um projeto educativo formal no país até as primeiras iniciativas de organização e sistematização da instituição pública. Na educação e na prática de leitura no Brasil os paradigmas vigentes eram o nacionalismo, o intelectualismo, o tradicionalismo cultural com seus modelos de cultura a serem imitados e o moralismo religioso. Todos esses paradigmas eram nada mais que o reflexo dos padrões europeus que se encontravam e confrontavam com os valores de um país que lutava pela busca de sua identidade e procurava ser valorizado enquanto nação. Os livros destinados à infância eram basicamente traduções e adaptações de obras europeias em que abundavam as fábulas, os contos de fada maravilhosos, as novelas de aventura e de cavalaria e livros de leitura, organizados como seletas, de circulação específica nas escolas. A criança era vista “como um indivíduo pronto para receber a educação como dádiva, como caráter divino, e amar sua pátria como berço e fonte inesgotável de benevolências”;
- b) Período de Monteiro Lobato: da década de 1920 a meados da década de 1980. Momento fundamental para a literatura infantil, momento de ruptura operada pela produção de Monteiro Lobato. Ele inaugura uma nova literatura infantil brasileira, literatura que ainda passaria por inúmeras transformações e experimentações, por uma ditadura militar e por drásticas e velozes mudanças na tecnologia e na sociedade;
- c) Período Pós – Lobato: de meados de 1980 a meados de 1990, marcado pela forte influência das inovações introduzidas por Lobato e pelo experimentalismo que se instaura, por causa disso, na produção de livros para crianças. Esse experimentalismo se firma a partir das influências da abertura política na concepção de educação, que abala e demanda reformas na Lei de Diretrizes e Bases da educação nacional de 1961, a partir das novas formulações da Pedagogia e da Psicologia em relação à infância. A literatura se mostra inquieta e questionadora abordando questões cotidianas e mais realistas. Há uma busca pela aproximação com o leitor-criança por meio do aguçamento da curiosidade do leitor e do estabelecimento do dialogismo no texto. Além disso, o apelo à visualidade começa a impor sua força na determinação da especificidade da literatura infantil. É o momento em que a literatura para crianças e jovens “mostra um mundo em construção para uma criança que passa a ser vista como um ser em formação”;

- d) Contemporâneo: meados de 1990 até a atualidade. Apontado como o momento em que se encontra consolidada uma produção literária para as crianças que não nasce para se tornar mero recurso pedagógico, mas cujas principais funções são o lúdico, o catártico e o libertador, além do cognitivo e do pragmático, já que visa a preparar o indivíduo para a vida num mundo repleto de diversidades.

O marco da literatura infantil brasileira foi, sem dúvida, a obra de Monteiro Lobato que não escreveu apenas para crianças, mas criou um mundo inteiro para elas, inventando personagens e histórias. Devido a sua importância, a próxima subseção é dedicada a ele.

2.4 MONTEIRO LOBATO: UM INOVADOR DA LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

Lobato foi o grande ícone na literatura infantil brasileira influenciando outros escritores. Lobato é considerado um divisor de águas, que separa o que havia antes e o que há hoje de literatura para crianças e jovens no Brasil. Ele criou personagens que marcaram a infância de milhares de crianças em todo o mundo, pois suas obras foram traduzidas para diversos idiomas em que as crianças se sentiam representadas com as aventuras no *Sítio do Pica Pau Amarelo*. Nesta subseção apresenta-se parte do legado construído por ele.

Pode-se mesmo dizer que a história da literatura infantil brasileira divide-se em três momentos distintos: o período fundador anterior a Lobato, o período lobatiano e o momento atual, pós-lobatiano. Monteiro Lobato criou uma nova literatura infantil, rompendo com estereótipos, trazendo novas ideias e formas de escrever. Ele escreveu crônicas e artigos para a imprensa do interior e capital paulistas desde a sua adolescência; preocupava-se com a renovação na literatura, apresentando autenticidade da realidade brasileira (COELHO, 1991).

Coelho (1991, p. 234) defende que foram dois fatores que validaram a notoriedade e a originalidade do autor: “[...] a necessidade de ruptura com o sistema de vida tradicional e a defesa incondicional do homem-de-iniciativa, se contrapondo àquele que aceita simplesmente a vida como ela é; Lobato realiza “[...] a fusão do Real com o Maravilhoso no qual a lógica tradicional é abolida e um novo espaço é aberto para a crítica”.

A criticidade do povo brasileiro é despertada por meio da literatura inovadora de Monteiro Lobato. Ele revoluciona a literatura infantil, pois mistura elementos do real com o imaginário, do mundo fantástico e da realidade do povo brasileiro trazendo de forma lúdica oportunidades de discussões políticas, sociais e históricas da época.

Cunha (2003, p. 24) segue afirmando que “Monteiro Lobato deu início a verdadeira literatura infantil brasileira”; e diz ainda que “[...] com uma obra diversificada quanto a gêneros e orientação, cria esse autor uma literatura centralizada em alguns personagens, que

percorrem e unificam seu universo ficcional”. São personagens que representam a realidade brasileira, que se utilizam do mesmo linguajar, que aproxima a criança das personagens e por isso a encanta.

Em 1920, Monteiro Lobato publica *A Menina do Narizinho Arrebitado*, inicialmente destinado à leitura nas escolas (ARROYO, 2011).

O autor complementa:

[...] embora estreando na literatura escolar com *Narizinho arrebitado*, Lobato trazia já com seu primeiro livro as bases da verdadeira literatura infantil brasileira: o apelo à imaginação em harmonia com o complexo ecológico nacional; a movimentação dos diálogos, a utilização ampla da imaginação, o enredo, a linguagem visual e concreta, a graça na expressão – toda uma soma de valores temáticos e linguísticos que renovava inteiramente o conceito de literatura infantil no Brasil, ainda preso a certos cânones pedagógicos decorrentes da enorme fase da literatura escolar, fase essa expressa, geralmente, em um português já de si divorciado do que se falava no Brasil (ARROYO, 2011, p. 281).

A literatura infantil de Lobato inicia, nos mesmos moldes, existentes, dentro do pedagogismo, porém ele demonstra a sua verdadeira essência, com alguns indícios do que viria a ser a sua literatura infantil – renovando totalmente – com inovações de enredo, personagens diferenciadas como uma boneca de pano que fala e um sabugo de milho letrado. Também, sendo adotado esse livro nas escolas, Lobato, com seu modo inovador de escrever, logo ficou conhecido das crianças brasileiras.

Segundo Moraes; Valadares e Amorim (2013) no Brasil, até 1920 as ilustrações dos livros infantis se reduziam a repetir o que dizia o texto; o livro *A Menina do Narizinho Arrebitado* de Monteiro Lobato foi ilustrado pelo renomado desenhista Voltolino, e inaugura a obra lobatiana apresentando um cuidado estético muito diferente do vigente até então.

Cunha (2003) explica que mesmo compondo obras notoriamente didáticas, Lobato escreve outras de exploração do folclore ou de pura imaginação, com ou sem aproveitamento de elementos e personagens da literatura infantil tradicional. Foi um longo processo de amadurecimento de Lobato que inicia com crônicas e artigos, porém, como leitor voraz que era, preocupava-se com a renovação da literatura infantil brasileira, e, como Coelho (1991, p. 225) afirma, ele “rompe pela raiz, com as convenções estereotipadas e abre as portas para as novas ideias e formas que o nosso século exigia”.

Lobato faz o que nenhum outro escritor havia realizado até então, que foi se preocupar com a imaginação infantil, em incentivar a criança a participar de fato da sociedade, mostrando para ela de forma lúdica, a realidade exigida naquela época.

Sandroni (1998) enfatiza que Lobato foi o primeiro escritor brasileiro a acreditar na curiosidade intelectual e na capacidade de compreensão da criança, viabilizando a elas textos cheios de citações e alusões que remetem a outras personagens e a outras épocas históricas; o desejo de Lobato era influenciar na formação de um país melhor por meio das crianças, utilizando a literatura infantil como fonte de reflexão, questionamento e crítica.

O sucesso absoluto de Lobato entre as crianças adveio da identificação com as situações descritas em suas histórias; elas se reconheciam dentro de um cenário afetivo e familiar, que era inesperadamente fundida pelo mágico ou pelo maravilhoso, com toda a espontaneidade, característica da sua obra. Coelho (1991) o compara ao escritor inglês Lewis Carroll com seu livro *Alice no País das Maravilhas*, de cinquenta anos antes. Lobato o referenciava no Brasil dos anos 1920: conciliando o real e o maravilhoso em uma única realidade (COELHO, 1991).

Outra característica da obra de Lobato é que as personagens reais têm a mesma estrutura e consistência que as inventadas. Coelho (1991, p. 228) reforça que “[...]todas elas existem com a mesma verdade, dentro do universo faz de conta que Lobato criou e onde a criança brasileira tem morado”. Essa característica é crucial para o sucesso de Lobato, pois faz com que a criança por meio do lúdico desenvolva um senso de identificação com as histórias e com as personagens. Ao criar personagens que se aproximam da realidade dos pequenos leitores e ambientar histórias que, mesmo apresentando muito do fantástico, realizadas em lugares passíveis de identificação pelos mesmos, o autor estimula um senso de pertencimento aos lugares e de proximidade com as narrativas (COELHO, 1991).

Em 1926, seus livros tinham sido traduzidos no exterior em países como Alemanha, Argentina, Espanha, França e Síria compreendidos e amados por crianças não-brasileiras, comprovando que Lobato alicerçou o nacional, em sua natureza humana e universal, facultando a divulgação internacional de suas obras (COELHO, 1991). Além disso, a tradução das obras de Lobato contribuiu para a disseminação de conhecimentos acerca da cultura e folclore brasileiros para outros países e continentes, demonstrando que no mundo fantástico da literatura infantil não há barreiras geográficas.

Lobato debuta uma estética nova da literatura infantil no país, admitindo-a como arte capaz de transformar a percepção de mundo e emancipar seus leitores (ALBINO, 2010). Ele preconiza uma renovação tanto no plano retórico como no ideológico. Retoricamente, percebe-se na prosa lobatiana soluções comunicativas no plano linguístico que despem a língua de qualquer rebuscamento, privilegiando a naturalidade da criança por meio do discurso oral, neologismos, onomatopeias e expressões de linguagem popular, já no aspecto

ideológico constata-se em sua obra infantil a absorção do leitor pelo mundo ficcional. Encorajando esse leitor a compreender a realidade por conceitos próprios, o autor fomenta-lhe o senso crítico por meio de problemas políticos, econômicos, culturais e sociais com especulações e discussões das personagens (ALBINO, 2010).

Essa naturalidade faz com que a criança se interesse por suas histórias, por este mundo encantador que a literatura infantil proporciona. Lobato consegue unir de forma extraordinária os dois mundos, mostrando a realidade ao pequeno leitor sem esquecer o encantamento que a literatura oportuniza. Outra inovação que Lobato criou e que solidifica uma nova percepção de infância e de se relacionar artisticamente com a mesma, é esclarecida por Cunha (2003, p. 20):

[...] foi a introdução do questionamento e a inquietação intelectual atribuída aos personagens crianças, a preocupação com as questões nacionais ou os grandes problemas mundiais, temáticas expressas numa língua marcada pelo aproveitamento do dialeto brasileiro, bem mais próximo das crianças.

Sandroni (2011, p. 54) legitima essas afirmações quando diz que:

[...] com Lobato os pequenos leitores adquirem consciência crítica e conhecimento de inúmeros problemas concretos do país e da humanidade em geral; ele desmistifica a moral tradicional e prega a verdade individual. Instaura, portanto, a liberdade. Sem coleiras, pensando por si mesma, a criança vê, num mundo onde não há limites entre a realidade e a fantasia, que ela pode ser agente de transformação.

Lobato inaugura em suas criações a irreverência, a ironia e o humor, características típicas da infância pouco observadas em obras anteriores de outros escritores. Em vista disso, incentivou a liberdade de ação, o sentimento positivo, em que as situações podem ser resolvidas de forma simples, com inteligência e bom humor, aguçando a criatividade do leitor e trilhando um caminho novo para a literatura infantil brasileira (COELHO, 1991). Ele também elimina a sentimentalidade piegas das adaptações dos livros clássicos que ele fez, também, criticou as moralidades das fábulas.

Como Coelho (1991, p. 235) constata,

[...] nos vários volumes de seu “rocambole” infantil, ridiculariza tais “moralidades” e provoca uma verdadeira revolução nas “verdades absolutas” que elas vêm transmitindo através dos séculos. Embora fiel a certos valores do passado (nos quais foi formado), Monteiro Lobato foi um inovador, pela irreverência com que tratou o estereotipado ainda vigente na sociedade da época.

Ao romper com aspectos clássicos ancorados na literatura infantil, o autor a torna mais leve e mais atrativa para as crianças e a irreverência, a ironia e o humor adicionados pelo autor às narrativas aproximam as histórias do universo infantil.

Uma das particularidades nas histórias de Monteiro Lobato era evitar as tensões dramáticas que caracterizavam as leituras infantis de fim-de-século; assim como evitava também “[...] as tensões psicológicas insolúveis ou angustiantes para os pequenos leitores; explorou “os conflitos” ligados às aventuras e que podiam ser resolvidos, de maneira positiva, ao nível da narrativa e da vida” (COELHO, 1991, p. 236).

Em seu universo, ele solucionava as tensões normais entre o indivíduo e o meio com gestos livres, com as aventuras que engajam o ser por inteiro e o aproximam dos outros (COELHO, 1991).

Ainda segundo Coelho (1991, p. 236),

[...] o incentivo à liberdade interior e conseqüentemente à liberdade de ação, o estímulo à criatividade, à curiosidade intelectual e ao individualismo audaz e empreendedor são as forças dinamizadoras dessa obra que abriu o verdadeiro caminho da literatura infantil brasileira.

Estas características da obra de Lobato são de grande relevância encorajando o leitor a viver e a imaginar aventuras, viajando em um mundo repleto de possibilidades, com limites desconhecidos. Destaca-se ainda a característica vanguardista da obra, sendo a precursora nesta linha temática.

Lobato também produziu literatura para adultos, porém, foi na literatura para crianças que ele se destacou incluindo obras originais, adaptações e traduções, conforme apresentado no Quadro 1 abaixo:

Quadro 1 – Obras de Monteiro Lobato

Originais	Adaptações	Traduções
A Menina do Narizinho Arrebitado (1920)	O irmão de Pinóquio (1927)	Alice no País das Maravilhas – Lewis Carroll (1936)
Narizinho Arrebitado: 2º livro de leitura (1921)	O gato Félix (1927)	Mowgli, o menino lobo (1933) Jacala, o crocodilo – Rudyard Kipling (s/d)
O Saci (1921)	História do mundo para crianças (1933)	Os negreiros da Jamaica – Maine Reid (1933)
Fábulas (1922)	História das invenções (1935)	Caninos brancos (1933) O lobo do mar (1934) A filha da neve (1947) O grito da selva – Jack London (1935)
O Marquês de Rabicó (1922)	Dom Quixote para crianças (1936)	O homem invisível – H. G. Wells (1944)
A Caçada da Onça (1924)	Serões de Dona Benta (1937)	Pinóquio – Collodi (1955)
A Cara de Coruja (1927)	Histórias de Tia Nastácia (1937)	O doutor Negro – Conan Doyle (1934)
Aventuras do Príncipe (1927)	O minotauro (1939)	As aventuras de Huck – Mark Twain (1934)
Noivado do Narizinho (1927)	Os doze trabalhos de	Pollyana (1934)

	Hércules (1944)	Pollyana moça – Eleanor Porter (1934)
O Circo de Cavalinho (1927)		Novos contos – Andersen (1932)
A Pena de Papagaio (1930)		Contos de fadas – Perrault (1939)
O Pó de Pirlimpimpim (1930)		Tarzã, o terrível (1959) Tarzã no centro da Terra – Edgar Rice Burroughs (1936)
As Reinações de Narizinho (1931)		
Viagem ao Céu (1932)		
As Caçadas de Pedrinho (1933)		
Emília no País da Gramática (1933)		
Geografia de Dona Benta (1935)		
Memórias de Emília (1936)		
O Poço do Visconde (1937)		
O Pica Pau Amarelo (1939)		
A chave do Tamanho (1942)		

Fonte: adaptado de Coelho (1991) e Bottmann (2011).

Os títulos das obras originais de Lobato trazem muito do universo escrito por ele repleto de folclore, cultura brasileira e do mundo paralelo que ele cria com o “Sítio do Pica Pau Amarelo”, este mundo é palco para o desenrolar das histórias de vários personagens icônicos e é onde o real e o fantástico coexistem de forma harmônica. Cabe destacar a obra Sítio do Pica Pau Amarelo, devido ao grande sucesso foi adaptada pela primeira vez para a televisão em 1952, na TV Tupi (COELHO, 1991). O programa ficou onze anos no ar e foi destaque da emissora. Em 1964, o infantil ganhou uma versão na TV Cultura de São Paulo e, em 1967, na TV Bandeirantes (GLOBO, 2013). Os produtores procuraram aproximar o programa da realidade e da linguagem da época, não esquecendo as diferenças entre o Brasil de 1977 e o da década de 1930, respeitando a essência da obra de Lobato, preservando o aspecto rural, atentos a grande parcela da população infantil das cidades grandes, para quem a informação sobre o meio urbano também era importante. Para isso, a personagem Pedrinho tornou-se a ligação do sítio com a cidade. Fizeram algumas intervenções, como colocar uma televisão na sala de Dona Benta, mas evitaram urbanizar demais a parte rural, para que não fosse perdido o contraste por que passa uma criança que sai do centro urbano e vai para um sítio, também, atentaram para utilizar palavras e expressões favoritas de Monteiro Lobato (GLOBO, 2013).

Em outubro de 1982 foi ao ar o especial musical Pirlimpimpim, como parte das comemorações do centenário de nascimento de Monteiro Lobato, com a participação dos personagens do Sítio do Pica Pau Amarelo. Em outubro de 1984, houve uma segunda edição do especial, chamada Pirlimpimpim II, que também contou com a participação do elenco do Sítio. A partir de março de 1977, o Sítio passou a ser reprisado, e em março de 1984, uma

reprise do programa passava pela manhã e o inédito ia ao ar à tarde. Em julho de 1996, o programa infantil TV Colosso passou a reprisar diariamente alguns dos melhores episódios do Sítio do Pica Pau Amarelo. Antes disso, em outubro de 1994, a TVE reapresentou algumas histórias da série. No ano de 2001 começou a ser exibida na Globo a segunda versão do programa, que levou o mesmo nome: Sítio do Pica Pau Amarelo (GLOBO, 2013).

O programa foi vendido para diversos países, entre eles Chile, Colômbia, Guatemala, Itália, Nicarágua, Paraguai e Portugal. Angola também foi um dos países que adquiriu o Sítio do Pica Pau Amarelo, em 1979. Neste mesmo ano, a *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization* (UNESCO) elegeu o Sítio do Pica Pau Amarelo um dos melhores programas infantis do mundo (GLOBO, 2013). Por meio do espetáculo televisivo, as personagens ganham um novo público, que atraídos pelo imediatismo da imagem, recorriam aos livros atingindo novos leitores.

De fato, em pesquisa realizada nas escolas de Mato Grosso do Sul, em 2011, foi constatado que os alunos conheciam Lobato pelo seriado da TV Globo e não pela leitura de suas obras, e que “[...] há um bom tempo Monteiro Lobato é muito mais visto e encenado do que lido” (SALES, 2006, p.145-146).

O objetivo de tal pesquisa, segundo Sales (2006, p. 143) “[...] era o de verificar a existência ou não de um planejamento público das atividades específicas de leitura, as condições de trabalho docente, o bom conhecimento da obra lobatiana naquele universo escolar [...]”; para tanto preparou questionários direcionados a alunos da sétima e oitava séries, professores, bibliotecários, diretores de escola e secretários municipais. Os resultados foram desanimadores, pois indicaram a falta de preparo dos professores em apresentar a literatura, de maneira geral, e a de Lobato, de maneira específica, por estarem espartilhados a conceitos tradicionais de que toda leitura deveria servir de ensinamento e atividades pedagógicas; poucos tinham interesse pessoal na obra de Lobato; alguns o consideravam desatualizado; outros culpavam a falta de bibliotecas (SALES, 2006).

Entretanto, a pesquisa de Machado (2014) apontou resultados diferentes. Coletando dados de janeiro a abril de 2013 e de março a abril de 2014 na Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte, tendo como requisitos: a) que o leitor já tivesse lido pelo menos um livro de Lobato; b) que os leitores tivessem de sete a 11 anos, por meio de entrevistas a nove leitores (selecionados de acordo com as fichas de empréstimo de livros da biblioteca), Machado (2014) concluiu que a obra de Lobato não perdeu a atualidade.

Segundo ela, as crianças atribuem novas significações às histórias do *Sítio do Pica Pau Amarelo* e sua leitura representa “uma possibilidade de novos modos de pensar e fazer na

construção e nos avanços sociais, políticos e econômicos de nosso país por seus leitores”, porque é “[...] uma literatura que diverte (o lúdico como função de extremo valor para a vida), informa (no sentido de passar conhecimentos) e forma (identidade, opinião, senso crítico e cidadania)”; assim, na contemporaneidade Lobato ainda seduz os leitores mirins (MACHADO, 2014, p. 94).

Cabe lembrar que Lobato incentivou “[...] a consciência reflexiva e crítica de seus leitores”, com a intenção que as crianças encontrassem “[...] um sentido para a vida.” (COELHO, 1991, p. 237). Ele se preocupava com o futuro das crianças brasileiras e a maneira que expressava isso era por meio das suas histórias em que explorava a imaginação, despertava a curiosidade utilizando do cotidiano e dos problemas comuns à criança brasileira da época permitindo e “[...] mostrando o valor essencial da literatura e abrindo à sua frente o mundo maravilhoso da cultura” (COELHO, 1991, p. 238).

Lobato também designou uma ligação entre a literatura e as questões sociais quando assumiu a responsabilidade da denúncia (MEIRELES, 2016). Isso fez com que muitas escolas religiosas proibissem os livros dele, pois alegavam que as crianças eram desviadas da verdade (COELHO, 1991).

Giaretta (2008, p. 145) chama a atenção para o fato de que o Brasil “[...] reproduziu as teorias científicas e ideias vigentes nos países europeus e nos Estados Unidos” tais como o Positivismo de Comte “[...] com as ideias sobre ordem e progresso, e de Spencer, com o evolucionismo social; as teorias racistas de Gustave Le Bon e Oliveira Vianna [...]” além das “[...] ideias de Nietzsche, filósofo diferencial na formação materialista/positivista de Lobato [...]”.

Assim, essas teorias e ideias

[...] conduziram Lobato, entre outros intelectuais de sua época, a elaborar uma visão do mundo contraditória sobre a realidade, sem, contudo, romper ideologicamente com a classe social a qual pertencia. Sendo assim, o escritor, ao mesmo tempo em que analisava com profundo pessimismo o Brasil e seu povo, previa que o nosso país alcançaria pleno desenvolvimento econômico se investisse na industrialização e na exploração do petróleo. Na visão otimista e ingênua de Lobato, em consequência desse desenvolvimento, o país resolveria automaticamente todos os seus problemas, inclusive a miséria e a ignorância [...]. Já a visão do mundo pessimista do escritor incidiu, especialmente, sobre a parcela menos favorecida da população brasileira, a qual ele creditava, com os fatores de natureza econômica, a causa do subdesenvolvimento do país. Contudo, diante do propósito de criar uma identidade nacional, Lobato introduziu o povo brasileiro, representado pelos personagens negros, em sua literatura infantil, valorizando-o pelo viés cultural, sobretudo, do folclore, embora, contraditoriamente criticasse a cultura popular em suas histórias (GIARETTA, 2008, p. 146).

Então, se em plano século XXI ainda subsistem preconceitos raciais (muito embora disfarçados), não é de se estranhar a posição de Lobato em relação às personagens negras presentes em sua obra infantil. Ele encontrava-se inserido em um contexto vinculado a teorias racistas, que acreditava ser a elite branca a classe ideal para conduzir o país ao sucesso econômico. Não é o caso de limpar sua reputação atual de preconceituoso no tocante à raça negra, mas talvez explique esse posicionamento nas suas obras e sua falta de cuidado na fala mordaz da personagem Emília, sempre que ela retruca à fala ingênua da tia Nastácia. Interessante resgatar que na pesquisa de Machado (2014), as crianças lembraram com especial carinho da figura da tia Nastácia e seus famosos bolinhos.

A respeito da preocupação de Lobato com o desenvolvimento econômico, a industrialização e a exploração de petróleo no Brasil lembra Verrumo (2017, p. 268) que

Em 1926, já influente no mercado literário editorial, o escritor de Taubaté ousou escrever uma carta ao presidente Washington Luís, discorrendo sobre a importância de se investir em livros para o desenvolvimento da economia e da cultura no Brasil. Deu mais certo do que ele poderia imaginar. O presidente viu no literato não apenas um homem preocupado com a literatura brasileira, mas um erudito atento ao crescimento do país. Resultado: Monteiro Lobato foi convidado pelo presidente para ser adido comercial do Brasil nos Estados Unidos e observar as estratégias de desenvolvimento adotadas pelo governo norte-americano [...]. Lá viveria quatro anos, período em que mergulharia nas nuances da economia dos Estados Unidos e voltaria com a convicção de que, para uma nação se desenvolver, ela precisava investir em estradas de ferro, rodovias e petróleo.

Entretanto, explicita Verrumo (2017) ao retornar ao Brasil em 1931, o governo era exercido por Getúlio Vargas, que não tinha como prioridade investir em ferro ou explorar o subsolo, e sem especialistas com o necessário conhecimento técnico e sem infraestrutura, não mostrou interesse em explorar petróleo em terras brasileiras (até porque não acreditava que existissem jazidas no Brasil). Lobato, então, cria a Companhia Petróleos do Brasil, sofrendo contudo com as medidas oficiais que dificultavam seu negócio e favoreciam petrolíferas estrangeiras. Empreendeu uma luta para a defesa da exploração do petróleo por brasileiros, tanto publicando livros quanto proferindo palestras sobre esse assunto.

De fato,

[...] até o Sítio do Picapau Amarelo foi usado pelo autor para propagar suas ideias. Em *O poço do Visconde*, Lobato criou um país que estava ‘oficialmente proibido de ter petróleo’ mas que, paradoxalmente, se transformou no maior detentor mundial dessa matéria-prima. Conforme apresentava a situação paradoxal, o escritor criticava o governo e as empresas estrangeiras que exploravam o país, ao mesmo tempo em que ensinava o público infantil sobre a importância desse combustível para a economia nacional (VERRUMO, 2017, p. 270, grifo do autor).

Mais tarde, quando a primeira jazida de petróleo foi encontrada na Bahia, Lobato se indignou com o governo por este não favorecer a indústria petroleira nacional e sim as empresas estrangeiras. Enviou uma carta de reclamação ao presidente e ao general Góes Monteiro, chefe do Estado-Maior do Exército. Isso lhe custou a liberdade – julgado por injúria ao presidente e aos interesses nacionais, foi condenado a seis meses de prisão, mas “Depois de três meses, Getúlio assinou um decreto em que anulava a pena e colocava fim aos dias de reclusão do escritor” (VERRUMO, 2017, p. 271).

Mesmo passando por todas essas dificuldades, Lobato manteve suas convicções e é lembrado como um defensor da cultura e do progresso nacionais.

De acordo com Cademartori (2010, p. 48) “[...] o sentido da obra de Lobato se torna mais evidente quando sua produção literária é contraposta às características da vida cultural brasileira até determinado momento de nossa história”. Lobato quebra o tradicional quando escreve histórias da realidade do povo brasileiro, com o verdadeiro linguajar informal e coloquial, quando descreve o Brasil rural, valorizando aspectos que até então não eram vistos, pois, somente tinha valor o que vinha do exterior.

Costa e Fantinati (2004, p. 113, grifo dos autores) ratificam:

É da *República do Picapau Amarelo* – feliz denominação criada por André Campos – que desejamos ser cidadãos. Nossa certidão de nascimento é lavrada quando da leitura de um primeiro texto lobatiano. Ganhamos então terra, família, valores e sonhos. Aderimos prazerosamente a um governo e a uma sociedade que nos espelham em qualidades e defeitos. Nessa república, foi abolida a linearidade temporal e os habitantes vivem numa estranha faixa etária circular, a de criança – adulto – criança. Nessa estranha região, dominada por uma temporalidade insólita e construída pela palavra escrita, todas as coisas se remexem do lugar, porque o sítio reproduz em miniatura o sertão rosiano. A estranheza e a mobilidade ganham estatuto de verossimilhança por forças de uma química bem-sucedida em que a ficção – o Sítio do Picapau Amarelo, as personagens e acontecimentos narrados – é somada com as reais tensões da sociedade brasileira – o multirracismo, a tradição, a identidade nacional, a política e a economia em transformação, a educação escolar e familiar.

O fato é que durante décadas as obras de literatura infantil brasileira giraram em torno de seu estilo, bem como dos temas propostos por Lobato. Mesmo ao final dos anos 1970, quando se dá o *boom* deste gênero no Brasil, com a publicação de textos de caráter original, alguns críticos como Lajolo, Zilberman e Perrotti tomam a obra lobatiana como marco e afirmam que a busca da literalidade de nossa literatura infantil, em oposição ao seu caráter utilitário e moralizante de até então, se davam justamente porque estes novos autores retomam a tradição inaugurada por Lobato (MORTATTI, 2008).

Lobato foi precursor na literatura infantil brasileira sendo que a relevância e as particularidades de suas obras conferiram-lhe um capítulo de destaque na história da literatura

infantil. Seu estilo literário ficou conhecido como linha lobatiana e foi seguido por escritores como Ziraldo, Lygia Bojunga, Sílvia Orthof e Mario Quintana, Ruth Rocha e Ana Maria Machado.

A importância de Monteiro Lobato na literatura infantil brasileira acerca das suas obras e da imaginação que proporciona ao mundo das crianças traz, não só o lúdico, mas as empodera enquanto adultas fortalecendo e construindo a base, inspirando para que novas obras sejam desenvolvidas e atualizadas na contemporaneidade.

No capítulo a seguir descreve-se a metodologia utilizada, conceituando e descrevendo as etapas realizadas.

3 METODOLOGIA DA PESQUISA: CONCEITOS E INSTRUMENTOS

Nessa seção, descreve-se a metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa. Em seguida apresentam-se alguns conceitos pertinentes para a assimilação da metodologia selecionada. Ademais, descrevem-se as etapas da realização dessa pesquisa.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Segundo Eco (2007) a metodologia da investigação faz o levantamento e compreende a importância das suas tendências no avanço da ciência e na construção do saber. O autor diz ainda que,

[...] a criação científica é uma atividade e uma instituição. Como atividade, designa o processo de investigação que leva o investigador a produzir a obra científica. Como instituição, é uma estrutura constituída por três elementos: o sujeito, o objeto e o meio. Ao longo dos tempos, estes aspectos foram evoluindo, designando a associação ou a dissociação quer dos mesmos, quer de algumas das suas partes, diversos movimentos da investigação científica (ECO, 2007, p. 11).

Entendendo a criação científica nesta perspectiva de movimentos, procurou-se situar a pesquisa no campo metodológico considerando-a de acordo com os objetivos propostos, como uma pesquisa exploratória - descritiva.

Prodanov e Freitas (2013, p. 51-52) explicam que a pesquisa exploratória dá-se,

[...] quando a pesquisa se encontra na fase preliminar, tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto. Assume, em geral, as formas de pesquisas bibliográficas e estudos de caso.

Para Zikmund (2000), os estudos exploratórios, geralmente, são úteis para diagnosticar situações, explorar alternativas ou descobrir novas ideias. Esses trabalhos são conduzidos durante o estágio inicial de um processo de pesquisa mais amplo, em que se procura esclarecer e definir a natureza de um problema e gerar mais informações que possam ser adquiridas para a realização de futuras pesquisas conclusivas. Dessa forma, mesmo quando já existem conhecimentos do pesquisador sobre o assunto, a pesquisa exploratória também é útil, pois, normalmente, para um mesmo fato organizacional, pode haver inúmeras explicações alternativas, e sua utilização permitirá ao pesquisador tomar conhecimento, se não de todas, pelo menos de algumas delas.

Para Triviños (1987, p. 110), “[...] o estudo descritivo pretende descrever ‘com exatidão’ os fatos e fenômenos de determinada realidade”, de modo que o estudo descritivo é

utilizado quando a intenção do pesquisador é conhecer determinada comunidade, suas características, valores e problemas relacionados à cultura.

Diante do problema investigado a pesquisa apresenta uma abordagem quali-quantitativa, realizada em duas etapas. A pesquisa de métodos mistos combina ou associa as formas qualitativa e quantitativa. Entretanto, é mais do que uma simples coleta e análise dos dois tipos de dados, de modo que a força geral de um estudo seja maior do que a da pesquisa qualitativa ou quantitativa isolada (CRESWELL; PLANO CLARK, 2007).

Essa pesquisa delinea-se no campo qualitativo na metodologia empregada para a análise dos dados obtidos, ou seja, na avaliação e sistematização dos resumos das teses e dissertações pesquisadas, que por sua vez foram coletadas e selecionadas por meio de métodos quantitativos.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos a pesquisa é bibliográfica, realizada a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores que, segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 54) acontece:

[...] quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. [...] Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar.

Para Severino (2007), a pesquisa bibliográfica busca apenas levantar informações sobre um determinado objeto, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto. No caso dessa pesquisa, a primeira etapa foi:

- a) registrar os conceitos, o histórico e a teoria da literatura em geral;
- b) caracterizar a literatura infantil;
- c) apresentar o histórico da literatura infantil brasileira;
- d) apontar Lobato como um inovador da literatura infantil brasileira.

A segunda etapa da pesquisa bibliográfica consistiu em realizar buscas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Utilizou-se como termo de busca “*literatura infantil*” and *Brasil*. O filtro utilizado foi o recorte temporal delimitado entre os anos de 2009 e 2018.

A literatura juvenil aparece junto com a literatura infantil, pois, os autores não fazem a separação, considerando-a uma só. Nessa pesquisa as áreas de conhecimento Educação e

Letras são consideradas áreas afins por estudarem a literatura infantil, por terem sido as áreas que mais trabalhos neste campo foram recuperados.

3.2 TÉCNICA DE ANÁLISE DOS DADOS

Quanto à técnica de análise dos dados foi utilizada a Análise de Conteúdo de Bardin que se constitui de um,

[...] conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 2010, p. 42).

Bardin (2010, p. 92) enfatiza que

[...] a análise de conteúdo é composta por procedimentos sistemáticos que proporcionam o levantamento de indicadores (quantitativos ou não) permitindo a realização de inferência de conhecimentos. É realizada, geralmente em três etapas: pré-análise; exploração do material ou codificação e tratamento dos resultados obtidos/interpretação.

Para a realização da análise de conteúdo, após a definição do objeto de pesquisa, foram estabelecidas categorias e/ou subcategorias relacionadas aos objetivos específicos desta pesquisa. Estabeleceram-se quatro categorias: a) literatura; b) literatura infantil; c) literatura infantil brasileira; d) Monteiro Lobato.

As categorias adotadas neste trabalho de análise estão diretamente ligadas.

Para Bardin (2010, p. 91),

[...] a categorização pode empregar dois processos inversos: É fornecido o sistema de categorias e repartem-se da melhor maneira possível os elementos, à medida que vão sendo encontrados [...] O sistema de categorias não é fornecido antes, resultando da classificação analógica e progressiva dos elementos [...]

A escolha dos documentos foi realizada a partir dos objetivos que foram previamente definidos; são eles que definirão o corpus da pesquisa, que vem a ser: “o conjunto dos documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos” (BARDIN, 2010, p. 90). Na etapa da pré-análise, Bardin (2010, p. 92) frisa “a formulação das hipóteses e dos objetivos, mas ao mesmo tempo ressalta que não é obrigatório estabelecê-la para se proceder a análise”, e assegura: “algumas análises efectuam-se às cegas e sem ideias pré-concebidas”. É dessa forma, que se baseia a pesquisa de estudo aqui produzida, sem concepções pré-estabelecidas objetivando que as experiências ocorram ao longo do processo. Também na pré-análise é necessário realizar a referenciação dos índices e a produção de

indicadores. Bardin (2010, p. 93) elucida: “[...] se se considerarem os textos como uma manifestação contendo índices que a análise vai fazer falar, o trabalho preparatório será o da escolha destes”, e enfoca que “[...] o índice pode ser a menção explícita de um tema numa mensagem”. Logo após acontece a organização dos índices em indicadores, os quais subsequentemente darão origem às categorias que serão submetidas à análise temática. As categorias são “[...] rubricas ou classes, que reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos,” e “[...] o bom analista será, talvez, em primeiro lugar, alguém cuja capacidade de categorizar está desenvolvida” (BARDIN, 2010, p. 111-113).

Lembra-se que para a presente pesquisa o recorte geral foi a área de conhecimento Educação e Letras. Foram recuperados 127 trabalhos. O número total de trabalhos foi inferior, pois sete se repetem e alguns não eram pertinentes à pesquisa. Resultando em 75 trabalhos, em que 43 são da área de Educação sendo 28 dissertações e 15 teses; os outros 32 trabalhos foram encontrados na área de Letras, sendo 23 dissertações e nove teses, conforme o Quadro 2 abaixo:

Quadro 2 – Número de trabalhos por área do conhecimento

Área de Conhecimento	Dissertações	Teses	Total
Educação	28	15	43
Letras	23	9	32
TOTAL	51	24	75

Fonte: elaborado pela autora (2019).

Após a leitura e fichamento dos resumos dos trabalhos definiram-se palavras-chave: Literatura; Literatura infantil e/ou literatura infantil/juvenil; literatura infantil brasileira e Monteiro Lobato, agrupadas para facilitar a análise. Encontrou-se 39 trabalhos, sendo seis que tratam da Literatura (quatro dissertações e duas teses); 16 dissertações que tratam da Literatura Infantil e/ou Literatura Infantil/Juvenil; 10 trabalhos de Literatura Infantil Brasileira (cinco dissertações e cinco teses); sete trabalhos que estudaram Monteiro Lobato (cinco dissertações e duas teses). Conforme demonstra o Quadro 3 abaixo:

Quadro 3 – Número de trabalhos por palavras-chave

Palavras-chave	Dissertações	Teses	Total
Literatura	4	2	6
Literatura Infantil e/ou Literatura Infantil/Juvenil	16	0	16
Literatura Infantil Brasileira	5	5	10
Monteiro Lobato	5	2	7
TOTAL	30	9	39

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Para finalizar a etapa de pré - análise é preciso organizar o material, ou seja, editar os textos que serão analisados, com recortes das partes relevantes para a análise. Após a pré-análise, segue a etapa de exploração do material que, de acordo com Bardin (2010, p. 95), “não é mais do que a administração sistemática das decisões tomadas”. Para concluir, sucede o tratamento dos 39 resultados e sua interpretação. É nessa fase que o pesquisador pode “propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas” (BARDIN, 2010, p. 95).

Na próxima seção, apresentam-se os dados coletados e sua respectiva análise.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Como relatado anteriormente, nas buscas na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) foram encontrados 127 trabalhos, inicialmente. Foi contabilizado 75 trabalhos no total, pois, considerou-se o acesso ao texto completo, assim como também, a pertinência/relevância do tema. Resultando em 75 trabalhos, em que 43 são da área de Educação sendo 28 dissertações e 15 teses; os outros 32 trabalhos foram encontrados na área de Letras, sendo 23 dissertações e nove teses. Desse total foram excluídos os trabalhos que não se enquadravam no tema desta pesquisa. Assim, de acordo com as palavras-chave e a leitura dos resumos, focou-se em apresentar e analisar os trabalhos relacionados à literatura, literatura infantil, literatura infantil/juvenil, literatura infantil do Brasil e Monteiro Lobato, que totalizaram 39 pesquisas. Para sistematizar as informações coletadas foram elaborados cinco quadros.

O Quadro 4 traz as teses e dissertações mais pertinentes ao escopo da pesquisa em que se demonstra a instituição em que foram apresentados/elaborados; o Programa de Pós-Graduação (PPG) ao qual está vinculado; o nível acadêmico: mestrado ou doutorado; o título do trabalho, seu respectivo autor e ano de defesa por ordem crescente em cada instituição em que foi defendido.

Quadro 4 - Dissertações e Teses por Programa de Pós-Graduação

Instituição/ cidade	PPG	Nível	Título	Autor	Ano de defesa
PUC Campinas SP	PPG Educação	Mestrado	Era uma vez... Alfabetização matemática e contos de fadas: uma perspectiva para o letramento na infância.	COSTA, Patricia Maria Barbosa Jorge Sparvoli	2015
PUC Campinas SP	PPG Educação	Mestrado	Fruição e autorregulação: a literatura infantil como meio para o desenvolvimento das crianças.	KOIDE, Adriana Batista de Souza	2016
PUC Campinas SP	PPG Educação	Mestrado	Literatura, memória e imaginação: as crianças e a leitura de histórias na educação infantil.	BRITO, Larissa Elizabeth de Barros	2016
PUC Campinas SP	PPG Educação	Mestrado	A formação continuada de professores e a literatura: estratégias de leitura e seleção de obras.	PEDERSEN, Simone Alves	2017
PUC Campinas SP	PPG Educação	Mestrado	?Hoje posso ser eu, tia??: Leitura Fruição pela voz e mãos de crianças da Educação Infantil.	MACHADO, Hellen Cristina	2018
PUC Goiás	PPG Literatura e Crítica Literária	Mestrado	Mosaicos de culturas de leitura e desafios da tradução na	WIND, Tonia Leigh	2011

			literatura infantil		
PUC Goiás	PPG Letras	Mestrado	O avesso do avesso: expressões e imaginário do feminino	KAWAMOTO, Roberta dos Santos Piedras	2016
PUC Goiás	PPG Letras	Mestrado	Literatura, imaginário e efeito estético em a história da Aranha Leopoldina e a Moça Tecelã.	SANTOS, Deuzélia Rosa Gomes dos	2016
PUC Rio	PPG Literatura, Cultura e Contemporaneidade	Doutorado	De primeira hora, no calor da hora: a crítica brasileira de literatura infantil nas décadas de 1970 e 1980.	CASTELLO BRANCO, Thatty de Aguiar.	2014
PUC Rio	PPG Letras	Mestrado	Livro ilustrado: definições, leitores, autores.	NAKANO, Renata Gabriel	2012
PUC SP	Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação	Doutorado	Monteiro Lobato e o discurso do petróleo: o deslocamento da instituição literária para a arena de debates da política econômica.	RAMANZINI, Isis Cristina	2017
PUC SP	Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política Sociedade	Mestrado	Produção e circulação das obras didáticas de Monteiro Lobato.	ALCANFOR, Lucilene Rezende	2010
PUC SP	Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem	Mestrado	Cecilia Meireles e os problemas da literatura infantil: uma abordagem discursiva.	RAMANZINI, Isis Cristina	2012
UCS/Caxias do Sul	PPG Letras, Cultura e Regionalidade	Mestrado	Antropofagia no sítio: insólito ficcional e identidade cultural em Peter Pan, de Monteiro Lobato.	ZOBARAN, Felipe Teixeira	2016
UEPB	PPG Literatura e Interculturalidade	Mestrado	A literatura infantil como instrumento de denúncia da ditadura militar.	MORAIS, Josenildo Oliveira de	2011
UFC	PPG Educação Brasileira	Doutorado	Família e escola: uma parceria em busca da competência leitora de crianças de escola pública.	FARIAS, Maria Cílvila Queiroz	2010
UFC	PPG Letras	Mestrado	Literatura, consumo e ideologia: a construção de perfis da infância em três momentos do mercado editorial infantil brasileiro.	SARAIVA, Fúlvio de Oliveira	2012
UFMG	PPG Prof Letras	Mestrado	Monteiro Lobato e o Leitor Infante-Juvenil: consensos, polêmicas e sugestões.	COSTA, Francisco das Chagas Souza	2015
UFGO	PPG Educação	Mestrado	Experiências de leitura de crianças em diferentes contextos.	LA ROVERE, Andrea Del	2014
UFGO	PPG Letras e Linguística	Doutorado	Literatura sem fronteira: por uma educação literária.	SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima	2013
UFMG	PPG Educação	Mestrado	Literatura premiada entra na escola?: a presença dos livros premiados pela FNLIJ, na categoria criança, em bibliotecas escolares da Rede Municipal de Belo Horizonte.	COSTA, Cristiane Dias Martins da	2009
UFMT	PPG Educação	Mestrado	Leitura e literatura na Escola	VIANA,	2012

			Livre Porto Cuiabá na perspectiva da pedagogia Waldorf.	Claudionor Alves	
UFPB	PPG Letras	Mestrado	As raízes da poesia infantil de Zalina Rolim em livro das crianças.	OLIVEIRA, Valnikson Viana de	2017
UFPB	PPG Letras	Mestrado	O universo infantil e escolar em poesias infantis, de Olavo Bilac.	SILVA, Ana Paula Serafim Marques da	2018
UFRGS	PPG Educação	Mestrado	A comissão de literatura infantil do Ministério da Educação e Saúde Pública do Brasil nos anos de 1936 a 1938 (manuscrito).	PAUTASSO, Andrea Milán Vasques	2010
UFRN	PPG Educação	Mestrado	A leitura de literatura na escola: por uma educação emocional de crianças na educação infantil.	SILVA, Nívea Priscilla Olinto da	2010
UFRN	PPG Educação	Mestrado	Literatura infantil na escola e outras pedagogias culturais: (con)formando identidades infantis de gênero.	SILVA, Polena Valesca de Machado e	2018
UFTM	PPG Prof Letras	Mestrado	O ensino de literatura e a formação de leitores numa escola pública de Uberaba	FERREIRA, Thaís Cristina Silva	2016
UFTM	PPG Prof Letras	Mestrado	O valor das coisas “desimportantes”: o letramento literário baseado na obra Memórias Inventadas, de Manoel de Barros.	SANTOS, Liliane Nunes	2016
UFTM	PPG Prof Letras	Mestrado	O ensino de literatura e o letramento literário em uma escola pública de Uberaba.	SOUZA, Juliana Afonso de Paula	2016
UNESP	PPG Letras	Doutorado	Voices de criança: o discurso de auto-afirmação na literatura infantil de Ana Maria Machado.	YAZLLE, Senise Camargo Lima	2009
UNESP	PPG Educação	Doutorado	História do ensino da literatura infantil nos cursos de formação de professores primários no estado de São Paulo, Brasil (1947-2003).	OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de	2014
UNESP	PPG Educação	Doutorado	A contribuição de Leonardo Arroyo (1918-1985) para a história da literatura brasileira.	ASSIS, Vivianny Bessão	2016
UNESP	PPG Educação	Doutorado	Língua, literatura e geografia: uma experiência de leitura da Geografia de Dona Benta de Monteiro Lobato e do Le tour de la France par deux enfants de G. Bruno.	GRACIOLI, Filipe Rafael	2018
UNESP	PPG Educação	Mestrado	O ensino da literatura infantil em Compêndio de Literatura Infantil: para o 3º ano Normal (1959), de Bárbara Vasconcelos de Carvalho.	OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de	2010
UNESP	PPG Educação	Mestrado	A estética da recepção contribuindo para o ensino de literatura-infantil: uma experiência com o conto A	FARIA, Fernanda Cristina Ribeiro	2010

			pequena vendedora de fósforos, de Hans Christian Andersen (1805-1875).		
UNESP	PPG Educação	Mestrado	Os recursos linguísticos no projeto de desliteraturização de Monteiro Lobato: discutindo a obra fábulas.	ROCHA, Michele Saionara Aparecida Lopes de Lima	2015
UNISUL/ Tubarão/SC	PPG em Ciências da Linguagem	Mestrado	Lendo imagens: um passeio de ida e volta pelo livro de Juarez Machado.	SPENGLER, Maria Laura Pozzobon	2010
USP	PPG Educação	Doutorado	O Brasil contado às crianças: Viriato Corrêa e a literatura escolar para o ensino de História (1934-1961).	FERNANDES, José Ricardo Oriá.	2009

Fonte: elaborado pela autora (2019).

Numa análise geral, os trabalhos estão distribuídos em quatro regiões do país: Sul (três trabalhos), Sudeste (22 trabalhos), Centro-Oeste (seis trabalhos) e Nordeste (oito trabalhos). Na região Norte não foi recuperado nenhum trabalho, conforme demonstrado no Quadro 5 abaixo:

Quadro 5 – Dissertações e Teses por Regiões

Região	Dissertações	Teses	Total
Sul	3	0	3
Sudeste	15	7	22
Centro-Oeste	5	1	6
Nordeste	7	1	8
Norte	0	0	0

Fonte: elaborado pela autora (2019)

Na região Sul têm-se 3 dissertações; destas, duas foram desenvolvidas no estado do Rio Grande do Sul, sendo uma na UFRGS no PPG Educação e uma na Universidade de Caxias do Sul no PPG Letras, Cultura e Regionalidade; a terceira dissertação foi produzida no estado de Santa Catarina, na UNISUL no polo de Tubarão junto ao PPG em Ciências da Linguagem.

Para a região Sudeste têm-se 15 dissertações e 7 teses. Sendo cinco dissertações elaboradas no PPG Educação da PUC Campinas de São Paulo; uma no PPG Letras da PUC Rio; uma no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política Sociedade da PUC de São Paulo; uma dissertação no Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem também na PUC de São Paulo; uma no PPG Educação da UFMG; três no PPG Profissional em Letras da UFTM e três na UNESP no

PPG Educação. Já as teses: uma na PUC Rio no PPG Literatura, Cultura e Contemporaneidade; uma na PUC de São Paulo no Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: Psicologia da Educação; uma na UNESP no PPG Letras e três no PPG Educação; e uma no PPG Educação da USP.

Na região Centro – Oeste têm-se duas dissertações; uma desenvolvida no estado do Mato Grosso no PPG Educação da UFMT; e a outra em Goiás, na UFGO, também no PPG Educação. Para os três programas de Letras existem três dissertações e uma tese. Todos no estado de Goiás. Sendo a tese do PPG Letras e Linguística da UFGO; e as dissertações: duas delas do PPG Letras da PUC Goiás e a terceira no PPG Literatura e Crítica Literária.

Na região Nordeste têm-se sete dissertações e uma tese. A tese elaborada no PPG Educação Brasileira da UFC. As dissertações: uma no PPG Literatura e Interculturalidade da UEPB; uma no PPG Letras da UFC; uma desenvolvida no PPG Profissional de Letras da UFCG; duas no PPG da UFPB e duas no PPG Educação da UFRN.

De modo geral, considera-se que a produção é significativa e atual, sendo realizados em média quatro trabalhos por ano. Sendo a região Sudeste a que mais produz.

O ano de 2016 foi o que mais trabalhos foram produzidos totalizando nove. A Educação com 20 e a Letras com 19 produziram basicamente o mesmo número de trabalhos nesse período.

Com base no Quadro 6 abaixo, foram analisados os resumos e categorizados os trabalhos de acordo com as palavras-chave selecionadas nesta pesquisa, para dissertações e teses sobre Literatura.

Quadro 6 - Dissertações e Teses sobre Literatura

Título	Nível	Autor	Orientador	Ano de defesa	Palavras-chave	Resumo
O ensino de literatura e a formação de leitores numa escola pública de Uberaba.	Mestrado	FERREIRA, Thaís Cristina Silva	Carlos Francisco de Morais	2016	Ensino de Literatura; Letramento o literário; Formação de leitores; Livro didático	Este trabalho pretende realizar um levantamento e refletir, a respeito de como o texto literário está sendo inserido no cotidiano dos alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede municipal de Uberaba. Considerando que o livro didático se faz presente em quase todas as escolas, constituindo um dos elementos básicos da organização do trabalho docente e, na maioria das vezes, o único meio de acesso à leitura dos nossos alunos. Pesquisaremos, então, como este material adotado pela escola concebe, apresenta e desenvolve o trabalho com o texto literário em sala de aula, principalmente em relação às atividades propostas e à

						contribuição para a formação de leitores literários. A partir das conclusões resultantes da análise do livro didático, elaboraremos uma sequência didática centrada na proposta de letramento literário, utilizando como ponto de partida, um dos textos literários presentes no livro em questão.
O ensino de literatura e o letramento literário em uma escola pública de Uberaba.	Mestrado	SOUZA, Juliana Afonso de Paula	Carlos Francisco de Morais	2016.	Ensino de Literatura; Formação de leitores literários; Letramento literário; Sequência didática.	A presente pesquisa teve como objetivo principal averiguar a abordagem da literatura em uma escola pública da cidade de Uberaba - MG, visando resgatar a importância do texto literário no ambiente escolar, a fim de promover o trabalho com o letramento literário. Como fundamentações da pesquisa, estudou-se os principais conceitos relacionados ao ensino do texto literário, os quais são essenciais para a condução do trabalho desenvolvido. Pode-se atentar que o trato íntimo com o texto literário na sequência didática elaborada e aplicada propiciou aos alunos maior envolvimento e ganho de resultados na aprendizagem em relação ao que foi possível notar antes da execução da intervenção.
Leitura e literatura na Escola Livre Porto Cuiabá na perspectiva da pedagogia Waldorf.	Mestrado	VIANA, Claudionor Alves	Ana Arlinda de Oliveira	2012	Leitura; Literatura; Pedagogia Waldorf	Esta pesquisa teve como objetivo investigar como se desenvolve a proposição pedagógica sobre a Leitura e a Literatura Infantil na turma do quarto ano da Escola Livre Porto Cuiabá, conforme os princípios da Pedagogia Waldorf. Os objetivos específicos ajudaram a nortear a pesquisa, sendo eles: conhecer as concepções e práticas que dão suporte ao fazer pedagógico da professora, com relação à leitura e à literatura infantil; observar as estratégias utilizadas nas atividades de leitura; analisar se a prática metodológica da professora possibilita a construção da autonomia com relação à formação de leitores, ampliando o letramento dos alunos; identificar os gêneros literários presentes na prática pedagógica que circulam no contexto da sala de aula.
Literatura premiada entra na escola?: a presença dos livros premiados pela FNLIJ, na categoria criança, em bibliotecas escolares da Rede Municipal de Belo Horizonte	Mestrado	COSTA, Cristiane Dias Martins da	Maria Aparecida Paiva S. dos Santos	2009	Educação; Biblioteca Escolar; Literatura; RMBH.	Esta pesquisa tem como foco de investigação a produção literária para crianças. Constatou-se a grande disparidade na presença dos livros de uma escola para outra. Há escolas que possuem 30 dos 49 livros pesquisados, contrapondo com escolas que têm apenas um livro. A proposta de analisar a presença da produção literária premiada pela FNLIJ na categoria criança visa contribuir para os estudos que enfocam diferentes aspectos da literatura infantil

- RMBH.						brasileira.
Literatura sem fronteira: por uma educação literária.	Doutora do	SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima	Goiandira de Fátima Ortiz de Camargo	2013	Literatura sem fronteira; formação de leitor; mediação.	A presente pesquisa aborda a formação do leitor literário fundamentada em reflexões sobre o papel e a importância da mediação, com vistas à construção de bases para uma Educação Literária. Inicialmente, delineamos o que entendemos por formação do leitor literário. Para isso, fazemos um percurso histórico do conceito de formação, demonstrando a sua articulação com a educação. Em seguida, inscrevemos a literatura no espaço de reflexão com o propósito de apresentar o que entendemos por Literatura sem Fronteiras, que introduz e norteia na pesquisa as obras a serem analisadas vis-à-vis a caracterização dessa literatura como aquela que desfaz as fronteiras de gênero, entrelaça ficção e invenção e não define a sua recepção a priori.
Família e escola: uma parceria em busca da competência leitora de crianças de escola pública.	Doutora do	FARIAS, Maria Cilvia Queiroz	Sylvie Ghislaine Delacours Soares Lins	2010	Leitura compartilhada; Língua escrita; Leitura na família; Parceria família e escola.	Este estudo analisou o impacto das estratégias de colaboração que as famílias de um bairro da periferia de Fortaleza e a escola situada nessa mesma localidade construíram, em parceria, para desenvolver a competência leitora de crianças do 2º ano do Ensino Fundamental. Nesta pesquisa, as crianças interagiram com impressos de diversos gêneros e portadores textuais (contos clássicos da literatura infantil, outros contos em prosa e verso sobre temas variados, revistas infantis, gibis etc.), cujas leituras foram mediadas por pessoas da família.

Fonte: elaborado pela autora (2019).

A literatura foi abordada em seis trabalhos, quatro dissertações e duas teses. Todos eles relacionam a literatura com a escola. Acredito que a literatura é fundamental no processo de aprendizagem, principalmente, quando utilizada de forma agradável, lúdica e como entretenimento. Os trabalhos se preocupam com a formação do leitor, o incentivo à leitura, o acesso aos livros de literatura e à produção literária para criança. Sartre (2004) chama a atenção ao que se pode entender por Literatura (que além de explorar ao máximo a linguagem e ser um texto prazeroso) possui intemporalidade e universalidade – isso implica dizer que não perde a atualidade e pode atingir qualquer leitor, independente da situação geográfica em que se encontra. Sartre (2004) diz ainda que o que define a natureza do objeto literário não é o que está sendo narrado pelo autor, mas, sim o modo como está sendo narrado. É, ainda, a arte de escrever por meio de metáforas; e, acima de tudo, ficção e proporciona o envolvimento emocional do leitor com o texto. É, também, a realidade recriada pelo autor, que, engajado no

mundo, intenta engajar o leitor (SARTRE, 2004); de fato, o texto literário apresenta-se como uma estrutura comunicativa (ISER, 1996). E os trabalhos demonstraram o quanto é importante esse envolvimento da criança com o livro e a literatura. As crianças incentivadas de forma lúdica se entregam ao prazer e ao divertimento que ela provoca.

Dois trabalhos enfocaram o letramento literário e outros dois a formação do leitor por meio de práticas pedagógicas seja pelo livro didático ou por estratégias pedagógicas como sequência didática e mediação de leitura pelos professores. O que foi constatado é que o livro didático ainda é o único meio de acesso à leitura pela maioria das crianças de escola pública. A dissertação da Cristiane Dias Martins da Costa investigou a produção literária para crianças, se os livros premiados pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) estão presentes em sala de aula. Há uma grande disparidade nas escolas da Rede Municipal de Belo Horizonte, em que se encontraram escolas com 30 livros dos 49 pesquisados e escolas com apenas um. Coelho (2000, p. 48) esclarece que “[...] o caráter pedagógico e o literário resultam da indissolubilidade que existe entre a intenção artística e a intenção educativa incorporadas nas próprias raízes da educação infantil”. No decorrer dos anos, os escritores da literatura infantil conseguiram solucionar essa dualidade: associando a literatura que emociona, diverte e dá prazer e que, concomitantemente, ensina modos novos de ver o mundo, de viver, criar, pensar, reagir, seguindo a ideia proposta por Coelho (2000, p. 48) que “[...] é pela invenção da linguagem que essa intencionalidade básica é atingida”.

Percebe-se também que os projetos aplicados com as crianças são bem aceitos, que elas participam e foram obtidos excelentes resultados como os apresentados na tese intitulada “Família e escola: uma parceria em busca da competência leitora de crianças de escola pública de Maria Cílvia Queiroz Farias” discorre como a família é um canal fundamental/precioso de incentivo à leitura para as crianças. Acredito ser essencial esse incentivo desde a mais tenra idade, mas, que muitas vezes nem mesmo a família teve acesso aos livros, sendo inviável esse incentivo. A pesquisa de Farias oportunizou o acesso dessas famílias à literatura e gerou resultados gratificantes. Foi constatada a ampliação dos conhecimentos das crianças referente à língua escrita bem como desenvolvimento de atitudes favoráveis em relação à leitura e à escrita após a interação das crianças com impressos escolhidos por elas e lidos com a mediação de parceiros da família. Coelho advoga que (1987, p. 8) “[...] a literatura é um fenômeno de linguagem plasmado por uma experiência vital/cultural, direta ou indiretamente ligada a determinado contexto social”. Nesse sentido, a tese mostrou que a família é fundamental no processo de incentivo e interação com a leitura e a literatura.

Esclarece-se que escolheu-se esses dois trabalhos em especial porque demonstram na prática como a interação com os livros, seja na escola, ou com a família, tem o poder de incentivar a criança a ler e por meio das histórias encantá-la ativando o imaginário dela.

A seguir, o Quadro 7 traz as dissertações sobre literatura infantil, lembrando que em alguns trabalhos não é possível separar a palavra – chave *literatura infantil* de *literatura infantil/juvenil*, pois os autores não a diferenciam. Eles as consideram como um único tipo de literatura.

Quadro 7 - Dissertações sobre Literatura Infantil

Título	Nível	Autor	Orientador	Ano de defesa	Palavras-chave	Resumo
O valor das coisas “desimportantes”: o letramento literário baseado na obra Memórias Inventadas, de Manoel de Barros.	Mestrado	SANTOS, Liliane Nunes	Bruno Curcino Mota	2016	Letramento literário; Literatura Infantil; Práticas de ensino.	Este relatório é o resultado final de nossa pesquisa, que engloba o estudo sobre letramento, a formação do leitor literário, a reflexão sobre práticas docentes e, sobretudo, a proposta de intervenção que consiste na aplicação de sequência didática para alunos do 6º ano do ensino fundamental, os quais serão objeto e agentes coparticipantes de nossa pesquisa. A presente investigação tem o objetivo de apresentar e compreender as práticas de letramento literário de estudantes de uma pequena cidade do Pontal do Triângulo Mineiro. Para tanto, discutimos os conceitos de letramento, literatura infantil e letramento literário, buscando a compreensão dos aspectos da literatura e da linguística presentes na construção do conceito de letramento literário.
O avesso do avesso: expressões e imaginário do feminino	Mestrado	KAWAMOTO, Roberta dos Santos Piedras	Maria de Fátima Gonçalves Lima	2016	Literatura Infantil; Gênero feminino; Imaginação; Ilustração.	Este estudo tem como diálogo as expressões: alegorias e símbolos, presentes nas obras A bolsa amarela, de Lygia Bojunga, e A moça tecelã, de Marina Colasanti, a partir da discussão sobre a representação do gênero feminino e da igualdade de gênero, no imaginário, na literatura infantil brasileira, sob a perspectiva de Gilbert Durant, como teórico fundamental para a compreensão acerca do imaginário. Investiga, ainda, se a literatura infantil contemporânea tem contribuído para a desconstrução do enraizamento de uma cultura adulta e patriarcal. Aborda-se, também, a relação discursiva entre o verbal e o visual na construção do imaginário.

Lendo imagens: um passeio de ida e volta pelo livro de Juarez Machado.	Mestrado	SPENGLER, Maria Laura Pozzobon	Eliana Santana Dias Debus	2010	Literatura Infantil; Livro de imagem; Semiótica	Esta pesquisa tem como objetivo refletir como os leitores de diferentes níveis de ensino se apropriam do livro de imagem Ida e Volta de Juarez Machado. Desta maneira se pode perceber de que forma o uso do Livro de Imagem pode fornecer possibilidades de construção de conhecimento através da observação e da significação dos elementos presentes nas imagens do livro.
Mosaicos de culturas de leitura e desafios da tradução na literatura infantil	Mestrado	WIND, Tonia Leigh	Divino José Pinto	2011	Tradução; Crítica literária; Literatura Infantil/Juvenil.	O objetivo principal desta pesquisa é analisar o segmento denominado literatura infantil sob a perspectiva das tradições culturais decorrentes da prática de leitura no Brasil e nos EUA; da influência desta espécie literária no processo de formação do indivíduo, e dos percalços linguísticos enfrentados na tradução de livros estrangeiros para o mercado nacional. Um enfoque especial será dado ao conceito norte-americano e brasileiro de cultura de leitura e mediadores de leitura para comparar o processo de formação do indivíduo em ambos os países.
A literatura infantil como instrumento de denúncia da ditadura militar.	Mestrado	MORAIS, Josenildo Oliveira de	Maria Goretti Ribeiro	2011	Análise literária; Literatura Infantil/Juvenil; Ditadura; História - Brasil	Com o caráter de pesquisa histórico-literária, a intenção deste estudo é a de analisar a produção literária infantil e juvenil produzida no período da Ditadura Militar, particularmente nos anos 1970, demonstrando como essa literatura faz denúncias sobre o momento histórico vivido e sua importância para a construção da identidade e cultura brasileiras.
Era uma vez... Alfabetização matemática e contos de fadas: uma perspectiva para o letramento na infância.	Mestrado	COSTA, Patricia Maria Barbosa Jorge Sparvoli	Maria Auxiliadora Bueno Andrade Megid	2015	Alfabetização; matemática; letramento; contos de fada; PNAIC; Imaginação	Esta pesquisa investigou a utilização das histórias infantis no trabalho com a matemática, uma disciplina que provoca tantos desafios aos nossos alunos. Investigamos como os contos de fadas, utilizados nas salas de 1º ano do Ensino Fundamental, podem favorecer o desenvolvimento da alfabetização matemática das crianças, na perspectiva do letramento. Com o objetivo principal de analisar as possíveis conexões entre o uso dos contos de fadas e a aprendizagem matemática no 1º ano do Ensino Fundamental.
Experiências de leitura de crianças em diferentes	Mestrado	LA ROVERE, Andrea Del	Selma Martines Peres	2014	Experiência de leitura; Leitura de crianças;	O objetivo desta pesquisa de mestrado foi identificar e analisar as experiências de leitura – referente ao texto

contextos.					Práticas de leitura; Educação.	escrito – constituídas no contexto escolar e extraescolar que foram narradas por quatro estudantes.
A leitura de literatura na escola: por uma educação emocional de crianças na educação infantil.	Mestrado	SILVA, Nívea Priscilla Olinto da	Marly Amarilha	2010	Conflitos emocionais; Desenvolvimento emocional; Formação do leitor; Leitura de Literatura.	Esta dissertação investiga as contribuições da leitura de literatura infantil na problematização das experiências e conflitos emocionais de crianças de educação infantil. Sua relevância consiste em oferecer subsídios ao trabalho pedagógico com a leitura de literatura nas séries iniciais, com o intuito de ampliar a competência do professor para explorar o texto literário em sua natureza problematizadora e enriquecedora das experiências e conflitos emocionais da criança.
A formação continuada de professores e a literatura: estratégias de leitura e seleção de obras.	Mestrado	PEDERSEN, Simone Alves	Jussara Cristina Barboza Tortella	2017	Literatura Infantil – estratégias de leitura; Autorregulação da aprendizagem; Autorregulação da leitura.	A literatura infantil tem sido objeto de muitas pesquisas na formação do leitor e tem gerado interesse em diversas áreas. Nesse estudo, partiu-se do pressuposto de que os procedimentos utilizados pelos docentes e a seleção de obras são elementos essenciais para a formação do leitor. O objetivo geral foi verificar se houve mudanças na prática dos professores sobre a exploração de modos de leitura, estratégias de leitura e seleção de obras no trabalho com leitura. Os objetivos específicos foram implementar um modelo de formação continuada em leitura, apresentar a autorregulação da leitura, discutir a seleção das obras literárias para uso em sala de aula e analisar em que medida as participantes aplicaram o conhecimento construído na formação.
Literatura, memória e imaginação: as crianças e a leitura de histórias na educação infantil.	Mestrado	BRITO, Larissa Elizabeth de Barros	Maria Silvia Pinto de Moura Librandi da Rocha	2016	Literatura Infantil; Memória coletiva; Educação infantil; teoria histórico-cultural.	Trata-se de uma pesquisa sobre o trabalho com a literatura infantil cujo objetivo geral é investigar o que as crianças de 5 a 6 anos têm a dizer a partir das leituras de histórias realizadas pela bibliotecária e pela professora, numa turma de Educação Infantil. A partir deste, foram delineados os seguintes objetivos específicos: (i) investigar as influências e contribuição da mediação do adulto no desenvolvimento psíquico das crianças, no trabalho com a literatura infantil na Educação Infantil; (ii) analisar o que as crianças

						têm a dizer a partir das leituras de histórias, identificando tendências.
?Hoje posso ser eu, tia??: Leitura Fruição pela voz e mãos de crianças da Educação Infantil.	Mestrado	MACHADO, Hellen Cristina	Maria Silvia Pinto de Moura Librandi da Rocha	2018	Literatura Infantil; Educação infantil; Leitura Fruição; Teoria histórico-cultural.	O objetivo geral de nossa pesquisa foi analisar a potencialidade de criação e fruição literária na prática de leitura de livros literários realizados pela voz e mãos de crianças da Educação Infantil. A partir disso, foram delineados os seguintes objetivos específicos: (i) analisar a potencialidade de proposta de leitura entre pares para a prática de Leitura Fruição; (ii) analisar a potencialidade de proposta de leitura entre pares para o aprimoramento e desenvolvimento de funções psíquicas superiores e de seu uso nas relações com a literatura.
A estética da recepção contribuindo para o ensino de literatura-infantil: uma experiência com o conto A pequena vendedora de fósforos, de Hans Christian Andersen (1805-1875).	Mestrado	FARIA, Fernanda Cristina Ribeiro	Ana Maria da Costa Santos Menin	2010	Educação; Literatura – estudo e ensino; Literatura Infantil	O estudo partiu dos resultados calamitosos do Brasil em provas (Saresp, SAEB, PISA) que avaliam a competência leitora dos alunos comprovando o fato de as escolas não cumprirem com sua função primeira: ensinar a ler e escrever. Estudos têm mostrado que o hábito de leitura dos estudantes tem se tornado precário e insuficiente fato que, somado ao despreparo teórico e pedagógico dos professores relativamente ao ensino da literatura e à utilização do material literário, tem dificultado o trabalho com o livro literário no âmbito escolar, razão pela qual justifica-se esta investigação. A pesquisa teve por objetivo estudar as contribuições da Estética da Recepção para o ensino de literatura e para a formação do leitor, além de investigar a compreensão dos principais aspectos que levavam à aceitação, ou não, da obra e como ocorre a recepção literária.
Literatura infantil na escola e outras pedagogias culturais: (con)formando identidades infantis de gênero.	Mestrado	SILVA, Polena Valesca de Machado e	Mariangela Momo	2018	Identidades de gênero; Escola; Estudos culturais educacionais; pedagogias culturais; Literatura Infantil	Esta dissertação tem como objeto de estudo a (con)formação das identidades infantis de gênero analisadas por meio das pedagogias culturais, com ênfase na literatura infantil, na escola. Meu objetivo foi analisar e problematizar o modo como as identidades infantis de gênero são construídas por meio de pedagogias culturais, como a

						literatura infantil na escola.
Fruição e autorregulação: a literatura infantil como meio para o desenvolvimento das crianças.	Mestrado	KOIDE, Adriana Batista de Souza	Jussara Cristina Barboza Tortella	2016	Literatura Infantil; Educação infantil; Fruição; Autorregulação; formação de professores.	Literatura infantil e educação são instâncias que se completam na formação da criança. O objetivo geral do estudo consiste em compreender como utilizar a literatura infantil para promover estratégias da autorregulação com crianças de dois a seis anos, sem que a mesma perca seu espaço de fruição.
Literatura, imaginário e efeito estético em a história da Aranha Leopoldina e a Moça Tecelã.	Mestrado	SANTOS, Deuzélia Rosa Gomes dos	Maria de Fátima Gonçalves Lima	2016	Efeito estético na Literatura Infantil; Poema narrativo e imaginário; Ritmo e imagens na Literatura Infantil.	Nesta pesquisa discurremos e analisamos o imaginário através da construção, transformação e, ou desconstrução dos símbolos e mitos, bem como analisamos os ritmos e imagens possibilitando a realização do efeito estético no poema narrativo A História da Aranha Leopoldina de Ana Luísa Amaral e a narrativa poética A Moça Tecelã de Marina Colasanti.
Livro ilustrado: definições, leitores, autores.	Mestrado	NAKAN O, Renata Gabriel	Rosana Kohl Bines	2012	Livro ilustrado; Álbum ilustrado. Literatura Infantil; Linguagem verbal; Linguagem visual; Palavra – imagem.	Em diversos países europeus, norte e latino-americanos estão disseminados entre especialistas termos que representam um tipo específico de subcategoria da literatura infantil, como picturebook, album illustré, álbum ilustrado, livro-álbum e bilderbuch, caracterizado pelo papel que a linguagem visual representa na leitura da obra. Apesar de não haver um nome específico para tal subcategoria no Brasil, há muitos exemplos de livros ilustrados brasileiros que aqui a representam. Esta pesquisa trata sobre tal objeto analisando-o sob três aspectos: primeiro, suas definições por diferentes autores brasileiros e estrangeiros, com foco nas especificidades do diálogo entre linguagens verbal e visual e uso consciente da tecnologia livro como recurso estético; segundo, em uma análise da infância sob abordagem filosófica e social, em busca dos pressupostos de leitura que o livro ilustrado, ao ser considerado um livro infantil, pode produzir; e terceiro, sobre as particularidades da criação de um objeto que muitas vezes é fruto de quatro autores - o escritor, o ilustrador, o designer e, por vezes, o editor.

Fonte: elaborado pela autora (2019).

Para a categoria literatura infantil foram recuperadas 16 dissertações e nenhuma tese. Na maior parte focam na utilização da literatura infantil no ambiente escolar; alguns trabalhos se dedicam a explorar obras de literatura infantil e as inúmeras possibilidades de trabalho que elas oferecem; um apresenta a literatura infantil como um meio divertido de aprender matemática; outros se dedicam ao estudo de obras específicas e suas potencialidades, sejam nas práticas de leitura das crianças ou por mediadores como o professor ou o bibliotecário.

Fréo (2011, p. 1) discorre que

[...] a literatura infantil possui características especiais, representa o homem, o mundo, a sua vida por meio da palavra. Além de informação, leva ao encontro da criança um mundo encantado de sonhos e fantasias, em que a criança, com sua interpretação, ouvindo ou lendo histórias, imagina e vivencia o mundo ficcional, buscando soluções de possíveis problemas, resolvendo os seus conflitos, uma vez que a literatura está cercada de emoções, sentimentos, fantasias e realidades, magia, beleza, descobertas, alegria e prazer.

Dois trabalhos exploram a questão de gênero, “Literatura infantil na escola e outras pedagogias culturais: (con)formando identidades infantis de gênero” da autora Polena Valesca de Machado e Silva; e “O avesso do avesso: expressões e imaginário do feminino” escrito por Roberta dos Santos Piedras Kawamoto, tema este muito atual e debatido, que deveria ser discutido e trabalhado na escola e em família desde cedo. A literatura infantil é uma ferramenta que pode representar as pessoas que precisam conquistar seu lugar e voz, demonstrando o quanto os seres humanos são diversificados.

Os trabalhos: “?Hoje posso ser eu, tia??: Leitura Fruição pela voz e mãos de crianças da Educação Infantil” escrito por Hellen Cristina Machado, e “Fruição e autorregulação: a literatura infantil como meio para o desenvolvimento das crianças” de Adriana Batista de Souza Koide discorrem sobre a fruição literária advindos da leitura das crianças e da importância para o desenvolvimento emocional delas. A literatura, independente do tipo, tem esse papel, como Caldin (2010, p. 33) explica

[...] o poético está sempre associado ao belo, ao deleite, à fruição, à expressão conceitual – sensorial – afetiva [...] a leitura poética é aquela que permite ao texto literário exprimir o universal de cada um. Tal se dá porque a função poética da leitura é voltada para textos ficcionais, e a ficção permite a plurissignificação, a inferência decorrente de lembranças e expectativas, o ajuste dos esquemas que organizamos para entender o lido, as múltiplas estratégias de compreensão e interpretação da escrita.

Quando se utiliza desses aspectos, a literatura contribui para o desenvolvimento integral da criança. Cabe ao professor e ao bibliotecário esse trabalho de aliar o didático ao ludismo buscando estimular a criatividade. Os livros são uma ferramenta para trabalhar o

pensamento infantil e as emoções da criança, pois por meio das personagens, ela consegue identificar situações que está vivendo em seu cotidiano. O fato de encontrar tantas dissertações que abordam a temática se deve ao fato de a infância ser uma fase de aprendizado e a literatura infantil tem também essa característica. Cademartori (2010, p. 13) evidencia que

[...] tradicionalmente, a literatura infantil é um gênero situado em dois sistemas. No sistema literário, é espécie de primo pobre. No sistema da educação, ocupa lugar mais destacado, graças ao seu papel na formação de leitores, que cabe à escola assumir e realizar.

Por meio da literatura infantil é possível educar e formar, promover reflexões que a criança levará consigo para toda a vida. Como percebe-se na dissertação da Nívea Priscilla Olinto da Silva intitulada “A leitura de literatura na escola: por uma educação emocional de crianças na educação infantil” (que muito embora não tenha registrado como palavra – chave literatura infantil e sim, leitura de literatura, a leitura do resumo mostrou que se tratava, de fato, de literatura infantil) constatou-se a importância da leitura nas séries iniciais de literatura infantil para auxiliar na resolução de problemas e conflitos emocionais das crianças.

A literatura infantil serve também como ferramenta de denúncia política e social como traz a dissertação “A literatura infantil como instrumento de denúncia da ditadura militar” de Josenildo Oliveira de Moraes em que discorre que a literatura infantil publicada nesta época foi de extrema riqueza criativa para burlar a censura, ou seja, foi produzido um discurso que aparentemente não dizia muito, mas na verdade representava bem o contexto histórico e social vivido pelos escritores da época. Em relação a esse aspecto Palo e Oliveira (2006, p. 7) também ilustram a ideia:

[...] toda arte, literária ou não, é desde sempre concreta. Exige um pensamento que vá às raízes da realidade e seja também ele, concreto. Nesse momento instantâneo de inclusão e de síntese atinge-se por analogia, o conceito. Conceito feito figura, imagem, numa relação direta com a mente que o opera.

A literatura infantil tem esse diferencial de mostrar a realidade de modo lúdico tanto é que nem chamava a atenção as histórias infantis da época que faziam as denúncias como forma de diversão. Cademartori (2010, p. 8) defende que “[...] a literatura infantil é como entretenimento, aventura estética e subjetiva, reordenação dos próprios conceitos e vivências, que a literatura oferece, aos pequenos, padrões de leitura do mundo”.

As imagens dos livros infantis e a mediação do adulto nas leituras também foram temas frequentes nos trabalhos recuperados como na dissertação de Maria Laura Pozzobon Spengler sob o título “Lendo imagens: um passeio de ida e volta pelo livro de Juarez Machado” que comprovou que o repertório de leitura de cada leitor, bem como a necessidade

da mediação do adulto na leitura de um livro composto exclusivamente por imagens; e na dissertação de Renata Gabriel Nakano intitulada “Livro ilustrado: definições, leitores, autores” que tratou de um tipo específico de subcategoria da literatura infantil, como *picturebook*, álbum ilustrado, livro-álbum e *bilderbuch*, caracterizado pelo papel que a linguagem visual representa na leitura da obra. Esta dissertação aborda tal objeto analisando-o sob três aspectos: suas definições por diferentes autores brasileiros e estrangeiros e uso consciente da tecnologia livro como recurso estético; análise da infância sob abordagem filosófica e social, em busca dos pressupostos de leitura que o livro ilustrado infantil, pode produzir; e sobre as particularidades da criação de um objeto que muitas vezes é fruto de quatro autores - o escritor, o ilustrador, o designer e o editor.

Fleck, Cunha e Caldin (2016, p. 199) acreditam que “[...] a ilustração pode representar a iniciação da visualidade da criança, o seu primeiro contato com a obra de arte e com as artes visuais”.

E complementam, a ilustração “[...] tem o papel de formar, de educar o olhar, de ampliar os repertórios visuais, contribuindo na constituição de um leitor crítico – não só de textos, mas, também de imagens” (FLECK; CUNHA; CALDIN, 2016, p. 199).

A seguir, o Quadro 8 apresenta as dissertações e teses referentes a literatura infantil brasileira.

Quadro 8 - Dissertações e Teses sobre Literatura Infantil Brasileira

Título	Nível	Autor	Orientador	Ano de defesa	Palavras-chave	Resumo
As raízes da poesia infantil de Zalina Rolim em livro das crianças.	Mestrado	OLIVEIRA, Valnikson Viana de	Daniela Maria Segabinazi	2017	Zalina Rolim; Literatura Infantil Brasileira; Poesia Infantil; Educação; Século XIX.	A proposta central da presente dissertação é investigar se haveria, de fato, além da manifestação do ideário pedagógico disseminado durante a implantação do regime republicano no Brasil, uma preocupação estética relacionada à sedução e deleite do destinatário infantil dentro da coletânea poética Livro das crianças (1897), da escritora e educadora paulista Zalina Rolim. Este compêndio constitui um notável exemplo da criação voltada ao leitor em formação dentro do sistema cultural do final do século XIX, sendo adotado como livro de leitura por escolas públicas e integrando o processo de renovação no ensino propagado naquele

						período. Para tal, nos reportamos às circunstâncias sociais, políticas e culturais que envolveram a origem da literatura para crianças, assim como evocamos o seu surgimento no contexto nacional.
O universo infantil e escolar em poesias infantis, de Olavo Bilac.	Mestrado	SILVA, Ana Paula Serafim Marques da	Daniela Maria Segabinazi	2018	Olavo Bilac; Literatura Infantil Brasileira; Poesia infantil; Fábula; Entresséculos.	Realizamos este trabalho com o objetivo de averiguar, além da representação do espaço escolar e a disseminação de valores vinculados à Primeira República no Brasil, o comparecimento de um cuidado estético voltado para a formação e o deleite do leitor mirim, na obra poética Poesias infantis (1904), de Olavo Bilac. Consagrando o discurso poético infantil brasileiro, a coletânea, que foi escrita, arquitetada e publicada para fins escolares, abarca os valores socioculturais e pedagógicos propagados durante a implantação do regime republicano brasileiro, os contornos da nossa educação, a valorização da memória nacional e as marcas do início da literatura infantil escolar. Uma pesquisa mergulhada no livro, de caráter bibliográfico, documental e interpretativo, que buscou examinar em alguns poemas, ilustrações e fábulas a formação intelectual, estética e cultural do público infantil e juvenil no final do século XIX e no início do XX.
A contribuição de Leonardo Arroyo (1918-1985) para a história da literatura brasileira.	Doutorado	ASSIS, Vivianny Bessão	Maria do Rosário Longo Mortatti	2016	História/ Literatura Infantil/ Juvenil; Leonardo Arroyo; História/ Educação.	Nesta tese, com os objetivos de contribuir para a compreensão de uma história da literatura infantil no Brasil, focaliza-se a produção escrita do jornalista, escritor e historiador Leonardo Arroyo (1918-1985) sobre e de literatura infantil. Essa análise possibilitou compreender que o conjunto da produção escrita de Leonardo Arroyo de e sobre literatura infantil apresenta aspectos de determinada concepção de literatura infantil, que se

						encontram diretamente relacionados com o movimento de constituição desse gênero literário como tema de pesquisa e campo de conhecimento específicos no Brasil (MORTATTI, 2011). Possibilitou compreender também que Arroyo contribuiu para a ordenação e sistematização de uma versão da história da literatura infantil que se perpetuou até os dias atuais, e também com a formulação de um conceito de literatura infantil como produção cultural destinada ao público infantil.
De primeira hora, no calor da hora: a crítica brasileira de literatura infantil nas décadas de 1970 e 1980.	Doutorado	CASTELLO BRANCO, Thatty de Aguiar.	Eliana Lucia Madureira Yunes Garcia	2014	Crítica literária; Crítica literária brasileira; Literatura Infantil - Juvenil; Teoria literária.	Estuda a produção da crítica literária brasileira dos anos 1970 a 1980 sobre literatura infantil, com ênfase nas contribuições seminais nestas décadas, período divisor de águas, considerado o boom da nova literatura infantil e juvenil brasileira. Ao investigar em que medida esta crítica brasileira se constitui como elemento fundador de uma nova literatura infantil e juvenil brasileira a partir da década de 1970, a tese discute como estes autores de crítica literária definiram a literatura infantil e juvenil brasileira como objeto teórico na forma que hoje reconhecemos, demonstrando, assim, o papel desta geração de críticos como criadora mesma da literatura infantil brasileira ao lado de seus autores de ficção, e não mera repetidora.
Vozes de criança: o discurso de auto-afirmação na literatura infantil de Ana Maria Machado.	Doutorado	YAZLLE, Senise Camargo Lima	Benedito Antunes	2009	Literatura Infantil/Juvenil; Infância; Subjetividade; auto -afirmação.	Com o objetivo geral de contribuir para a história, teoria e crítica da literatura infantil brasileira, proponho-me, nesta tese, a realizar um estudo da representação da criança enquanto personagem da literatura infantil de Ana Maria Machado. Conclui-se que a personagem-criança representada em toda a literatura infantil de Ana Maria Machado é aquela que se auto-afirma

						pela sua subjetividade, ou seja, pela maneira de explorar seu mundo exterior em consonância com seu mundo interior, baseada na reflexão sobre si mesma e sobre seu mundo circundante.
O Brasil contado às crianças: Viriato Corrêa e a literatura escolar para o ensino de História (1934-1961).	Doutorado	FERNANDES, José Ricardo Oriá.	Circe Maria Fernandes Bittencourt	2009	Livro didático; Escola primária; Ensino de História; História – edição escolar; História – educação escolar; Identidade nacional.	A pesquisa trata da produção literária infantil de Viriato Corrêa (1884-1967) dedicada ao ensino de História para alunos da escola primária, a partir da análise da obra História do Brasil para crianças (1934). Fundamenta-se nos pressupostos da História Cultural articulada à História da Educação, baseando-se em análises referentes aos conceitos de disciplina escolar e livro didático. A obra de Viriato é pesquisada em suas articulações com as propostas para o ensino de História na escola primária, cujo objetivo, a partir da década de 1930 até o início dos anos 60, era a construção de uma identidade nacional patriótica. Finalmente, a pesquisa aborda a produção da obra de Viriato Corrêa junto à Companhia Editora Nacional (CEN), demonstrando a importância dos diversos agentes que participam da elaboração e difusão do livro, bem como enfatiza os aspectos de sua materialidade na construção de uma leitura para o público infantil.
História do ensino da literatura infantil nos cursos de formação de professores primários no estado de São Paulo, Brasil (1947-2003).	Doutorado	OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de	Maria do Rosário Longo Mortatti	2014	Literatura Infantil/Juvenil; Professores – Formação – São Paulo; Educação – História; Literatura – estudo e ensino.	Nesta tese, com o objetivo de contribuir para a compreensão da história do ensino da literatura infantil e sua relação com questões até então não exploradas sobre a história da formação de professores, focalizaram-se aspectos relacionados ao “ensinar a ensinar” literatura infantil nos cursos de formação de professores primários no estado de São Paulo, no período compreendido entre 1947 e 2003, datas, respectivamente, da primeira e da última vez em que se constatou a

						presença da matéria/disciplina “Literatura infantil” nos programas de ensino dos cursos de formação de professores primários desse estado.
A comissão de literatura infantil do Ministério da Educação e Saúde Pública do Brasil nos anos de 1936 a 1938 (manuscrito).	Mestrado	PAUTASSO, Andrea Milán Vasques	Maria Stephanou	2010	Educação infantil; Literatura Infantil; História; Leitura	Examina a Comissão de Literatura Infantil, criada no ano de 1936 e em funcionamento até 1938, órgão vinculado ao Ministério de Educação e Saúde Pública, no contexto de nacionalização do ensino, concebido como marco histórico significativo à história da educação brasileira. Assume o desafio de compreender a emergência e atuação da Comissão no contexto político, social e educacional brasileiro da época, identificando seus objetivos, composição, projetos, pareceres. O horizonte do estudo propõe uma discussão sobre a Comissão de Literatura Infantil para entender de que forma a leitura e a literatura infanto-juvenil, e mais especificamente as obras literárias dirigidas ao público infantil e juvenil eram concebidas, segundo os discursos da época, expressos nos pronunciamentos e julgamentos da Comissão, como importantes mediações formadoras do cidadão.
O ensino da literatura infantil em Compêndio de Literatura Infantil: para o 3º ano Normal (1959), de Bárbara Vasconcelos de Carvalho.	Mestrado	OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de	Maria do Rosário Longo Mortatti	2010	Literatura Infantil/ Juvenil; Literatura Infantil; Educação; História – Brasil - 1959	Com o objetivo de contribuir para a produção de uma história do ensino de língua e literatura no Brasil e contribuir para a compreensão da história da formação de professores e do ensino da literatura infantil no Brasil, enfoca-se, a proposta para o ensino da literatura infantil apresentada em Compêndio de literatura infantil: para o 3º. ano normal (1959), de Bárbara Vasconcelos de Carvalho (1915-2008), publicado pela Companhia Editora Nacional (SP).
Cecília Meireles e os problemas da literatura	Mestrado	RAMANZINI, Isis Cristina	Maria Cecília Pérez de Souza e	2012	Literatura Infantil; Paratopia; Cecília	O livro Problemas da Literatura Infantil, de Cecília Meireles, foi publicado pela primeira

infantil: uma abordagem discursiva.			Silva		Meireles; Ethos	vez, em 1951, como resultado de três conferências proferidas pela autora, em Belo Horizonte, em 1949, por ocasião de um curso promovido pela Secretaria de Educação, do Estado de Minas Gerais. São dois os objetivos principais desta pesquisa: revelar, a partir da obra em questão, o posicionamento de Cecília Meireles sobre literatura infantil em um momento importante da história educacional brasileira, e depreender o ethos discursivo que a autora constrói ao tratar os temas do livro.
-------------------------------------	--	--	-------	--	-----------------	---

Fonte: elaborado pela autora (2019).

Para a categoria literatura infantil brasileira foram encontrados 10 trabalhos; destes, cinco são dissertações e cinco são teses. Os trabalhos versam sobre o surgimento da Literatura Infantil no Brasil, como se deu esse processo, os fatos sociais, políticos e culturais que envolveram a origem da literatura para crianças, apresentando, também, a formação de professores da área. Também, constatou-se que os trabalhos investigam algumas obras e suas contribuições para a Literatura Infantil brasileira e seus respectivos escritores, que se destacaram na história da literatura infantil brasileira em diferentes momentos, como: Zalina Rolim, Olavo Bilac, Viriato Correia, Leonardo Arroyo, Ana Maria Machado e Cecília Meireles.

Os livros infantis com temáticas escolares se estabeleceram numa modalidade de literatura escolar muito utilizada pelo mercado editorial brasileiro, durante grande parte do período republicano, por terem um público certo e garantido: o escolar. Eles simbolizaram uma nova fase que com a Proclamação da República no século XIX se fortificou iniciando de fato a literatura infantil no Brasil, quando esta buscava consolidar uma política econômica que produzia o café, produto básico para exportação (ARROYO, 2011).

A literatura infantil sempre manteve uma relação muito íntima com a escola visto que, enquanto produto cultural de consumo é na escola que a literatura infantil se realiza plenamente, visto que as bibliotecas escolares são a via de acesso importante à literatura, quando não única, da maior parte da população infantil brasileira (SIMÕES, 2013).

Cabe lembrar que a literatura infantil brasileira passou por quatro fases apontadas por Gregorin Filho (2009), que foram reflexos da organização política, econômica e cultural

brasileira, perspectivas estas se refletiram e influenciaram diretamente na produção de literatura infantil. A primeira fase, com as adaptações e traduções de obras europeias, com o intuito de importar o modo de vida, prática que gradativamente passa pela necessidade de identificar/forjar uma identidade e formas de valorização do estado nação, entrando assim no viés ideológico nacionalista e no patriotismo. A segunda fase, expressando uma ruptura de paradigmas trazida por Monteiro Lobato que retrata as mudanças culturais na sociedade, assim como as novas tecnologias.

Uma terceira fase pautada em mais liberdade e novas experiências, impostas tanto pelas novas concepções da pedagogia e da educação, como pelas exigências da sociedade e incorporações das novas tecnologias. É a quarta fase que expressa a ruptura com a literatura infantil apenas como recurso pedagógico. A literatura infantil passa a ser vista como algo lúdico, o catártico e o libertador, que prepara as crianças para o mundo que lhes apresenta a diversidade, as possibilidades e encantos, além do cognitivo e do pragmático. Com a passagem desta fase estritamente pedagógica da literatura infantil e em consonância com as novas tecnologias e demandas da sociedade os livros de literatura infantil passam por transformações e modificações, em seus conteúdos que demandam outras finalidades, além do pedagogismo. Um diferencial é o investimento em ilustrações, em um primeiro momento elas apenas ilustram o texto e posteriormente adquirem aspectos diferenciados que chamam a atenção das crianças e tornam a leitura mais prazerosa e lúdica.

A tese “História do ensino da literatura infantil nos cursos de formação de professores primários no estado de São Paulo, Brasil (1947-2003)” de Fernando Rodrigues de Oliveira possibilitou compreender que: a institucionalização do ensino da literatura infantil na formação de professores esteve diretamente relacionada à construção de um saber escolar sobre esse gênero literário que, na ausência de um saber teórico ou saber de referência sobre o assunto, passou a “funcionar” como uma teorização. Essa tese só reforça os moldes do início da literatura infantil que por muito tempo era somente voltada ao pedagogismo, ao ensino, com pouco ou quase nenhum ludismo. Com Monteiro Lobato, a literatura infantil no Brasil passa por profundas transformações, que é ilustrado Quadro 9.

Quadro 9 - Dissertações e Teses sobre Monteiro Lobato

Título	Nível	Autor	Orientador	Ano de defesa	Palavras-chave	Resumo
Produção e circulação das obras didáticas de Monteiro Lobato.	Mestrado	ALCANFOR, Lucilene Rezende	Kazumi Munakata	2010	Literatura Infantil/Juvenil Brasileira; Monteiro Lobato; Literatura Infantil; Monteiro Lobato – crítica e interpretação; Educação.	Essa pesquisa tem o objetivo de analisar, a partir de uma perspectiva historiográfica da educação, a produção e circulação das obras História do mundo para as crianças (1933) e Geografia e Dona Benta (1935) do escritor Monteiro Lobato, comparando a proposta de abordagem dos conteúdos das disciplinas de História e Geografia dos livros didáticos tradicionais, no contexto político e educacional da década de 1930 e em meados de 1940, período em que houve grande expansão de publicações do gênero literário infantil voltado para os conteúdos escolares. A viabilização de políticas públicas no fomento a novas práticas de leitura intensificou a produção da literatura infantil no período em questão, estimulando a criação de bibliotecas infantis e escolares, nas quais se inscreve o discurso de democratização da leitura que deposita no livro uma nova função, que não representa mais o papel de simples depositário da cultura universal, mas por ser uma rica fonte de experiência que se manifesta entre a criança e o conhecimento.
Os recursos linguísticos no projeto de deslitteraturização de Monteiro Lobato: discutindo a obra fábulas.	Mestrado	ROCHA, Michele Saionara Aparecida Lopes de Lima	Maria Augusta Hermengarda Wurthmann	2015	Literatura Infantil-Juvenil; Monteiro Lobato; Fábulas; Linguística; Fraseologia	A pesquisa que se apresenta é uma releitura do livro Fábulas, com o objetivo de discutir o projeto de deslitteraturização de Monteiro Lobato na literatura infantil e levantar os recursos linguísticos presentes na obra que possam caracterizar esse projeto. A partir da releitura da obra foi possível perceber que Lobato, ao escrever o livro, preocupou-se em aproximar a linguagem escrita da linguagem oral e escreveu Fábulas em uma

						<p>linguagem desliteraturizada composta pelos seguintes recursos linguísticos: fraseologismo (expressões idiomáticas e ditados populares), diminutivos, aumentativos, superlativos, neologismos, onomatopeias e sinédoques. Estes recursos linguísticos utilizados por Lobato são uma importante contribuição para o desenvolvimento de uma literatura no Brasil que contemple o público infantil e a realidade brasileira.</p>
<p>Literatura, consumo e ideologia: a construção de perfis da infância em três momentos do mercado editorial infantil brasileiro.</p>	<p>Mestrado</p>	<p>SARAIVA, Fúlvio de Oliveira</p>	<p>Fernanda Maria Abreu Coutinho</p>	<p>2012</p>	<p>Literatura Infantil - Juvenil; Livros para crianças - Brasil; Comercialização; Editores e edição; Ideologia.</p>	<p>Esta pesquisa procura enfocar as relações entre infância, literatura e mercado editorial, apontando a tensão existente no poder que cerca essas questões. Para isso, fundamenta-se em torno de uma periodização do setor editorial infantil brasileiro que consiste em três momentos, a saber, o de formação, o de desenvolvimento (e transição) e o de consolidação. Tem-se, ainda, Monteiro Lobato como peça fundamental de articulação entre uma produção de livros circunstancial e uma sistematizada por um mercado. Constatamos a interferência da cultura de consumo como orientadora de padrões de comportamento de leitura e examinamos a sua influência. Com isso pretendemos colaborar com um entendimento do que vem a ser a criança e a infância na literatura infantil brasileira, pois acreditamos que o que tem ocorrido com a questão do consumo orientado pela publicidade livresca é prejudicial para o infante e merece ser observado com atenção.</p>
<p>Antropofagia no sítio: insólito ficcional e identidade cultural em Peter Pan, de Monteiro Lobato.</p>	<p>Mestrado</p>	<p>ZOBARAN, Felipe Teixeira</p>	<p>Cecil Jeanine Albert Zinani</p>	<p>2016</p>	<p>Monteiro Lobato; Peter Pan; Antropofagia na; Literatura; Literatura fantástica.</p>	<p>Este trabalho busca analisar como Monteiro Lobato concretiza seu projeto de construção de uma literatura infantil brasileira, em obras constituintes da coleção do Sítio do Picapau Amarelo,</p>

					<p>especialmente através do livro Peter Pan, de 1930. A personagem homônima original do escocês James Matthew Barrie apareceu pela primeira vez em uma peça de teatro em 1910, em Londres, e tornou-se um clássico contemporâneo, largamente adaptado e traduzido, inclusive pelos estúdios de animação de Walt Disney. Lobato, que era tradutor, escolheu não apenas traduzir a obra de Barrie, mas apropriar-se dela no universo do Sítio; nos livros do brasileiro, a história do menino que não quer crescer é contada pela personagem Dona Benta a seus netos; a partir daí, diversas propriedades ficcionais do original britânico se manifestam em muitos momentos na obra infantil do paulista. Esse recurso é consoante com uma prática defendida pela geração de escritores do modernismo brasileiro de 1922: a antropofagia. Embora Lobato fosse dissidente do grupo, e apesar de sua prosa para adultos ter sido pouco modernista, sua literatura infantil se mostra extremamente similar àquilo que o grupo de Oswald de Andrade e Mário de Andrade defendia. Além disso, busca-se analisar a visão do Brasil que o escritor paulista conseguia vincular à sua literatura infantil, pensando em identidade regional, nacional e no contexto de globalização. A conclusão é que Lobato era um tradutor cultural que conseguia trazer aos leitores do país, pioneiramente, histórias antigas e novas que eram produzidas no exterior, vestindo-as à brasileira, digerindo-as de maneira antropofágica, e que sua influência ficcional é visível até os dias de hoje, no que diz respeito à formação de uma identidade brasileira moderna.</p>
--	--	--	--	--	--

Monteiro Lobato e o Leitor Infanto-Juvenil: consensos, polêmicas e sugestões.	Mestrado	COSTA, Francisco das Chagas Souza	Elri Bandeira de Souza	2015	Monteiro Lobato; Literatura Infantil - Juvenil; Ensino; Leitor.	A literatura é inerente à vida humana na medida em que não há indivíduo que não tenha experimentado uma relação com o mundo imaginário. Mesmo na ausência da escrita, lendas e mitos foram transmitidos por meio da oralidade sem prescindir, obviamente, do teor literário que na verdade constitui seus cernes. Considerando as fases da vida humana, a infância representa o princípio desse contato entre homem e arte literária. É nesse sentido que a literatura infanto-juvenil adquire um valor imensurável ao ser instrumento eficiente na formação cultural de qualquer sociedade. No Brasil, Monteiro Lobato é um dos grandes representantes dessa literatura que vem há décadas ajudando a educar e formar cidadãos. Ao partir desses consensos, o presente trabalho, que tem um caráter teórico-prático, pretende apresentar uma síntese crítica acerca da literatura infanto-juvenil produzida por Lobato ao mesmo tempo em que almeja sugerir práticas didáticas em sala de aula através desse fazer literário. Diante da vasta obra infanto-juvenil lobatiana, optou-se pelo recorte das obras “O Pica Pau Amarelo” (1939) e “Emília no País da Gramática” (1934) a serem trabalhadas em turmas do 7º ano do Ensino Fundamental.
Língua, literatura e geografia: uma experiência de leitura da Geografia de Dona Benta de Monteiro Lobato e do Le tour de la France par deux enfants de G. Bruno.	Doutorado	GRACIOLI, Filipe Rafael	João Pedro Pezzato	2018	Literatura; Narrativa; Identidade nacional; Literatura itinerário.	O texto que apresentamos propõe estabelecer comparativos entre dois livros de literatura infantil de destaque aos seus tempos a partir da perspectiva da análise da construção narrativa e do entendimento da visão de mundo de seus autores com base no conhecimento de geografia que expressam: a Geografia de Dona Benta, de Monteiro Lobato, publicada em 1935

						<p>e o <i>Le tour de la France par deux enfants: devoir et patrie</i>, publicado em 1877 por G. Bruno, ambos inseridos em contextos de solidificação dos nacionalismos patrióticos. A hipótese de pesquisa reside na ideia de que Monteiro Lobato teve acesso à narrativa francesa em destaque, em vista das semelhanças de enredo entre os dois textos, além das similitudes entre os conteúdos de referência, objetivos, pretensões e visões de mundo dos autores, sem contar os distanciamentos entre as propostas narrativas. Dentre as semelhanças destacamos o fio ideológico que une os dois textos – o positivismo lógico bem como a busca pela construção de uma nação fundada no patriotismo a partir da exploração do espaço geográfico; já entre os distanciamentos podemos ressaltar a proposta de linguagem utilizada por cada texto na composição de suas tramas, sendo uma calcada na artesanidade e a outra na persecução do que podemos chamar de uso convencional da língua. Para além da identificação das similitudes entre as narrativas, as diferenças entre os textos apresentaram-se também como propósito investigativo, reforçando a noção de espírito de época na discussão das temáticas pelos autores, que entendemos justificar tais aproximações e distanciamentos.</p>
Monteiro Lobato e o discurso do petróleo: o deslocamento da instituição literária para a arena de debates da política econômica.	Doutorado	RAMANZINI, Isis Cristina	Maria Cecília Pérez de Souza e Silva	2017	Monteiro Lobato – visão política e social; Indústria petrolífera - Brasil; Discurso do petróleo.	Esta tese tem por objetivo compreender, a partir de uma perspectiva enunciativo-discursiva, a atuação e o engajamento político e econômico do escritor Monteiro Lobato em defesa da causa petrolífera no Brasil. Seu amplo e decisivo exercício como intelectual no contexto sociocultural brasileiro se configura em

						<p>várias publicações aqui denominadas discurso do petróleo. Visando também a contribuir para o estreitamento das relações entre os estudos discursivos e literários, delimitou-se, como objeto de estudo, três publicações de Lobato referentes à temática do petróleo, que se encontram no entrecruzamento entre a literatura geral e a literatura infantil: o prefácio de A luta pelo petróleo, livro de Essad Bey lançado no Brasil em 1935; O escândalo do petróleo e ferro, publicação datada de 1936; e O poço do Visconde, obra de 1937 destinada ao público infantojuvenil. O estudo propiciou uma nova avaliação do discurso do petróleo produzido por Monteiro Lobato no seu deslocamento da instituição literária para a arena de debates da política econômica. Revelando um homem de múltiplas atividades situado num espaço paradoxal e porta-voz de um grupo de renovação e ruptura, cuja legitimidade intelectual e influência junto ao público possibilitaram a promoção das suas próprias convicções ideológicas e políticas num momento crucial da história do Brasil, as referidas obras de Monteiro Lobato vêm corroborar o seu discurso em defesa do desenvolvimento e da independência financeira do país mediante a prospecção petrolífera.</p>
--	--	--	--	--	--	--

Fonte: elaborado pela autora (2019).

Para a categoria Monteiro Lobato foram encontrados sete trabalhos; destes, cinco são dissertações e dois são teses. Os trabalhos aludem em geral às inúmeras facetas deste escritor que radicalizou a literatura infantil no Brasil. Analisam os diversos livros que ele escreveu e reforçam a influência deste escritor para a formação de leitores infantis, até nossos dias.

Monteiro Lobato foi o grande divisor de águas da literatura infantil brasileira. Além de ser o ícone da literatura infantil, ele transitou por diversos caminhos, tais como: editor, tradutor, atuou na política e na economia em defesa da causa petrolífera no Brasil. Ele também foi peça fundamental na articulação da produção de livros no país.

Devido a sua relevância, Lobato é o escritor mais estudado dentro do universo selecionado desta pesquisa. Cunha (2003, p. 24) ratifica que “Monteiro Lobato deu início à verdadeira literatura infantil brasileira”; e diz ainda que “[...] com uma obra diversificada quanto a gêneros e orientação, cria esse autor uma literatura centralizada em alguns personagens, que percorrem e unificam seu universo ficcional”. São personagens que representam a realidade brasileira, que se utiliza do mesmo linguajar, que aproxima a criança e por isso a encanta.

Lobato iniciou com obras voltadas ao pedagogismo – a dissertação “Produção e circulação das obras de Monteiro Lobato” da Lucilene Rezende Alcanfor aborda essa questão e Arroyo (2011) corrobora que em 1920, Monteiro Lobato publica “A menina do narizinho arrebitado”, inicialmente destinado à leitura nas escolas, em que o autor faz um apelo à imaginação das crianças, apresenta vários diálogos, renova inteiramente a linguagem que usualmente era utilizada na literatura infantil para crianças no Brasil.

Assim, a literatura infantil de Lobato se inicia nos mesmos moldes, já existentes, dentro do pedagogismo, porém ele começa a demonstrar a sua verdadeira essência, com indícios do que viria a ser a sua literatura infantil com inovações de enredo, personagens diferenciados como uma boneca de pano que fala e um sabugo de milho letrado.

A dissertação “Antropofagia no sítio: insólito ficcional e identidade cultural em Peter Pan, de Monteiro Lobato” do autor Felipe Teixeira Zobarán, analisa como Monteiro Lobato construiu a literatura infantil brasileira por meio da obra do Sítio do Picapau Amarelo, que é palco para o desenrolar das histórias de vários personagens icônicos (alguns provenientes de literatura estrangeira, como é o caso do Peter Pan) e é onde o real e o fantástico coexistem de forma harmônica. Coelho (1991) destaca a obra Sítio do Pica Pau Amarelo, devido, ao grande sucesso sendo adaptada pela primeira vez para a televisão em 1952, na TV Tupi. O Sítio do Pica Pau Amarelo ficou no ar durante muitos anos encantando e divertindo as crianças, o que também as incentivou a buscarem os livros de Monteiro Lobato.

Os trabalhos resgatados nesse quadro mostram a presença do didatismo em alguns livros infantis de Lobato, como História do mundo para crianças e Geografia de Dona Benta. Também apontam sua preocupação em apresentar, em seus textos para crianças, uma linguagem plena de recursos linguísticos de modo a aproximar-se da linguagem oral, como,

por exemplo, nos diálogos. Mostram, além disso, Lobato tradutor e adaptador de trabalhos estrangeiros, sempre “abrasileirando” as características das personagens, de forma a inserí-las no contexto brasileiro.

Também registram Lobato como partícipe ativo no mercado editorial brasileiro e como defensor do nacionalismo patriótico mediado pela doutrina positivista. Um trabalho realiza uma crítica sobre a literatura infanto-juvenil sobre Lobato e sugere práticas didáticas por meio de suas obras.

A análise destes trabalhos permitiu obter-se um panorama geral do que tem sido pesquisado nos programas de Educação e Letras, todavia estes trabalhos foram analisados com o intuito de entender o que está sendo produzido nas universidades neste campo do conhecimento sem, no entanto, esgotar as possibilidades de uma análise mais aprofundada deles e seus desdobramentos no campo da literatura infantil.

Quadro 10 – Categorias e Contribuições em Geral

CATEGORIAS	CONTRIBUIÇÕES PARA AS DISCUSSÕES
Literatura	As pesquisas na categoria Literatura versam sobre a formação do leitor, ressaltam a necessidade do incentivo à leitura nas escolas e discutem o acesso aos livros de literatura e à produção literária para criança. As pesquisas trazem para discussão a relevância do letramento literário e a formação do leitor por meio de práticas pedagógicas seja pelo livro didático ou por estratégias pedagógicas como sequência didática e mediação de leitura pelos professores. Destacam ainda a produção literária para crianças e analisam se os livros premiados pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) estão presentes em sala de aula. Tratam da relevância dos projetos de literatura aplicados com as crianças e da aceitação das famílias a estes projetos e como a inserção da literatura infantil no cotidiano das crianças influencia positivamente no desempenho escolar.
Literatura infantil	Acerca da literatura infantil as pesquisas versam sobre diversos temas entre eles destacam-se as produções que debatem a formação do leitor literário, a potencialidade de criação e fruição literária na prática de leitura de livros literários, há as investigações acerca do que as crianças de 5 a 6 anos têm a dizer a partir das leituras de histórias na escola. Destacam-se a busca pela compreensão dos principais aspectos que levavam à aceitação, ou não, da obra e como ocorre a recepção literária e de que forma o uso do Livro de Imagem pode fornecer possibilidades de construção de conhecimento por meio da observação e da significação dos elementos presentes nas imagens do livro, estabelecendo relação discursiva entre o verbal e o visual na construção do imaginário. Focada ainda nos leitores algumas pesquisas versam sobre as contribuições da leitura de literatura infantil na problematização das experiências e conflitos emocionais de crianças de educação infantil. Outras investigam as influências e contribuição da mediação do adulto no desenvolvimento psíquico das crianças mediante o emprego da literatura infantil. Para além da compreensão focada nos leitores há a reflexão sobre práticas docentes como a utilização das histórias infantis no trabalho com a matemática, a análise das experiências de leitura – referente ao texto escrito – constituídas no contexto escolar e extraescolar. O enfoque sobre os procedimentos utilizados pelos docentes e a seleção de obras de literatura infantil e que práticas os professores exploram para diferentes modos de leitura. Há ainda os desafios de compreender de que maneira utilizar a literatura infantil para promover estratégias da autorregulação sem que a mesma perca seu espaço de fruição. No âmbito da literatura infantil como produção cultural destacam-se os trabalhos acerca da construção, transformação e, ou desconstrução dos símbolos e mitos, bem como análise dos ritmos e imagens em obras específicas. Algumas pesquisas delinham o segmento denominado literatura infantil sob a perspectiva das tradições culturais decorrentes da prática de leitura no Brasil e nos EUA. Outras se aportam na cultura de leitura e

	mediadores de leitura para comparar o processo de formação do indivíduo. Referente à relevância dos contextos socioculturais para os autores há pesquisas que visam analisar a produção literária infantil e juvenil produzida no período da Ditadura Militar. Como debates que refletem discussões contemporâneas destacam-se as pesquisas que visam analisar e problematizar o modo como as identidades infantis de gênero são construídas por meio de pedagogias culturais, como a literatura infantil na escola e ainda na atualidade discutem sobre a representação do gênero feminino e da igualdade de gênero, no imaginário, na literatura infantil.
Literatura infantil brasileira	De um modo geral os trabalhos pesquisados em literatura infantil brasileira, versam sobre a literatura infantil em diferentes contextos, históricos, políticos e sociais do Brasil. Os trabalhos apontam seu surgimento no contexto nacional, a formação do conceito de LI, a história, teoria e crítica da literatura infantil brasileira. Alguns se detêm a examinar a Comissão de Literatura Infantil, criada no ano de 1936 e construção de uma identidade nacional patriótica. Sobre a identidade nacional patriótica destaca-se a inserção da literatura infantil na escola como forma de valorização da memória nacional. Há uma preocupação com a formação do leitor, e um cuidado estético voltado para a formação e o deleite do leitor mirim por meio das poesias infantis. Algumas pesquisas discutem o movimento de constituição desse gênero literário como tema de pesquisa e campo de conhecimento específico no Brasil. Outras resgatam a produção da crítica literária brasileira dos anos 1970 a 1980 sobre literatura infantil. Nas pesquisas aparece a discussão da formação de professores para o emprego da literatura infantil e a necessidade de articular a história do ensino da literatura infantil e sua relação com questões até então não exploradas sobre a história da formação de professores, focalizaram-se aspectos relacionados ao “ensinar a ensinar” literatura infantil nos cursos de formação de professores. Algumas pesquisas dedicam-se a análise da obra de autores como Ana Maria Machado e a personagem-criança representada em sua literatura infantil, a produção literária infantil de Viriato Corrêa (1884-1967) dedicada ao ensino de História para alunos da escola primária e os problemas da literatura infantil, obra com o posicionamento de Cecília Meireles sobre literatura infantil.
Monteiro Lobato	Na categoria Monteiro Lobato as pesquisas se debruçam em ampliar os debates acerca de diversos temas utilizando as obras do autor como aporte. Há pesquisas acerca da literatura infantil/juvenil produzida por Lobato almejando sugerir práticas didáticas em sala de aula por meio desse fazer literário. Existe a preocupação de analisar como Monteiro Lobato concretiza seu projeto de construção de uma literatura infantil brasileira, em obras constituintes da coleção do Sítio do Picapau Amarelo, especialmente por meio do livro Peter Pan, de 1930. Entre as pesquisas selecionadas destaca-se o emprego das obras História do mundo para as crianças (1933) e Geografia de Dona Benta (1935) para a análise a partir de uma perspectiva historiográfica da educação, a produção e circulação destas obras aliadas a proposta de abordagem dos conteúdos das disciplinas de História e Geografia dos livros didáticos tradicionais, no contexto político e educacional da década de 1930 e em meados de 1940. Há pesquisas que versam sobre a desliteraturização pela releitura do livro Fábulas de Monteiro Lobato. Outras abordam as relações entre infância, literatura e mercado editorial, apontando a tensão existente no poder que cerca essas questões com ênfase na análise da trajetória do autor. Alguns trabalhos dialogam sobre temas atuais abordados por Lobato em sua Narrativa como o nacionalismo e os conhecimentos de geografia expressos na obra a Geografia de Dona Benta e a atuação e o engajamento político e econômico do escritor Monteiro Lobato em defesa da causa petrolífera no Brasil com seu discurso do petróleo.

Fonte: Elaborado pela autora (2019).

Monteiro Lobato passou diversos momentos na literatura desde a edição e tradução de obras, especialmente livros didáticos e infantis, contos, artigos, crônicas, críticas literárias, cartas, prefácios e obras que retratam a relevância dos recursos naturais brasileiros, como o ferro e o petróleo. Entretanto, foi na literatura infantil que ele se destacou pavimentando o caminho de outros escritores brasileiros do setor. Lobato percebeu a lacuna existente no mercado editorial brasileiro e uniu isso com a vontade de criar algo exclusivo para crianças e

a euforia de trilhar um novo caminho na literatura brasileira. Ele quebra os moldes europeus da literatura infantil da época quando cria uma literatura sob viés nacionalista refletindo um universo mais próximo e representativo do Brasil demonstrado na reprodução de vilarejos decadentes e pela população do Vale do Paraíba, especialmente na crise do café. Outra marca nacionalista é a presença de personagens folclóricos brasileiros como o Saci e a Cuca. Ele traz uma representação da identidade do brasileiro do campo na figura do Jeca Tatu, um caipira preguiçoso em que rompe com a utopia e a visão romântica que os escritores brasileiros tinham na época, criticando não somente ao indivíduo, mas, também à saúde nesse tipo de ambiente. O olhar que Monteiro Lobato lançava? Ao seu redor era diferente e rompia com as tradições literárias de até então, a ponto de o autor ser repudiado por intelectuais e autoridades. Por apresentar características nacionais e críticas não somente à sociedade, mas, também à literatura, Lobato é considerado um autor representativo do pré – modernismo. Os trabalhos recuperados mostram um pouco de todas as facetas de Monteiro Lobato, pois abrangem desde as obras didáticas e de literatura infantil do escritor a debates políticos-econômicos quando traz à tona o discurso do petróleo em que ele atuou e se engajou na defesa da causa petrolífera brasileira, pois acreditava ser o motor do desenvolvimento e independência financeira do país.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chega-se ao desfecho final desta jornada em que se apresentam os objetivos atingidos e as principais contribuições desta pesquisa, resgatando alguns tópicos tratados e recomendando outros para despertar novas reflexões. Finalizar esta etapa é como dar a luz um filho, em que muitas emoções estão misturadas e conflitantes, mas, que gera uma felicidade sem palavras e número que não é possível quantificar ou qualificar.

Considera-se essa pesquisa relevante, pois fornece um diagnóstico dos diálogos que estão sendo construídos nos programas de pós-graduação (Educação e Letras) acerca da literatura infantil, sendo que a análise das produções nos últimos 10 anos contribuiu para traçar um panorama geral do que tem sido debatido nestes espaços que pode vir a colaborar para identificar as carências e potencialidades dos estudos acerca da literatura infantil, em especial a brasileira. Por conseguinte, os objetivos propostos foram alcançados, pois, analisou-se a produção bibliográfica sobre literatura infantil no Brasil, em dissertações e teses da área do conhecimento Educação e Letras, no período compreendido entre 2009 e 2018, verificando-se que é um campo que tem muitas facetas a ser explorado.

Com base na categorização realizada para a análise dos dados percebe-se que há um consenso nos temas gerais abordados nestas pesquisas que versam sobre o mundo literário e que permitiu a classificação em quatro categorias analisadas, sendo estas: literatura, literatura infantil, literatura infantil brasileira e pesquisas acerca da produção literária de Monteiro Lobato. Estas categorias apontam um panorama da produção nacional e delimitam o que tem sido discutido nas pesquisas, neste campo do conhecimento. De modo geral não há uma uniformidade nas pesquisas desenvolvidas dentro de cada categoria, pelo contrário, percebe-se inovações nas discussões com a abordagem de discursos pós-modernos como a questão de gênero e discriminação, e outros temas como inclusão social que não foram explorados nesta pesquisa por não ser o foco da mesma. Constata-se uma continuidade dos debates, no campo da formação de professores para habilitar estes profissionais na utilização de diferentes linguagens e da literatura infantil como metodologia de ensino e recurso didático, sem falar na fruição que a literatura provoca. Acerca dos trabalhos referentes a Monteiro Lobato, grande influência no campo da literatura infantil no Brasil, depreende-se que há uma atemporalidade nas discussões de suas obras que em detrimento de tantas outras produções, segue sendo um campo fértil de debate e de inúmeras alternativas, algumas elencadas pelos pesquisadores em seus trabalhos.

Com este estudo identificou-se o estado da arte das pesquisas sobre literatura infantil que foram produzidas no Brasil no período de 2009 a 2018. A partir das mesmas traçaram-se algumas considerações sobre o que vem sendo debatido, todavia o que não está sendo discutido também salta aos olhos, como o número reduzido/inexistente de trabalhos dentro de determinados campos do conhecimento como na Ciência da Informação, que anteriormente a pesquisa pressupôs ser um campo conceituado de trabalhos acerca da literatura infantil e na pesquisa descobriu-se haver uma carência de discussões nesta área do conhecimento.

De um modo geral há similaridades nas discussões sobre literatura infantil; conforme mostrou-se no corpo da pesquisa, há uma tendência dos trabalhos se desenvolverem explorando determinadas obras ou autores e a traçarem panoramas históricos ou sociais, trazendo abordagens práticas ou metodológicas.

A produção bibliográfica de literatura infantil no Brasil em Educação e Letras é considerada produtiva e atual com muitos aspectos a serem explorados, desenvolvidos e aprofundados. Alguns pesquisadores tratam a literatura infantil e juvenil como infantil, misturando-as, muitas vezes, sendo difícil separá-las. No presente trabalho, para estudo e análise, considere a literatura infantil e juvenil como infantil.

As áreas de Educação e Letras produziram basicamente a mesma quantidade de trabalhos sobre o tema em questão, mostrando a importância do assunto nas duas áreas de conhecimento.

Sugere-se a ampliação e aprofundamento desta pesquisa, por meio de outras bases de dados e periódicos científicos, com o intuito de verificar se a Ciência da Informação produz trabalhos referentes à literatura infantil, incluindo pesquisas que apresentem a inserção de discursos pós-modernos com questões sobre o papel social da mulher, questões de relações étnico raciais que ampliem os debates acerca das possibilidades da literatura infantil.

Uma pesquisa de mestrado é um processo longo e solitário, me sinto mais madura em comparação ao começo desta jornada. Fiz no início uma comparação a dar a luz um filho, o que de fato aconteceu e sinto isso se repetir, me considero transformada e finalizar é muito gratificante, é o encerramento deste ciclo, ciclo este cheio de dúvidas e incertezas, caminhos percorridos feitos e desfeitos, mas, que me amadureceu como pessoa, como profissional e principalmente como pesquisadora. E para o futuro, quem sabe, não prosseguirei neste caminho de pesquisa e faço o doutorado?

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 5.ed. São Paulo: Scipione, 1997.

AGUIAR, Laura. **O poder das imagens**. 2011. Disponível em: <<https://www.revistaeducacao.com.br/o-poder-das-imagens/>>. Acesso em: 10 mai. 2019.

ALBINO, Lia Cupertino Duarte. **A literatura infantil no Brasil: origem, tendências e ensino**. 2010. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/8682229-A-literatura-infantil-no-brasil-origem-tendencias-e-ensino.html>>. Acesso em: 17 ago. 2016.

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. 3. ed. rev. ampl. São Paulo: UNESP, 2011.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Ed. rev. e actual. Lisboa: Edições 70, 2010.

BORTOLIN, Sueli. **A leitura literária nas Bibliotecas Monteiro Lobato de São Paulo e Salvador**. 2001. 233 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Ciência da Informação, Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista, Marília, 2001. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/bortolin_s_me_mar.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2019.

BOTTMANN, Denise. **Traduções de Monteiro Lobato**. 2011. Disponível em: <<http://naogostodeplagio.blogspot.com/2011/01/traducoes-de-monteiro-lobato.html>>. Acesso em: 14 set. 2019.

BRETAS, Maria Luiza Batista. **Leitura é fundamental: desafios na formação de jovens leitores**. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2010. (Coleção Primeiros Passos).

CAMPEDELLI, Samira Youssef; SOUZA, Jésus Barbosa Souza. **Literaturas: Brasileira e portuguesa: Vol. Único**. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **A poética da voz e da letra na literatura infantil: leitura de alguns projetos de contar e ler para crianças**. 2001. 323f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

CALDIN, Clarice Fortkamp. **Leitura e literatura infanto-juvenil**. Florianópolis: CIN/CED/UFSC, 2010.

CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 4, n. 9, p. 803-809, set/1972.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CARVALHO, Barbara Vasconcelos de. **A literatura infantil: visão histórica e crítica**. 2. ed. São Paulo: Edart, 1983.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. **Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: história, teoria, análise**. 4. ed. São Paulo: Quíron, 1987.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil e juvenil**. 4. ed. rev. São Paulo: Ática, 1991.

COSTA, Marta Morais da; FANTINATI, Carlos Erivany. Dois fundadores: Lobato e Bojunga. In: PEREIRA, Rony Farto; BENITES, Sonia Aparecida Lopes. **À roda da leitura: língua e literatura no Jornal Proleitura**. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2004. p. 111-123.

CRESWELL, J.; PLANO CLARK, V.L. **Designing and conducting mixed methods research**. Thousand Oaks, CA: SAGE, 2007.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 2003.

DINORAH, Maria. **O livro infantil e a formação do leitor**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

ECO, Humberto. **Como se faz uma tese em Ciências Humanas**. 13. ed. Barcarena: Presença, 2007.

FLECK, Felícia de Oliveira; CUNHA, Miriam Figueiredo Vieira da; CALDIN, Clarice Fortkamp. Livro ilustrado: texto, imagem e mediação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 21, n. 1, p. 194-206, jan./mar. 2016.

FRÉO, Tatiane. Literatura infantil e a formação do sujeito. **Periódico da leitura**, 2011. Disponível em: <<http://periodicodaleitura.blogspot.com.br/2011/04/literatura-infantil-e-formacao-do.html>>. Acesso em: 19 nov. 2016.

GIARETTA, Liz Andréia. **Monteiro Lobato e o Sítio do Picapau Amarelo: uma análise do pensamento geográfico**. 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, rio Claro, 2008.

GLOBO. Memória Globo. Sítio do Picapau Amarelo – 1ª versão. 2013. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/infantojuvenis/sitio-do-picapau-amarelo-1-versao/curiosidades.htm>>. Acesso em: 10 fev. 2019.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil**: múltiplas linguagens na formação de leitores. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura infantil/juvenil, sociedade e ensino**. 2007. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/prog_pdf/prog11_01a.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2018.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil**. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996. v.1.

KIRCHOF, Edgar R.; BONIN, Iara T.; SILVEIRA, Rosa Maria H. Apresentação literatura infantil e diferenças. **Educação e Realidade**, v. 38, n. 4, Porto Alegre, out./dez. 2013. Disponível: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362013000400002>. Acesso em: 11 abr. 2016.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: história e histórias. 6. ed. São Paulo: Ática, 2007.

MACHADO, Pâmela Bastos. **Netos de Lobato**: modos de ler o Sítio do Picapau Amarelo no século XXI. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

MARQUES, Bárbara Cristina; CALZAVARA, Rosemari Bendlin. **Teoria da Literatura I**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.

MAUAD, Ana Maria. A vida das crianças de elite durante o Império. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999. p. 137-176.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária**: poesia. São Paulo: Melhoramentos, 1984.

MORAES, Fabiano; VALADARES, Eduardo; AMORIM, Marcela Mendonça. **Alfabetizar letrando na biblioteca escolar**. São Paulo: Cortez, 2013. (Coleção biblioteca básica de alfabetização e letramento).

MORTATTI, Maria do Rosário L. Literatura infantil e/ou juvenil: a ‘prima pobre’ da pesquisa em Letras? **Guavira Letras**, Campo Grande, v. 6, p. 43-65, 2008.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. **Metodologia da pesquisa**: abordagem teórico-prática. 17. ed. Campinas (SP): Papyrus, 2012.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D. **Literatura infantil**: voz de criança. São Paulo: Ática, 2006.

PERES, Fabiana Costa; MARINHEIRO, Edwylson de Lima; MOURA, Simone Moreira de. A literatura infantil na formação da identidade da criança. **Revista eletrônica pró-docência**. UEL, Londrina, n. 1, v. 1, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/prodocenciafope>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

PRODANOV, Cléber Cristiano; FREITAS, Ernani César de. **Metodologia do trabalho científico (recurso eletrônico)**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em: 10 mai. 2019.

RIBEIRO, Rosane. **Educando com responsabilidade**. 2012. Disponível em: <http://educadorarosane.blogspot.com/2012/04/leitura-espontanea-e-prazerosa-uma.html>. Acesso em: 30 mar. 2017.

SALES, José Batista de. Monteiro Lobato na escola no século XXI: a presença do escritor nas aulas de literatura, em Mato Grosso do Sul. In: AGUIAR, Vera Teixeira; MARTHA, Alice Áurea (org.). **Territórios da leitura**: da literatura aos leitores. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis: ANEP, 2006. p. 143-164.

SAMUEL, Rogel. Conceitos gerais. In: SAMUEL, Rogel (org.). **Manual de teoria literária**. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. cap. 1. p. 7-52.

SAMUEL, Rogel. **Novo manual de teoria literária**. 4. ed. rev. e ampl. Petrópolis: Vozes, 2007.

SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga**: as renaixências renovadas. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SANDRONI, Laura. De Lobato à década de 70. In: SERRA, Elizabeth D'Angelo (org) **30 anos de literatura para crianças e jovens: algumas leituras**. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação da Leitura do Brasil, 1998. p. 11-26.

SANTOS, Marco Antonio Cabral dos. Criança e criminalidade no início do século. In: DEL PRIORE, Mary (org.). **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999. p. 210-230.

SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** Tradução de Carlos Felipe Moisés. 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Fernanda Rachel Camargo da Silva. Literatura infantil no Brasil – Figueiredo Pimentel. 2010. In: JORNADA PEDAGÓGICA DO LALUPE. Disponível em: <http://www.joped.uepg.br/2010/anais/oral/20028_2_FINAL.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2018.

SIMÕES, Lucila Bonina Teixeira. Literatura Infantil: entre a infância, a pedagogia e a arte. **Cadernos de Letras da UFF**, Dossiê: O lugar da teoria nos estudos linguísticos e literários, n. 46, p. 219-242, fev. 2013. Disponível em:

<<http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/46/diversa1.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2016.

SOSA, Jesualdo. **A Literatura Infantil**. São Paulo: Cultrix, 1993.

SOUZA, Roberto Acízelo de. **Teoria da literatura**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1999.

TEIXEIRA, Deglaucy Jorge Teixeira; GONÇALVES, Berenice Santos; CALDIN, Clarice Fortkamp. A narrativa digital interativa como suporte da literatura infantil contemporânea. In: SEMINÁRIO DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL, 7., 2017, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis, 2017.

TODOROV, Tzevan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2017.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação**. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

VALERIO, Raphael Guazzelli. Notas sobre a Literatura Infantil Brasileira. **Trilhas Pedagógicas**, v. 4, n. 4, ago. 2014, p. 79-88. Disponível em: <<http://www.fatece.edu.br/arquivos/arquivos%20revistas/trilhas/volume4/5.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

VARGAS LLOSA, Mario. A importância da leitura. **Substantivo plural**, Rio Grande do Norte, out. 2010. Seção Precisamos ler bons livros e incitar à leitura os que vêm depois de nós. Disponível em: <<http://www.substantivoplural.com.br/a-importancia-da-literatura/#more-22513>>. Acesso em: 21 mar. 2017.

VERRUMO, Marcel. Monteiro Lobato, o empreendedor preso por Vargas. In: VERRUMO, Marcel. **História bizarra da literatura brasileira**. São Paulo: Planeta, 2017. cap. 43, p. 267-272.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção leitura e crítica).

YUNES; Eliana; PONDÉ, Glória. **Leitura e leituras da literatura infantil**. São Paulo: FTD, 1988.

ZIKMUND, William G. **Business research methods**. 5.ed. Fort Worth, TX: Dryden, 2000.